

*A Casa  
das Loucas*



# *A Casa das Loucas*

*Ditado pelo Espírito Sete Porteiras  
Médium Roberto R. Rodrigues*

*Lilian Campos  
Copyright|2019*

*1ª edição*

**Copyright © Lilian Campos. 2019**

**ISBN: 978-65-900535-6-5**

**Autoria**

Lilian Campos

**Capa**

Lilian Campos

**Diagramação e Revisão**

Davilan Vilela Borges

C198t

Campos, Lilian

A Casa das Loucas / Lilian Campos – 1. Ed.  
– Foz do Iguaçu – PR: Edição da autora, 2019.  
128 p.: 14 x 21 cm.

ISBN 978-65-900535-6-5

1. Espiritismo. 2. Mediunidade. I. Título.

CDD: 133.93

CDU: 133.7

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida por quaisquer meios existentes sem autorização por escrito da autora.

## CARTA AO LEITOR

A história que se desdobra nas próximas páginas, traz um retrato fiel de diversas situações que acontecem cotidianamente em muitos lares.

São relatos verdadeiros, experienciados por um casal que hoje trabalha no plano espiritual e aguarda o momento oportuno para iniciar nova jornada no plano terreno.

Para não interferir na caminhada dos encarnados que trazem vínculos com esses irmãos, todos os nomes e locais foram alterados.

Conscientes da importância de propagar ensinamentos, Artur e Mariana, assim chamados nessa história, consentiram com alegria a divulgação de suas experiências durante o tempo na Terra e após o desencarne.

Compartilhando o desejo sincero de evolução entre os encarnados, desejamos que os fatos a seguir os inspirem a buscar a libertação das tendências perniciosas que impedem a felicidade durante o tempo na Terra, e retardam o avanço espiritual, pois o objetivo primordial de cada alma que caminha hoje no plano terreno é alcançar patamares mais elevados em sua jornada espiritual.

Os laços de amor que envolvem companheiros de caminhada são bálsamos que fortificam a alma, contudo, muitas vezes se transformam em correntes que atrasam a evolução do espírito.

O apego, habitualmente confundido com amor, é uma força destrutiva que tortura a criatura encarnada, paralisa seus mais elevados anseios, e mantém o espírito atado a infelicidade.

No íntimo de cada ser brilha o desejo de liberdade, sentimento natural do espírito, e o amor entre encarnados para ser vivido em sua plenitude, deve comungar com essa essência espiritual e jamais se aprisionar aos mandamentos enfadonhos do ego.

O amor manifesta-se na cumplicidade entre espíritos afins, que quando afastados das armadilhas do ego dão asas para liberdade e deleitam-se na felicidade, ele nunca poderá se manifestar em

grandiosidade onde predomina a angústia do medo, da insegurança, do domínio e do apego demasiado.

Quando o ser encarnado deposita toda sua expectativa, felicidade, e desejo de viver no outro, é tomado pelo medo, pela sensação de vazio, perde-se de si mesmo, e não consegue mais perceber a luz divina que lhe dá a vida, passa a acreditar piamente que sua existência depende daquele em quem depositou todos seus sentimentos, para esses, urge a retomada de consciência, e a percepção de que a vida vibra em cada ser, independente da vontade, aceitação, ou permissão do outro.

Poderia o amor se manifestar em plenitude quando se encontra engessado pelos medos e traumas do passado? Certamente não, pois estaria sufocado e preso à luta exaustiva pela libertar-se.

Os acontecimentos do passado, que por vezes deixaram cicatrizes profundas, só podem influenciar o momento presente se assim desejarem, portanto, vivam no agora e não alimentem as lembranças que se afiguram como verdadeiras cenas de terror que se repetem em suas mentes.

É imprescindível que os encarnados compreendam a importância de viver juntos, no agora, no momento presente, sem acorrentar-se a promessas que não sabem se poderão cumprir, sem agarrar-se a mágoas e acontecimentos do passado, despertos para a imortalidade do espírito, que nunca se acaba, desaparece ou morre.

Os seres amados que hoje vivem e caminham juntos, nunca serão separados eternamente, o afastamento, por mais doloroso que seja, sempre é temporário, e se apresenta como oportunidade de aprendizado e evolução para o espírito.

Uma vez que dois corações se unem pelos laços do amor, deixam registrados no espírito uma marca que reverbera em todos os planos, portanto, sempre estarão unidos por fios invisíveis e indissolúveis, que promovem o reencontro.

*Irmão da Luz.*

## SUMÁRIO

CAPÍTULO I – Fragmentos do passado.....	9
CAPÍTULO II – A separação .....	32
CAPÍTULO III – Dominadas pela loucura.....	59
CAPÍTULO IV – Trevas da inconsciência.....	80
CAPÍTULO V – Eterna jornada .....	102



# CAPÍTULO I

## Fragmentos do passado

Artur esforçava-se para manter a concentração no trabalho, eram quase 10 horas da manhã e desde o primeiro minuto do dia sentia-se envolvido por uma inexplicável inquietação, olhava para a mesa repleta de anotações e nomes de clientes que aguardavam o retorno de sua ligação, mas não conseguia raciocinar com calma ou se organizar.

Ele passava a maior parte do tempo na pequena corretora de imóveis onde trabalhava há quase dez anos, funcionário aplicado em pouco tempo conquistou a confiança e simpatia do chefe, o que lhe rendeu a administração de uma pequena filial onde trabalhava sozinho cuidando das vendas e aluguéis de imóveis em um bairro de Guarulhos.

Com quase trinta e três anos era um homem elegante, sempre bem vestido, os ternos impecáveis lhe davam uma aparência respeitável, os cabelos pretos levemente encaracolados, a pele branca, o rosto longilíneo, olhos grandes, castanhos, cheios de ternura e bondade, e o sorriso contagiante, tornavam Artur um homem encantador.

Apesar da bela aparência, Artur esquivava-se de envolvimento frívolos, teve poucas namoradas e prezava por uma vida longe de badalações, tumultos e relacionamentos desgastantes, apreciava a companhia dos pais, com quem compartilhava a calma da casa onde nasceu.

Ele olhava para a mesa cheia de trabalho e tentava se concentrar, mas algo dispersava sua atenção, os pensamentos vagavam entre as lembranças da infância e juventude.

Mergulhado em reflexões, foi interrompido com o barulho da porta se abrindo, olhou assustado e notou que uma jovem mulher entrava na corretora, certamente uma cliente em busca de imóveis.

Prontamente se levantou, foi em direção da mulher, com um sorriso acolhedor estendeu a mão e cumprimentou:

— Bom dia! Seja bem-vinda! Me chamo Artur, sou corretor de imóveis, em que posso ajudá-la?

## Capítulo I – Fragmentos do passado

A mulher retribuiu o sorriso e o aperto de mão, com certa cautela e timidez, iniciou a explicação:

— Cheguei em Guarulhos há algumas semanas, estou hospedada na casa de uma amiga e não quero abusar da hospitalidade, preciso encontrar um imóvel para viver.

— Sente-se, vamos conversar! Como se chama?

— Mariana.

— Senhora Mariana, quais são suas preferências? Casa, apartamento? No centro, ou em algum bairro específico?

— Gostaria de uma casa pequena, de preferência próximo ao meu trabalho.

— Onde a senhora trabalha?

— No colégio Santa Luzia, fica aqui perto.

— Sim, conheço o colégio. A senhora é professora?

— Sou, vim do interior para dar aulas aqui na cidade, comecei agora, no início desse ano.

— Acho que hoje é seu dia de sorte, tem uma casa disponível nas imediações do colégio.

— Senhor Artur, como deve imaginar, o salário de professora não é alto, então preciso de um imóvel compatível com minha renda.

— Essa casa da qual lhe falei é um imóvel humilde, com apenas três peças, o valor não é alto, mas preciso ser franco, a casa precisa de reparos! O proprietário pediu um aluguel baixo, mas não quer gastar com reformas. Se tiver interesse podemos marcar uma visita.

— Aceito, pode ser no horário do almoço? Não posso perder outra manhã de trabalho!

— Sim, às 12 horas, eu levo a senhora no meu horário de almoço!

Mariana se levantou, deu um leve sorriso e acrescentou:

— Fico muito agradecida, mas não precisa me chamar de senhora, apenas Mariana!

Artur estendeu a mão para Mariana, correspondendo o sorriso falou:

— Está certo, te aguardo! Então... até amanhã Mariana!

Mariana deixou a sala, e quando fechava a porta olhou para trás, notou que Artur a observava, acenou timidamente e deu mais um sorriso.

Ele retribuiu e voltou para sua mesa.

Artur estava acostumado a atender todos os tipos de clientes, mas Mariana parecia diferente, algo na moça lhe despertou a atenção.

Ele se levantou e foi até a porta, ainda conseguiu ver Mariana antes que ela dobrasse a esquina.

Era uma jovem muito bonita, alta, magra, cabelos castanhos longos, presos alinhadamente em um coque, os olhos verdes pareciam misteriosos, os gestos retraídos, o olhar esquivo denunciavam a timidez da moça, tudo em Mariana mostrava sobriedade e discrição.

No dia seguinte, às 12 horas em ponto Mariana entrava no escritório.

Ao notar a chegada da cliente, Artur se levantou, pegou o paletó e se apressou em dizer:

— Estou pronto! Vamos lá?

— Sim, estou ansiosa! Gosto muito da minha amiga, mas não vejo a hora de ter minha privacidade.

Poucos minutos depois, Artur e Mariana chegavam à casa.

O corretor abriu o portão, olhou para Mariana e explicou:

— Eu sei que à primeira vista não parece nada bom! A parte exterior nós mandamos pintar, e mesmo assim não ficou muito convidativo. É como expliquei, o valor é baixo, mas o imóvel é bem humilde!

Mariana não parecia muito animada, ao entrar na casa notou que o imóvel estava ainda pior, as paredes sujas e emboloradas, um cheiro forte de mofo, algumas paredes denunciavam infiltrações, no teto as manchas acusavam goteiras, o banheiro minúsculo e com a janela quebrada.

Ela olhou para Artur e comentou:

— É... está bem pior do que imaginei! Sinceramente não sei o que fazer, semana passada visitei alguns imóveis, a maioria estava nessas

condições! Aqueles em melhor estado estão além da minha condição financeira!

Artur olhou para o rosto entristecido da moça, sentiu algo doer no próprio coração, solidariamente falou:

— Mariana, se você aceitar eu acho que podemos melhorar isso aqui! Tenho alguns galões de tinta em minha casa, posso te ajudar a pintar, com certeza uma mão de tinta vai melhorar bastante!

— Não! Não posso aceitar! Seria um abuso da minha parte! O senhor já foi bom demais me trazendo aqui no horário do seu almoço! E... sua esposa pode não gostar!

— Não se preocupe, não sou casado, moro com meus pais e eles não se importarão!

— Senhor Artur, não poderei pagar muito pela sua ajuda!

— Pare de me chamar de senhor! E não vou cobrar nada! Farei com prazer! Esse imóvel está desocupado há meses, e vai continuar assim! Se você alugar será bom para a corretora, para o proprietário e para mim também! Estaremos nos ajudando! E o valor é acessível!

— Está bem! Você me convenceu! Vamos tratar da papelada, quero me mudar o quanto antes! Chega de abusar da minha amiga!

Uma semana depois Mariana se mudava para a nova casa, comprou alguns móveis, cortinas e tapetes, objetos simples, mas de bom gosto.

Quando abria uma caixa de livros ouviu uma buzina na frente da casa, foi até a janela e viu Artur acenando.

O rapaz entrou pela porta dos fundos, viu que Mariana havia providenciado uma geladeira, um fogão, uma mesa pequena com quatro cadeiras e algumas prateleiras para a cozinha, curioso, ele perguntou:

— De onde conseguiu os móveis?

— Minha amiga me indicou uma loja de usados, consegui comprar quase tudo que precisava com as economias que tenho, não é nada luxuoso, mas por enquanto é o suficiente!

— Que bom! O que mais comprou?

— Entre, venha dar uma olhada! Comprei uma cama e uma cômoda para o quarto, algumas cortinas e tapetes!

A Casa das Loucas, por Lilian Campos

— E sofá, televisão? Não vamos ter uma sala?

Mariana deu uma gargalhada e respondeu:

— Onde vou colocar um sofá e fazer uma sala nessa casa minúscula? Você me alugou uma casa com quarto, cozinha e banheiro! Esqueceu?

Ele retribuiu a gargalhada e acrescentou:

— É verdade! Acho que você não fez um bom negócio! Seu corretor te enganou!

Mariana deu outra gargalhada e puxou Artur pela mão:

— Venha conhecer minha grande casa!

— Amanhã é domingo, sei que gostaria de descansar, mas é o único dia que posso te ajudar a pintar essa casa! Posso vir?

— Artur! Não quero que sacrifique seu único dia de descanso!

— Não vou sacrificar nada! Ajudarei uma amiga! Isso não é sacrifício!

— Amiga? Desde quando somos amigos?

— Desde o dia que você entrou em minha sala e... deixe isso para lá!

— Me conte! Desde o dia que entrei em sua sala e... e o quê?

— E me senti mais calmo! Naquele dia acordei ansioso, inquieto, e quando você chegou tudo pareceu calmo e tranquilo! Mas vamos deixar isso para lá, posso vir amanhã às 8 horas? Pode ser?

— Está bem! Te espero às 8 horas!

No dia seguinte, às 8 horas da manhã Artur batia no portão.

Mariana acordou assustada, tomada pelo cansaço da mudança não ouviu o relógio despertar, as pressas correu até a janela e fez sinal para Artur entrar.

Quando abriu a porta, notou que Artur olhou espantado e tentou disfarçar o sorriso debochado.

Intrigada com a reação do rapaz, ela perguntou:

— O que foi? Por que está rindo desse jeito?

— Nada não! Seus cabelos estão te denunciando, falaram que você levantou correndo e nem se penteou!

Ela se apressou em alisar os cabelos, envergonhada correu para o banheiro:

— Meu Deus! Devo estar toda descabelada! Espere, vou me arrumar, já venho fazer um café para nós!

Pouco tempo depois ela voltava com os cabelos presos em um coque, rosto lavado, e um sorriso encabulado. Artur olhou e mal conseguiu esconder a admiração, Mariana usava um pijama largo e estampado de algodão, nada sedutor, no entanto, ela parecia ainda mais linda.

Os dois tomaram o café, e começaram o trabalho, enquanto pintavam contavam sobre suas vidas e se conheciam mais.

Mariana e Artur passaram o dia arrumando a pequena casa, pintaram as paredes, colocaram as cortinas, tapetes, Mariana pendurou alguns quadros na parede e no final da tarde o ambiente estava renovado, a simplicidade e o capricho dos dois tornaram o lugar aconchegante.

Quando terminavam de jogar as latas de tinta no lixo, o rapaz olhou entristecido e comentou:

— Terminamos! Acho que agora é melhor eu voltar para casa. Se precisar de alguma coisa pode passar na corretora.

— Artur, estava pensando, não sei se você tem tempo, se vai aceitar... Quer jantar comigo amanhã? Posso preparar algo para nós!

O olhar triste de Artur deu lugar a um sorriso empolgado, e prontamente ele respondeu:

— Às 19 horas?

— Pode ser! Às 19 horas!

Ele deu um abraço em Mariana, e quando se virou para sair ela disse:

— Espere! Artur, quero agradecer a ajuda! Até hoje ninguém fez algo assim por mim!

— Mariana, se eu te confessar uma coisa, você promete não rir?

— Prometo! Fale!

— Quando vi você entrar naquela corretora eu senti algo estranho, é como se já te conhecesse há muito tempo!

Ela abaixou a cabeça, e com sua característica timidez respondeu:

— Eu entendo, senti o mesmo!

Ela mal terminou de responder e Artur estendeu a mão acariciando seu rosto, hipnotizado pelos olhos brilhantes de Mariana não conseguiu se conter, aproximou-se um pouco mais e a abraçou, sentindo que compartilhavam os mesmos sentimentos, ele se sentiu encorajado e a beijou com carinho, e uma saudade inexplicável.

Naquele final de domingo se iniciava uma nova caminhada para aqueles dois espíritos que se reencontravam atraídos por laços do passado.

Artur e Mariana começaram a namorar, e quando completaram um mês de namoro o rapaz fez a proposta:

— Mariana, meus pais desconfiam que estou namorando, pois fico mais tempo aqui do que em casa! Quero que vá conhecê-los! Você aceita?

— Claro que sim! Se quiser podemos marcar para o próximo domingo!

— E seus pais? Você não quer marcar uma viagem para me apresentar?

— Não, não creio que seja necessário!

— Marina, qual é o problema com seus pais? Você nunca fala deles ou da sua família!

— Artur, não tenho afinidade com maus pais, saí de casa muito cedo para morar com uma tia, raramente falo com eles!

— Mas por quê? Eles não tinham condições de te criar?

— Sempre foram pessoas difíceis, meu pai tem problemas com álcool, minha mãe sempre foi muito nervosa, impaciente, apanhávamos por qualquer motivo, e as surras eram... Eram... Eram bem violentas! Quando completei dez anos estava cansada de apanhar, fui visitar minha tia e contei as barbaridades que aconteciam em nossa casa, ela se apiedou e me convidou para morar com ela

— E seus pais deixaram? E seus irmãos?

Capítulo I – Fragmentos do passado

— Não se importaram muito! Tinha dois irmãos mais velhos, eles também saíram de casa muito cedo, se perderam no mundo.

— E sua tia? Onde ela está?

— Esse é o problema! Fiquei alguns anos com minha tia, quando completei treze anos ela faleceu e fui obrigada a voltar para a casa dos meus pais.

— Nossa! E como foi voltar para casa dos seus pais?

— Foi horrível! Eu me apeguei e amava muito essa tia, foi uma grande perda, passei meses deprimida, fiquei doente. Minha volta para casa não foi fácil, meus pais se tornaram ainda mais agressivos, minha mãe brigava por tudo! Fiquei alguns meses com eles, depois fui para casa de outra tia onde fiquei pouco mais de um ano.

— E essa outra tia? O que aconteceu?

— No início ela adorava minha companhia, mas depois de algum tempo começou a se sentir incomodada, acho que não conseguiu se acostumar com outra pessoa em sua casa, e novamente fui mandada para junto dos meus pais! Quando completei dezesseis anos, recebemos a visita de minha madrinha, fazia anos que não tínhamos notícias, era praticamente uma estranha, percebendo que eu era uma moça caprichosa e tranquila, ela pediu aos meus pais para que eu fosse morar com ela, com quase sessenta anos sentia-se cansada, precisava de ajuda em casa, no início meus pais negaram, mas quando ela ofereceu um presentinho, logo eles mudaram de ideia e me mandaram fazer as malas!

— Meu Deus! Eles te venderam?

— Praticamente isso, foi estranho, não lembrava daquela mulher, mas ainda me parecia melhor que continuar com meus pais.

— E essa sua madrinha? Você tem contato com ela?

— Não, nunca criamos laços de amor, ela precisava de uma empregada, foi por isso que me levou, ela nunca me deixou faltar nada, me tratava com respeito, me ajudou a completar os estudos, fiz o magistério, mas sempre foi uma pessoa distante, um pouco fria! Quando falei que pretendia mudar para Guarulhos ela não mostrou preocupação, me deu algum dinheiro e desejou boa sorte! Para ser sincera, percebi um alívio quando me despedi!

— Sinto muito! Agora entendo por que não fala deles!

— Não me ressinto pela vida que tive, mas não tenho vontade de rever minha família ou madrinha, são como estranhos! A única pessoa que amei nessa vida foi minha tia que morreu, e agora você!

— Você está dizendo que me ama?

— Sim! Amo muito! Nunca encontrei alguém que me desse tanto carinho!

Artur a abraçou, fez o possível para transmitir segurança e conforto, ele viu nos olhos de Mariana que ela ainda trazia profundas marcas do passado.

As revelações deram a Artur uma outra visão, por trás da aparência tímida e personalidade introspectiva, Mariana trazia uma grande fragilidade e carência, ela se esforçava para mostrar seriedade e equilíbrio, mas frequentemente se traía com demonstrações de insegurança e medo.

No domingo Mariana conheceu a família de Artur, os pais do rapaz foram receptivos e amáveis, e em pouco tempo ela sentia-se como parte da família.

Quando completaram nove meses de namoro, Mariana e Artur eram o exemplo de casal feliz, ele fazia todas as vontades da namorada e ela retribuía sempre.

Artur estava cada dia mais apaixonado, sentia como se Mariana fosse uma parte sua, mas algo o preocupava, a namorada parecia cada dia mais insegura, amedrontada e carente.

Ele fazia o possível para ser pontual nos encontros, informá-la onde estava, evitava falar sobre o passado triste e infância de Mariana, mas o menor atraso era o suficiente para ela se apavorar.

No início ele pensou que era ciúmes, ou uma tentativa de controlá-lo, mas com o tempo percebeu que Mariana sentia medo de perdê-lo, parecia traumatizada e ficava cada vez mais apegada.

Completamente apaixonado ele não via o problema como algo que pudesse comprometer a felicidade dos dois, mas sentia-se triste quando percebia o sofrimento causado por traumas de infância.

Capítulo I – Fragmentos do passado

No final de 1975, se aproximavam as festas de final de ano, Artur se preparava para fechar o escritório quando Mariana entrou aflita.

Ele notou que a namorada estava pálida, ofegante, preocupado correu em sua direção:

— Mariana, está tudo bem? Aconteceu alguma coisa?

— Artur, precisamos conversar!

— Vou pegar um copo de água para você! Sente-se e fique calma!

Ele voltou com um copo de água e se sentou ao lado de Mariana, segurou as mãos na namorada e perguntou:

— O que aconteceu? Suas mãos estão geladas? Está tremendo!

— Eu não sei como te contar! Não quero que pense coisas erradas, não fiz de propósito!

— Meu Deus Mariana! Fale logo! O que aconteceu?

— Eu estou grávida!

Artur fixou os olhos estalados em Mariana, engoliu seco, ficou mudo, parecia confuso.

Ela olhava para o namorado que parecia em estado de choque, com a voz trêmula e chorosa começou a implorar:

— Não pense que fiz de propósito!

Ele se levantou, deu algumas voltas pelo escritório, secou a testa que transpirava, passou a mão nos cabelos, respirou profundamente e continuou calado.

Mariana mal conseguia segurar as lágrimas, aflita ela olhava para Artur, sentia vontade de fugir. Seu coração dizia que o namorado ficaria feliz, mas a insegurança e medo, que eram seus carrascos, torturavam sua mente com ideias de abandono e humilhação.

Passaram-se quase dois minutos de silêncio, Artur andava de um lado para o outro e Mariana se oprimia para não cair em pranto convulsivo.

Artur parou em frente de Mariana, com o olhar sério, e voz grave falou:

— Se levante!

— O quê?

— Pedi para você se levantar! Me dê sua mão e levante!

Mariana atendeu, ficou em pé diante de Artur, aguardava que ele pedisse para ela sair e sumir de sua vida. Ele respirou fundo novamente e falou:

— Você quer se casar comigo?

— O quê?

— Você quer se casar comigo?

— Sim! Sim! Eu achei que você me mandaria sumir!

— Não! De onde tirou essa ideia?

— Você ficou andando de um lado para o outro sem falar nada!

Pensei que...

— Estava pensando em como retribuir a melhor notícia que já tive em minha vida! Meu amor, você é a mulher que eu amo, e me fala que vamos ter um filho! Isso é maravilhoso!

Mariana abraçou Artur, sentia-se aliviada.

Percebendo que a namorada ainda mostrava insegurança, Artur afirmou:

— Vamos começar a procurar uma casa melhor, não podemos criar um filho na casa dos meus pais e muito menos naquela casinha que você mora! Concorda?

— Sim, claro que sim!

— Vou contar hoje mesmo para meus pais, certamente mamãe vai te ajudar com os preparativos do casamento!

— Artur, se você concordar, eu prefiro uma cerimônia simples, nada de festas, apenas seus pais e amigos próximos.

— Por mim está ótimo! Não vai convidar ninguém da sua família?

— Não, você sabe como é... Não tenho contato e nem notícias há muito tempo! Talvez convide algumas das professoras da escola!

— Como quiser, vamos providenciar tudo! Quando nosso filho, ou filha chegar, quero que encontre tudo pronto!

Os meses seguintes passaram rapidamente, Artur e Mariana encontraram uma boa casa, com espaço amplo e confortável, um quintal

grande e ensolarado, providenciaram os móveis, decoração, e dedicavam-se com extrema alegria ao enxoval do bebê.

Eloisa, mãe de Artur, organizou os preparativos do casamento, atendendo aos pedidos do casal fez uma comemoração simples, com poucos convidados. E quando Mariana entrou no sexto mês de gestação eles estavam casados.

A casa nova, o marido dedicado, e a espera do primeiro filho, davam a Mariana uma felicidade que nunca teve, era a primeira vez em sua vida que tinha a oportunidade de sentir-se parte de uma família amorosa e bem estruturada, tudo parecia perfeito, mas algo sempre lhe causava inquietação, ansiedade e angústia, um medo incomensurável tomava conta de sua mente, era como se algo trágico pudesse acontecer e levar embora toda a alegria que finalmente experimentava.

A chegada da filha trouxe novas responsabilidades, Maria Eduarda era uma criança tranquila, que dava pouco trabalho, contudo, as preocupações e insegurança de Mariana pareciam triplicar. Ela vivia imersa em medos e inquietações, passava horas vigiando a filha recém-nascida, quase não dormia, a cada quinze minutos ia até o berço para ter certeza que a pequena respirava, que o coraçãozinho batia, se estava bem agasalhada, e bastava um pequeno murmúrio de Maria Eduarda para que Mariana se angustiasse temendo que algo pudesse acontecer a sua filha.

O primeiro ano de vida de Maria Eduarda foi envolvido por cuidados excessivos, Mariana não permitia que outras pessoas cuidassem da filha, abandonou o trabalho para se dedicar integralmente a família.

Artur percebia os cuidados exagerados, os medos e aflições que torturavam a esposa, mas acreditava que as atitudes eram condizentes com a inexperiência da maternidade, e que, certamente desapareceriam quando a filha ficasse um pouco maior.

A vida seguia tranquilamente, Artur dedicava-se a pequena corretora e a família, amava a vida com Mariana e a filha, eram um casal que raramente discutia, tinham ideias parecidas e conseguiram manter o lar em paz e equilíbrio.

Quando Maria Eduarda completou dois anos Mariana sentia-se mais segura, os medos e aflições iniciais se dissiparam, finalmente ela

parecia mais tranquila e começava a pensar na possibilidade de deixar a filha com os avós e retomar o trabalho na escola, preparava-se para procurar emprego quando foi surpreendida por uma nova gravidez.

Novamente Artur se mostrou um marido exemplar, cercou Mariana de cuidados, todas as noites sentava-se com Maria Eduarda para falar sobre a nova irmãzinha ou irmãozinho que chegaria.

A segunda filha nasceu saudável, e assim como Maria Eduarda, também era uma menina tranquila.

Novamente Mariana passou meses refém de um medo quase incontrolável, dormia pouco, abandonou a ideia de retomar o trabalho, quase não saía de casa e passava a maior parte do tempo vigiando a recém-nascida. A preocupação excessiva parecia sugar as energias de Mariana que vivia oprimida e angustiada.

Praticamente isolada do mundo exterior, raramente falava com outras pessoas, recusava-se a sair com a filha recém-nascida e cada vez se afastava mais dos sogros.

Eloisa e Euclides eram sogros amorosos e sempre dispostos a ajudar o casal, tratavam Mariana como uma filha, as netas eram como duas joias que enfeitavam suas vidas.

Eloisa admirava a dedicação da nora, mas desde o início percebeu que algo não parecia bem, o medo e insegurança de Mariana pareciam sufocantes, Artur lidava bem com a situação, era compreensivo e sempre justificava o comportamento da esposa falando que eram os traumas da infância. Eloisa demonstrava compreensão, evitava interferências na vida do casal, mas percebia que tudo aquilo acarretava sofrimento a nora e em longo prazo poderia prejudicar o casamento.

Pressentindo que o sumiço e afastamento na nora poderiam estar relacionados aos medos de Mariana, Eloisa aproveitou a ausência de Artur, preparou algumas guloseimas para a neta e foi até a casa do casal, pretendia conversar e ajudar a nora.

Quando chegou à casa mal conseguiu esconder o espanto, Mariana mostrava olheiras profundas, o rosto pálido e o corpo magro indicavam que algo não estava bem, em pouco minutos de conversa

## Capítulo I – Fragmentos do passado

Eloisa notou que a nora parecia nervosa e se apavorava com qualquer sussurro da criança que dormia tranquilamente no berço.

Olhando com piedade para a nora, Eloisa pegou a pequena Maria Eduarda no colo enquanto carinhosamente falou para Mariana:

— Filha, não quero me intrometer na criação das meninas, mas você precisa descansar, sair um pouco de casa, Clara vai completar quatro meses, e desde o dia que ela nasceu você está aqui trancada!

— Eu sei dona Eloisa, mas acho perigoso sair com ela na rua, ainda é muito pequena, tenho medo que fique doente!

— Esse é o problema! Mariana, você vive cercada por medos, aflições, basta que uma das meninas espirre para você se desesperar! Filha, isso não é bom para você e nem para elas!

— Tenho medo que algo aconteça, não quero perder minhas meninas!

— Não vai acontecer nada! Precisa ter um pouco mais de fé! Mariana, nós sabemos que sua infância não foi fácil, passou boa parte da vida sendo jogada de uma casa para outra, mas isso já acabou! Não vai acontecer mais! Filha, enquanto carregar esses traumas do passado vai viver presa ao medo!

— Eu sei! Quando olho para minhas meninas e lembro da minha infância, sinto uma dor no coração, quero que elas tenham tudo que não tive!

— Minha querida, eu entendo, quando Artur era pequeno eu desejava o mesmo, mas isso não pode se tornar um martírio! E esse seu medo não é apenas com as meninas, é ainda maior quando se trata de Artur!

— Artur foi a única pessoa que me amou! Não sei o que faria sem ele! Tenho tanto medo! Tanto medo! Tanto medo de perdê-lo!

— E se você procurasse a ajuda de um médico? Um desses especialistas!

— Um psiquiatra? Não sou louca!

— Calma! Calma querida! Não estou falando que é louca, mas que um profissional talvez possa te ajudar, se quiser te acompanhar.

— Não sei, vou pensar, mas quero esperar que Clara cresça mais um pouco.

Eloisa percebeu que a resistência de Mariana seria uma barreira difícil de ser superada, respeitando a opinião da nora decidiu mudar de assunto e aproveitar a tarde na companhia das netas.



Cinco anos se passaram, as meninas cresciam com saúde e novamente Mariana planejava retornar ao trabalho, aos poucos conseguiu se estabilizar emocionalmente e parecia superar os traumas que carregava como verdadeiros fardos emocionais.

Quase sem amigos e com poucos contatos, teve muita dificuldade para conseguir um novo emprego, contando com a ajuda da sogra, foi contratada por uma pequena escola particular onde começou a dar aulas na parte da manhã, período em que as filhas ficavam com os avós.

Todas as manhãs Mariana precisava se esforçar para controlar a aflição de deixar as filhas na casa dos sogros, passava a maior parte do tempo angustiada e dominada por pensamentos perturbadores.

Apesar do martírio encoberto por uma aparente felicidade, Mariana conseguia demonstrar tranquilidade, todos acreditavam que ela o exemplo que serenidade, no entanto, as sombras do passado pareciam persegui-la, o olhar tímido, as atitudes dóceis, a voz sempre calma, e a postura equilibrada escondiam os temores que ela vivia na solidão de seus pensamentos, assombrada pelo medo, angustiada por pressentimentos, Mariana empreendia todos seus esforços para mostrar uma felicidade que na verdade não sentia.

No ano de 1983, Maria Eduarda completava sete anos, Mariana se empenhou para convencer o marido a matricular a filha na mesma escola onde ela dava aulas, durante o jantar o casal conversava sobre o assunto, enquanto Artur recusava a ideia, a esposa argumentava:

— Artur, a escola é boa e ainda poderei acompanhar o desenvolvimento dela!

Capítulo I – Fragmentos do passado

— Eu sei Mariana, mas existem muitas escolas públicas que são boas! Falta pouco para juntarmos o dinheiro que precisamos para comprar essa casa!

— Os gastos não serão muitos, consegui um bom desconto e posso até descontar do meu salário!

— Não vou te impedir, mas você sabe, se não comprarmos logo essa casa teremos que deixar o imóvel, o proprietário está segurando a venda porque prometi que compraremos! Você gosta dessa casa, é onde nossas filhas nasceram então, pense bem!

— Eu sei meu amor, mas já pensei, vai ser melhor para Maria Eduarda se eu estiver por perto.

— Mariana, isso vai ser melhor para ela ou para você? Meu amor, acho que é você quem precisa dela por perto!

— Você tem razão, me sentirei mais segura com ela ao meu lado, mas será bom para ela também!

— Está bem Mariana! Faça como achar melhor, daremos um jeito! E antes que eu esqueça, amanhã à noite vou chegar um pouco mais tarde, preciso mostrar um imóvel para um possível comprador.

— Vai fazer isso depois do horário de trabalho?

— Sim, ele não pode durante o dia, não quero perder a venda, mas não vou demorar, não se preocupe, até às 19 horas eu chego em casa.

No dia seguinte Mariana providenciou uma vaga para o próximo ano letivo, assegurando que Maria Eduarda estudaria na mesma escola onde lecionava, saindo da escola passou na casa dos sogros para pegar as filhas, e voltou para casa.

Envolvida nas tarefas domésticas Mariana foi surpreendida quando olhou para o relógio e notou que eram quase 19 horas, no mesmo momento foi tomada pela ansiedade e medo, lembrou que Artur chegaria mais tarde e tentou se acalmar, no entanto, os pensamentos temerosos insistiam em ideias trágicas.

Meia hora depois Mariana andava de um lado para o outro da casa, ia até a janela, abria a cortina para ver se o marido estava chegando,

voltava para a cozinha e tentava se concentrar no jantar, inquieta e cada vez mais apreensiva, chamou a filha:

— Maria, minha filha, vá até o portão e dê uma olhada se papai está chegando.

A menina saiu correndo, foi até o portão, olhou para os dois lados e voltou para a cozinha:

— Não vi nada! A senhora está bem? Por que papai ainda não chegou?

— Está tudo bem, ele vai se atrasar, tem trabalho na corretora, volte para o quarto, vá brincar com sua irmã!

Passaram-se mais alguns minutos, o relógio marcava 19:40 e a aflição de Mariana se tornava insuportável, as mãos tremiam, o coração batia descompassadamente, a boca seca e a respiração acelerada mostravam que ela estava prestes a ter um surto nervoso.

Sem saber o que fazer e com a mente perturbada, novamente chamou a filha:

— Maria, vá olhar o portão, veja se papai está chegando!

— De novo?

— Sim filha, vá, vá!

Mais uma vez a menina foi até o portão e retornou com a mesma resposta:

— Não mamãe, ele não está chegando!

— Filha, coloque um casaco em sua irmã e se agasalhe, nós vamos sair.

— Vamos sair agora?

Desnorçada Mariana não conseguiu conter o nervosismo e gritou com a menina:

— Faça o que mandei! Rápido! Vamos para casa da vovó!

Assustada com o repentino grito da mãe, a menina correu para o quarto, colocou um casaco na irmã, e voltou para cozinha:

— Pronto mamãe!

— Venham, vamos até a casa da vovó, pode ser que papai esteja lá!

## Capítulo I – Fragmentos do passado

Completamente perturbada Mariana saiu caminhando pela rua, os olhos estalados de medo, o rosto franzido e lívido, as mãos trêmulas e geladas puxavam as meninas, em passos acelerados ela caminhava sem falar nada, fazia o possível para não se desesperar na frente das filhas, andaram algumas quadras e logo chegaram à casa dos pais de Artur.

Quando Eloisa reconheceu a nora e as netas no portão, saiu em disparada para saber o que estava acontecendo:

— Mariana, o que estão fazendo aqui esse horário? Onde está Artur?

— Ele não está aqui?

— Não! Ele não passou por aqui hoje, achei que ele estava em casa com vocês!

Notando que a nora se segurava para não chorar, e temendo que algo grave estivesse acontecendo, Eloisa rapidamente abriu o portão e pediu:

— Meninas! Vão procurar o vovô! Diga para ele que é hora da sobremesa!

As meninas, alheias aos acontecimentos, correram para dentro da casa, enquanto isso Eloisa guiava Mariana para um assento na varanda:

— Filha, onde está Artur?

Mariana colocou as mãos no rosto e começou a chorar, tremendo e soluçando mal conseguia falar:

— Não sei! Ele me disse que ia acompanhar um comprador até um imóvel, que chegaria até às 19 horas, mas até agora não deu sinal de vida! Acho que aconteceu alguma coisa terrível!

— Mariana, se acalme! São 20:15, ele deve ter se atrasado, sabe como é, as vezes a pessoa demora para conhecer o imóvel, quer avaliar tudo!

— Não! Não! Não é apenas um atraso! Eu sei, sinto que algo terrível aconteceu!

— Filha! Pelo amor de Deus! Se acalme! Pense em suas filhas!

Mariana não conseguia raciocinar, os pensamentos se perdiam em meio de imagens confusas e catastróficas.

Estranhando a presença das netas, Euclides foi até a varanda verificar o que estava acontecendo:

— Eloisa, Mariana! O que está acontecendo?

Eloisa apoiava Mariana no ombro e tentava acalmar a nora, olhando assustada para o marido, respondeu:

— Artur está atrasado e Mariana acredita que aconteceu alguma coisa!

— Atrasado? Mas se está atrasado pode ser que já esteja em casa!

— Não sei Euclides, pegue o carro e vá até lá dar uma olhada! Vá logo ou Mariana vai acabar desmaiando aqui!

Euclides se apressou, entrou na casa, deixou as netas assistindo televisão, pegou as chaves do carro e saiu às pressas. Poucos minutos depois parava em frente à casa do filho, percebeu o carro na garagem e sentiu o coração se aliviar.

Abriu o portão, e o ruído chamou a atenção de Artur que saiu correndo às pressas:

— Pai, pai! Mariana e as meninas sumiram!

— Calma filho, elas estão bem! Sua esposa foi para nossa casa, está apavorada!

— Apavorada? Mas por quê?

— Seu atraso! Filho, esqueceu como é Mariana? Sua esposa tem problemas! Assustou a todos! É melhor irmos até lá e acalmá-la, ou daqui a pouco até sua mãe vai se apavorar!

Euclides e Artur seguiram apressadamente, quando chegaram na casa, viram Mariana sentada na varanda, os olhos vermelhos, o rosto inchado, as mãos geladas, tão apavorada que mal conseguia ficar em pé.

Eloisa com semblante preocupado, mostrou um sorriso de alívio quando viu o filho chegar, deu um abraço em Artur e falou:

— Filho, acalme sua esposa, vou entrar e cuidar das meninas, não quero que se assustem!

Artur sentou-se ao lado de Mariana, pegou na mão da esposa e explicou:

— Querida, o cliente se atrasou quase uma hora, sinto muito!

## Capítulo I – Fragmentos do passado

Chorando, Mariana olhava para o marido, a voz parecia presa a garganta, um misto de vergonha, arrependimento e medo invadiam sua alma, não conseguia expressar o pavor que parecia controlar sua vida, apenas se lançou sobre Artur e o abraçou.

Euclides que assistia a cena comentou:

— Meu filho, isso não pode acontecer de novo! Mariana do céu! Minha filha, o que deu em você?

— Me desculpem, eu pensei que alguma coisa terrível tivesse acontecido! Me desculpe Artur, mas me apavoro, tenho medo! Me perdoe!

— Mariana, papai tem razão, isso não pode mais acontecer! Precisamos arrumar uma maneira de te avisar quando acontecerem esses imprevistos!

Euclides olhava para Mariana e não conseguia entender o que acontecia com a nora, o sofrimento da moça era visível, mas para ele era difícil compreender o que levava uma pessoa a ter tantos pressentimentos absurdos. Ansioso por ajudar, Euclides fez uma sugestão:

— Artur, compre um telefone, é o único jeito!

— Pai, não posso! É muito caro, estou economizando para comprar a casa! O senhor sabe!

— Filho, mande instalar esse telefone que eu pago, é um presente para as meninas!

Mariana e Artur recusaram, mas Euclides foi persistente, argumentou tanto, e com a ajuda de Eloisa convenceu o casal a aceitar o presente.

Dois meses depois o telefone foi instalado, e nesse dia Euclides chamou o filho para uma conversa:

— Artur, gostamos muito de Mariana, mas esses medos da sua esposa colocam as meninas em perigo! Você precisa tomar uma atitude!

— Pai, já estou acostumado, desde o começo Mariana tem essas manias, de tempos em tempos ela começa com esses medos, mas depois esquece e tudo fica bem!

— Filho, como pode você achar isso normal? Uma mulher entrar em pânico e sair correndo a noite com duas meninas pelas mãos! E se um dia ela perde a cabeça? Sua mãe me contou que já sugeriu a Mariana que procure um médico, um desses especialistas da cabeça!

— Médico? Mas ela não está doente!

— Não está mais vai ficar! Filho, isso não é bom, uma pessoa que vive com essas ideias de tragédia na cabeça um dia fica louca!

— Pai, não se preocupe! Mariana está bem, agora com o telefone não teremos mais problemas, agradeço sua preocupação, mas está tudo bem!

Euclides desistiu, amava o filho, sabia que Artur era um bom marido, não queria desrespeitar a nora e muito menos causar intrigas, contudo, o coração paterno se enchia de preocupação.

Com o tempo o episódio foi esquecido, a vida voltou ao normal, por vezes Artur se sentia pressionado, muitas vezes tinha que parar o carro em qualquer lugar e ligar para casa avisando que atrasaria alguns minutos.

O esforço era compensado com a tranquilidade da esposa e a harmonia do lar, mas para garantir que nunca se atrasaria, ele precisava vigiar os ponteiros do relógio e nunca esquecer de avisar sobre qualquer imprevisto.

Quando o casal conseguiu comprar a casa e se livrar do aluguel, Mariana decidiu abandonar o trabalho na escola, e para surpresa de Artur, compartilhou uma ideia que em nada agradou o marido, após o jantar Mariana colocou as filhas para dormir e chamou Artur para uma conversa:

— Artur, decidi parar de trabalhar para me dedicar mais a nossa casa e nossas filhas, estava pensando em dar aulas para as duas em casa.

Artur assustou-se com a inesperada proposta, incrédulo mal conseguiu conter a irritação, sem perceber levantou o tom da voz:

— Tirar as meninas da escola? É isso que você quer?

— É mais seguro em casa, sou professora, posso dar aulas para elas!

Capítulo I – Fragmentos do passado

— Você enlouqueceu? Esqueceu que somos obrigados a garantir a formação delas em uma escola?

— Sim, eu sei! Mas conversei com a diretora da escola, se pagarmos um pouco, elas podem ir apenas para fazer as provas!

— Mariana, não estou acreditando! Você quer pagar para a diretora? Isso é o que? Um suborno? Não existe isso!

— Não é suborno! Não exagere, a diretora é minha amiga, expliquei minhas intenções e ela concordou, as meninas podem estudar em casa, eu darei as mesmas aulas que elas teriam na escola, e elas podem ir até lá somente para fazer as provas!

— Você só pode estar brincando! Não acredito que essa diretora aceitou esse absurdo! E como fica a interação com outras crianças? Mariana, elas precisam fazer amizades, não poderá protegê-las o resto da vida!

— Em casa elas terão uma educação melhor!

— Não concordo, me desculpe, sempre aceitei suas ideias, mas dessa vez sou contra! Ouça meu amor, essa vida reclusa é uma escolha sua, você não tem amigas, não se relaciona com vizinhos, não conhece ninguém! Mas nossas filhas não precisam viver assim!

— Não sou reclusa! Apenas gosto de cuidar da minha vida! Me dedico àqueles que eu amo e não me interesso por cuidar da vida dos outros!

— Eu entendo que esse é seu jeito, mas é bom ter amizades, se você não gosta é um direito seu, mas nossas filhas não precisam ser privadas do convívio com outras crianças!

— Mas...

— Mariana, não insista, dessa vez não vou ceder, é pelas nossas filhas que vou te negar isso, e se for preciso vamos brigar, pois não vou aceitar!

Mariana percebeu que Artur não mudaria de ideia, em todos os anos de casamento nunca ouviu o marido falar com tamanha convicção.

O assunto foi encerrado, as meninas continuaram na escola, e Mariana dedicava-se integralmente ao marido e as filhas, raramente ela saía de casa, não tinha amigos, e mal conhecia os vizinhos, o único lugar

A Casa das Loucas, por Lilian Campos

em que se sentia bem era na casa dos sogros. Na concepção de Mariana, tudo que ela amava e precisava estava em seu lar, sentia-se completa com o amor do marido e das filhas.

## CAPÍTULO II

### A Separação

Em 1985 o casal completou 10 anos de uma união feliz, as filhas eram meninas bem-educadas, as vendas e aluguéis rendiam boas comissões e a família vivia confortavelmente.

Mariana parecia tranquila, os acessos de medo e insegurança pareciam esvanecer no passado, Artur tomava todos os cuidados para não dar motivos e prejudicar a tranquilidade da esposa.

Aproximava-se o mês de junho, e com ele o inverno; as noites frias eram um atrativo para Mariana, ela adorava se aconchegar com o marido e as filhas em frente à televisão enquanto comiam pipoca.

Eram quase 18 horas quando o telefone tocou, Mariana apressou-se para atender, mas antes que chegasse ao aparelho foi ultrapassada por Clara que atendeu a ligação com um sorriso arteiro:

— Papai! O senhor já está voltando pra casa?

Antes que a menina continuasse com as interrogações, Mariana pegou o telefone, deu um sorriso para a filha e fez um sinal alertando que puxaria suas orelhas, entre risos marotos, Clara correu para o quarto enquanto a mãe conversava:

— Artur, onde você está?

— Ainda na corretora, esqueci de te avisar, hoje terei que ir até São Paulo levar alguns documentos para o senhor Freitas.

— Hoje? Mas por que não pode fazer isso amanhã? Tem que ir depois do horário de trabalho?

— Sim, ele quer que eu leve os contratos fechados esse mês, mas é rápido, marquei com ele às 18 horas, vou apenas deixar a pasta com os papéis e volto para casa! Chegarei a tempo para o jantar, no máximo 20:30 estou em casa

— Artur. Por favor, ligue para Freitas e diga que levará essa documentação amanhã, estou com um mau pressentimento!

— Mariana! Não se preocupe! Meu amor, se eu cancelar compromissos todas as vezes que você tem um mau pressentimento nós não pagaremos as contas!

— Eu sei, eu sei! Mas hoje é diferente, parece que vai chover, é perigoso dirigir em pista molhada, sinto que algo grave pode acontecer! Te imploro, ligue para ele e remarque para amanhã!

— Não posso! Meu amor, eu prometo que vai ser rápido, vou dirigir com cuidado, antes que perceba estarei de volta!

— Artur, eu insisto, não estou exagerando, volte para casa antes dessa chuva, eu ligo para ele e aviso que você levará a documentação amanhã bem cedo!

— Eu te amo, meu amor, preciso desligar e sair agora mesmo, já estou atrasado! Até as 20:30 chego em casa!

Artur desligou o telefone, Mariana sentiu o coração bater forte, um calafrio percorreu a coluna e as mãos começaram a gelar, paralisada no meio da sala pensava em como impedir Artur de ir até São Paulo.

Rapidamente discou o número da corretora, insistiria novamente para ele voltar para casa, o telefone tocou várias vezes, mas ninguém atendeu, provavelmente Artur havia saído.

Ela voltou para cozinha, sentia-se inquieta, andou de um lado para o outro, foi até o quarto das filhas, parou na porta e observou as meninas penteando os cabelos das bonecas.

Esforçando-se para dispersar a nuvem de medo, Mariana ligou o rádio e se concentrou na preparação do jantar.

Pouco tempo depois ouviu um grande estrondo, as meninas correram para a cozinha, assustadas se agarraram a mãe, Mariana acariciou os cabelos das filhas, sorriu e tentou acalmá-las:

— Meninas! Foi apenas um trovão!

Maria Eduarda, com os olhos arregalados perguntou:

— Podemos ficar aqui com a senhora?

— Podem, mas vão ter que trabalhar e ajudar na preparação do jantar! Quero as duas sentadinhas, eu vou distribuir as tarefas!

## Capítulo II – A Separação

As meninas rapidamente tomaram seus postos, sentadas ao redor da mesa aguardavam as instruções, Mariana colocou sobre a mesa uma bacia com água, um pano, uma porção de legumes e pediu:

— Quero que lavem todos esses legumes, depois sequeiem e coloquem nessa outra tigela, enquanto isso, eu vou picar os temperos!

As meninas se animaram com a tarefa, enquanto olhava para as filhas entretidas, o coração se oprimia a cada novo trovão, pouco tempo depois uma chuva torrencial se precipitou sobre a cidade.

Entre legumes, temperos, panelas e cuidados com as filhas, de tempos em tempos ia até a janela para verificar se o carro do marido se aproximava.

Por volta das 20:00 a ansiedade de Mariana se tornava desgastante, a chuva não dava trégua e o marido estava em algum lugar no meio da tempestade, percebendo que as meninas estavam famintas, ela serviu a sopa e pediu para a filha mais velha:

— Maria, cuide para não se queimar, olhe sua irmã, vou ficar na janela para ver se o papai está chegando.

A menina obedeceu, notando a preocupação da mãe falou baixinho no ouvido da irmã:

— Clarinha, coma quieta, mamãe está preocupada, vamos terminar e ir para o quarto, temos que terminar de escovar os cabelos da Tininha

Mariana não tirava os olhos da rua, algum tempo depois virou-se e notou que as filhas haviam terminado o jantar, olhou para o céu e notou que a chuva estava mais fina, a tempestade parecia se dispersar, por breves segundos sentiu um alívio.

Os minutos se arrastavam, parada na janela, Mariana olhou para o relógio de pulso, eram quase 20:30, cada vez mais aflita, sentiu o impulso de correr para casa dos sogros, mas lembrou da situação desagradável vivida anos antes.

Contendo-se para não entrar em pânico, sentou-se no sofá e tentou relaxar, ligou a televisão na ânsia de encontrar algo que a tirasse dos pensamentos angustiantes.

Enquanto Mariana lutava contra os pressentimentos, Artur olhava aflito para o relógio, a chuva tornava o trânsito paulista ainda mais caótico, parado em um congestionamento que parecia não ter fim, ele pensava em uma maneira de escapar e conseguir um telefone público de onde pudesse ligar para Mariana.

Meia hora depois o carro havia andado poucos metros, tudo indicava que ele ficaria horas parado no engarrafamento, impaciente e nervoso sentia vontade de abandonar o automóvel e seguir caminhando.

Na casa, Mariana continuava sentada no sofá, os joelhos tremiam, as mãos geladas, o coração disparado e os pensamentos fixos em Artur, tentando se acalmar, ela repetia em voz baixa:

— Por favor, por favor, volte logo! Volte logo! Venha para casa!

Do outro lado da cidade, era como se Artur captasse os pensamentos da esposa, enquanto segurava o volante ele repetia:

— Calma, calma meu amor, estou quase chegando!

Depois de longos minutos de espera, o trânsito começou a fluir, pouco tempo depois Artur finalmente alcançava a via Dutra que dava acesso a cidade, ansioso para chegar em casa, abraçar Mariana e libertá-la da angustiante preocupação, ele acelerou um pouco mais.

A tempestade havia se distanciado, mas ainda caía uma chuva fina que deixava a pista escorregadia, Artur sabia que manter aquela velocidade era arriscado, mas as imagens de Mariana não lhe saíam dos pensamentos, e ignorando o perigo acelerou mais uma vez.

Artur olhou para o relógio, eram quase 21:30, aflito retornou a atenção para a estrada, mas os poucos segundos de distração foram suficientes para que fosse surpreendido, um inesperado engavetamento se desdobrava poucos metros a sua frente, vários carros amassados e atravessados na pista exigiam uma parada inesperada, esforçando-se para conter a velocidade pisou com toda a força no freio, o coração instintivamente disparou, incontáveis imagens das filhas, de Mariana fluíam em sua mente, naquele momento era como se o tempo e o espaço se fragmentassem diante de seus olhos, em breves segundos ele perdia completamente o controle do carro, incapaz de desviar ou parar o

automóvel, Artur se chocou contra a traseira de um caminhão tornando-se mais uma vítima do acidente sombrio daquela noite.

Em casa, Mariana foi surpreendida por um mal estar súbito, tomada por uma tontura repentina sentiu que as vistas se escureciam, assustada correu cambaleante para o banheiro, lavou o rosto, respirou fundo, e tentou se acalmar, cautelosamente voltou para a sala, deitou no sofá e fechou os olhos, a cabeça parecia girar, sentiu que lágrimas incontroláveis teimavam em descer pelo rosto, ela mal conseguia segurar o choro que parecia sufocá-la.

Mais uma vez olhou para o relógio, eram quase 22 horas, se esforçou para levantar-se do sofá e voltou para a janela, olhava aflita para a rua enquanto rezava em silêncio, suplicava a Deus pedindo para que o carro de Artur parasse no portão.

Imersa em aflições, sentiu um calafrio percorrer o corpo quando ouviu a televisão anunciar o plantão de emergência, correu até o aparelho, aumentou o volume e prestou atenção ao noticiário.

O repórter da TV local informava sobre um grave acidente que acabava de acontecer na via Dutra, Mariana olhava perplexa para as imagens, podia ver vários carros retorcidos, corpos cobertos por lençóis repousavam no canto da pista, vários motoristas feridos sendo atendidos por ambulâncias.

Com a mão na boca ela tentou sufocar o grito, não podia afirmar que o marido estava envolvido no acidente, mas algo em sua alma sussurrava que daquela vez os pressentimentos tornaram-se realidade.

Mariana deu alguns passos para trás e deixou o corpo cair no sofá, sentada com olhar estático para a televisão, mais uma vez sentiu as vistas se escurecerem, o corpo gelado parecia úmido pelo suor que molhava as roupas.

Completamente atordoada ela fazia um esforço colossal para organizar os pensamentos, tentava se convencer de que tudo não passava de mais um pressentimento e que a qualquer momento Artur entraria pelo portão.

Não suportando a aflição decidiu ligar para a sogra, levantou-se, sentiu que as pernas estavam moles, com dificuldade caminhou até o

telefone, quando se preparava para pegar o aparelho, ele começou a tocar.

Impulsivamente, Mariana atendeu a chamada:

— Artur, é você?

— Boa noite. Aqui quem fala é o delegado Arnaldo, a senhora é parente de Artur Nogueira?

— Sim, sim, sou Mariana, a esposa dele! O que aconteceu?

— Senhora, precisamos que venha até a delegacia, já providenciei uma viatura que está a caminho de sua casa, o policial a trará até aqui.

— Por quê? O que aconteceu? E meu marido? Ele está bem?

— Senhora, se acalme, explicaremos quando chegar aqui.

— Explicar o quê? Me fale, meu marido? Onde ele está?

— Senhora, preciso que mantenha a calma! Não posso adiantar nada por telefone! A viatura deve estar chegando, peço que esteja pronta! Até breve!

Impedindo que Mariana continuasse com as perguntas, o delegado encerrou a ligação.

Ela correu para o quarto das filhas, sem dar explicação pediu para Maria Eduarda:

— Filha, vista um casaco, me ajude a agasalhar sua irmã, precisamos sair!

— Mamãe, aconteceu alguma coisa?

— Filha, faça o que pedi, não me encha de perguntas! Vou pegar minha bolsa e vocês se apressem!

A menina compreendeu que algo grave estava acontecendo, rapidamente pegou o casaco e ajudou a irmã mais nova a se vestir.

Mariana correu para quarto, pegou a bolsa e retornou para a sala onde encontrou as meninas paradas, os rostinhos assustados pareciam fuzilar a mãe com perguntas que ela não sabia responder, esquivando-se de explicações ela correu até a janela, logo avistou uma viatura policial que se aproximava, pegou as filhas, trancou a porta e correu para o portão, assim que o policial desceu do automóvel, Mariana interrogou:

— Onde está meu marido? Ele está bem?

## Capítulo II – A Separação

Evitando confrontar o olhar de Mariana, o policial disfarçadamente mentiu:

— Está tudo bem, se acalme, vou levá-las até a delegacia.

— Mas e meu marido? Ele está na delegacia?

— Senhora, por favor entre no carro, preciso levá-las e seguir para outra ocorrência, com essa tempestade a cidade está um caos, o delegado vai explicar tudo.

Mariana empurrou as filhas para o banco traseiro, sentou-se ao lado das meninas e seguiu em silêncio, o coração oprimido parecia confirmar que algo grave havia acontecido.

Chegando à delegacia, o policial as acompanhou, apontou a sala do delegado, olhou com solidariedade para Mariana e pediu:

— Senhora, deixe suas meninas nessa sala, é melhor que se distraiam com a televisão enquanto a senhora conversa com o delegado.

Mariana acenou com a cabeça, olhou para a filha mais velha e pediu:

— Filha, mamãe vai falar com o delegado, fique na sala que esse moço indicar, prometo que não vou demorar, seja boazinha!

A menina acatou o pedido da mãe, segurou a mão da irmã mais nova e acompanhou o policial, assim que as meninas entraram, Mariana correu para sala do delegado, a respiração acelerada, rosto pálido, e olhos marejados deram ao delegado a certeza de que a tarefa seria mais difícil do que ele imaginava.

Antes que Mariana disparasse as perguntas ele se apressou em iniciar a conversa:

— Senhora Mariana, sente-se. Preciso que mantenha a calma, vi que suas filhas foram levadas para a sala de espera, peço que pense em suas meninas!

— Onde está meu marido?

— Senhora, aconteceu um grave acidente hoje à noite na Dutra, e...

— Eu vi o acidente na televisão! Quero saber onde está Artur!

— Ele foi uma das vítimas do acidente, sinto muito!

— Está bem, mas em que hospital ele está? Preciso saber qual o estado dele! O senhor sabe me dizer se é grave?

— Senhora, acho que não fui claro o suficiente, seu marido não está no hospital, ele...

— Ele está no hospital sim! Me diga, qual é o hospital?

Reconhecendo que não tinha como atenuar o sofrimento da mulher e nem esconder a verdade, Arnaldo foi direto:

— Ele não sobreviveu ao acidente! Sinto muito! Seu marido morreu!

Mariana se levantou da cadeira, entre soluços, tosses e fortes tremores começou a gritar descontroladamente:

— Me leve até o hospital! Preciso ver o meu marido!

— Senhora, se acalme!

— Não quero me acalmar, quero meu marido! Como pode ter certeza que era Artur?

— Achamos no carro essa carteira com documentos e o telefone da sua casa, reconhece essa carteira?

Mariana olhou o objeto e reconheceu, pertenciam a Artur.

O delegado pegou um copo de água, e ofereceu para Mariana, ela, completamente desequilibrada bateu na mão do homem fazendo o copo voar contra a parede, no mesmo momento começou a puxar os próprios cabelos, se contorcer e gritar:

— Quero meu marido! Quero meu marido!

Vários policiais correram para a pequena sala e tentaram conter Mariana, Arnaldo olhou para sua secretária, com o rosto preocupado, enxugou a testa suarenta e pediu:

— Chame alguém que possa aplicar um calmante nessa mulher! Vá rápido! Corra!

A secretária saiu às pressas, enquanto isso os policiais seguravam Mariana pelos braços tentando impedir que ela mesma se machucasse.

Arnaldo olhou para a cena e sentiu o peso que o cargo de delegado lhe trazia, esforçando-se para ajudar a mulher, ele se aproximou e tentou argumentar:

— Minha senhora, peço que por favor tente se controlar, suas filhas estão na outra sala, a essa altura devem estar apavoradas com seus gritos!

As palavras do homem foram inúteis, Mariana continuava a se contorcer e gritar, aos poucos os joelhos se dobraram e o corpo parecia se render, os policiais ampararam evitando uma queda, Mariana se sentou no chão, por um breve instante emudeceu, e ficou olhando fixamente para o horizonte, os cabelos antes tão bem alinhados davam lugar a um emaranhado de fios, os olhos vermelhos fixos na parede mostravam a perturbação em que se encontrava, quando Arnaldo achou que ela finalmente estava se acalmando, Mariana encheu os pulmões de ar e soltou um grito aterrorizante, os homens se olharam assustados, apiedando-se o delegado agachou-se ao lado de Mariana, tentou pegar em sua mão, mas a reação inesperada fez com que se afastasse em um sobressalto, ela começou a se debater e gritar:

— Quero meu marido! Meu maridoooooo! Devolvam meu marido! Artur! Artur!

Naquele momento uma mulher entrou na sala, fez sinal para que os policiais imobilizassem Mariana, e sem pedir permissão lhe aplicou um calmante, poucos segundos depois os homens a levantaram e acomodaram em uma poltrona.

Atordoada pelo efeito do medicamento, Mariana se calou, os olhos pesados pareciam lutar contra o efeito do calmante, em um último esforço balbuciou o nome do marido antes de cair no entorpecimento.

Arnaldo olhou para um dos policiais e ordenou:

— Cavalcante, pegue a bolsa dela e veja se encontra o telefone de algum parente, essa mulher não está em condições para reconhecer o corpo. E faça isso rápido, antes que ela acorde! Meu Deus do céu! Às vezes detesto esse trabalho! Como é difícil lidar com essas situações!

O policial revirou a bolsa, encontrou uma pequena agenda, virou algumas páginas e seguiu para sala ao lado onde começou a dar alguns telefonemas.

Enquanto Mariana permanecia desacordada no sofá da delegacia, Artur, em corpo espiritual recebia os primeiros atendimentos,

ao seu lado uma senhora aparentando aproximadamente setenta anos, olhar sereno e expressão tranquila, aplicava passes para garantir que Artur continuasse adormecido, o corpo repousava em uma maca enquanto uma equipe de socorristas do astral corria apressadamente de um lado para o outro tentando acolher e conscientizar as vítimas do acidente que continuavam presas em seus corpos físicos, a maioria, crente de que ainda estavam encarnados.

Amorosamente a senhora acariciava os cabelos de Artur quando foi interrompida por um homem:

— Irmã Clara, o transporte está pronto, vamos levar Artur e mais alguns que se libertaram dos laços físicos, estão em sono profundo, o posto de atendimento está aguardando!

— Obrigada Cristóvão, posso acompanhar meu neto?

— É claro que pode, no entanto, aconselho que a senhora mude sua aparência, se ele a reconhecer pode se impactar e entrar em estado de perturbação, nenhum dos resgatados sabe que desencarnou, eles acreditam que somos socorristas encarnados.

No mesmo instante a simpática senhora deu um sorriso, fechou os olhos e diante de Cristóvão mudou sua aparência, o corpo feminino e franzino transfigurou-se em um jovem com aproximadamente 28 anos, a mesma aparência que Clara tinha em existência anterior quando viveu na Europa do século XVII, e se chamava Eurico.

Parada diante de Cristóvão, o rapaz concluiu:

— Creio que assim ele não me reconhecerá, pode me chamar de Eurico. Se me permitir gostaria de fazer parte da equipe de enfermeiros, quero estar perto de Artur.

— Tem permissão, agora vamos, Cassio e Pedro estão esperando, aguardam para conversar com a senhora.

Artur e mais cinco homens foram levados para um transporte semelhante aos ônibus terrenos, e pouco tempo depois paravam diante de um grande hospital na Colônia de Santa Maria.

Acomodados em camas confortáveis, os homens mantinham-se em sono profundo, seguindo a orientação de Cristóvão, Clara, agora como Eurico, foi ao encontro de Cassio e Pedro, mentor e guardião de

## Capítulo II – A Separação

Artur, entrando na sala encontrou os companheiros, com um grande sorriso no rosto jovial, Eurico cumprimentou:

— Cassio, Pedro, como é bom revê-los!

Pedro virou-se para olhar quem os cumprimentava, e sem esconder o olhar matreiro comentou:

— Clara, que belas roupas! Bons tempos eram esses onde os cavalheiros sabiam valorizar as belas vestimentas! Vejo que hoje está mais jovem que nunca!

Os três deram risadas, a brincadeira do guardião ajudou a dispersar a preocupação que envolvia a todos.

Cassio apontou para uma mesa onde todos se sentaram, e sem perder tempo o mentor iniciou os relatos:

— Temos um grande problema meus senhores! Artur foi um bom homem, sendo assim conseguimos resgatá-lo. Apesar de não seguir nenhuma religião, sempre foi um homem de mente aberta, aceitava e respeitava a crença de todos, certamente não teremos dificuldades em conscientizá-lo da nova condição, contudo, algo é muito preocupante! O estado emocional de Mariana, acabei de receber informações de que ela teve uma crise gravíssima na delegacia, se recusa a aceitar o desencarne de Artur, enquanto permanecer presa a esse tormento mental é melhor que ele continue adormecido.

Eurico perguntou:

— Poderemos mantê-lo desacordado por algum tempo, mas somente até que se recupere dos impactos do acidente, conheço meu neto, em pouco tempo ele começará a fazer perguntas! Pedro, você acha que pode ajudar Mariana?

— Creio que minha intercessão não fará muita diferença, ela está acompanhada por Marta e Francisco, se eles não conseguem ajudar, como farei melhor?

Cassio olhou para Eurico e concluiu:

— Pedro está certo, Mariana tem seus mentores e guardiões, e ainda conta com o amparo de Eloisa e Euclides que também estão cercados por seus protetores e amigos espirituais, existe uma equipe de

irmãos em torno daquela família, mentores e guardiões das meninas também estão presentes.

Novamente Eurico interrogou:

— E o que faremos se Mariana continuar nesse estado? Como sabem, seus antecedentes indicam que ela tem uma forte tendência a sucumbir diante dessa prova!

Cassio olhou pensativo, respirou com pesar e concluiu:

— Vamos orar para que essa moça consiga vencer essa prova, sabemos que o desencarne de Artur era para ter acontecido logo após o nascimento da pequena Clara, graças ao merecimento da família e a benevolência superior foi concedido ao casal alguns anos a mais! Essa concessão atenuou muito a prova de Mariana, hoje as meninas estão maiores e ela não se verá sozinha com duas crianças pequenas.

Todos se olhavam com pesar; Cassio, com grau de elevação superior compreendeu que para Pedro e Eurico, a aceitação ainda não era facilmente concebida, tentando expandir a consciência dos irmãos ele completou:

— Senhores, tenhamos em mente que essa foi uma prova que o casal planejou e aceitou antes de reencarnar! Não existem castigos ou punições divinas! Por mais áspera que pareça a situação, é uma oportunidade para Mariana vencer as tendências suicidas que carrega há várias existências!

O pequeno grupo foi interrompido com a entrada de Marta e Francisco, guardiões de Mariana, o casal trazia notícias sobre a família de Artur.

Pedro foi o primeiro a perguntar:

— Como eles estão?

Marta olhou para todos com preocupação, Francisco sentou-se e relatou os últimos acontecimentos:

— Bem... Como todos sabem, Mariana não aceitará com facilidade, ela passou a noite hospitalizada e sedada, as meninas estão com Eloisa, enquanto isso Euclides está preparando o funeral.

Marta olhou para Cassio, mostrando profunda tristeza afirmou:

## Capítulo II – A Separação

— Sempre temi a chegada desse momento, é a terceira vez que Mariana se submete a esse tipo de prova, nas outras duas tentativas atirou-se ao suicídio, cada vez que ela fracassa carrega mais reminiscências para outra encarnação, o que torna ainda mais difícil a superação dessa falta tão grave!

Cassio novamente se pronunciou:

— Senhores, precisamos manter o bom ânimo! Todos estão bem amparados, Mariana recebeu mais essa oportunidade para vencer essa propensão, é o momento de superação do espírito! Eurico permanecerá ao lado de Artur e nos manterá informado, e nós faremos o possível para amparar e proteger a família, é tudo que podemos fazer nesse momento!



No plano físico Euclides abria a porta do carro para Mariana, abatida e enfraquecida ela chegava à casa dos sogros após passar a noite no hospital.

Maria Eduarda correu ao encontro da mãe, carinhosamente envolveu a cintura de Mariana com um abraço afetuoso:

— Mamãe, a senhora está bem? Papai não veio?

Mariana olhou para Eloisa que segurava Clara pela mão, e com a voz arrastada pediu:

— Filha, vamos entrar, preciso me deitar, depois falamos do papai.

— Mamãe, pode me contar, eu já sei, nosso pai morreu né?

— Filha, quem te falou isso?

— Eu ouvi a senhora gritar na delegacia, vovó disse que conversaríamos quando a senhora voltasse para casa!

Mariana se calou, segurando a mão da filha entrou na casa, sentou-se no sofá e pediu para Eloisa:

— Posso ficar alguns minutos sozinha com a Maria Eduarda? A senhora pode cuidar da Clarinha, por favor?

Antes que Eloisa respondesse, a pequena menina se pronunciou:

— Também quero saber o que aconteceu com papai! Já sou grande! Tenho oito anos, por que Maria pode saber e eu não?

Mariana estendeu os braços para as filhas, as meninas sentaram-se ao seu lado, com carinho ela acariciou os rostos das pequenas, pediu que Eloisa sentasse também e começou a explicação:

— Filhinhas, o pai precisou fazer uma longa viagem, não sei quando poderemos vê-lo novamente.

Maria Eduarda torceu o nariz, e respondeu com impetuosidade:

— Mamãe, sabemos que o papai morreu!

Clara arregalou os olhos e perguntou:

— Papai morreu? Ele morreu de verdade?

Maria Eduarda respondeu:

— Claro que morreu! Sua boba! Mamãe não quer contar a verdade por que você vai chorar!

— Não vou chorar não! Mamãe, é verdade? Nosso pai morreu e foi para o céu?

— Sim Clarinha, é verdade! Ele foi para o céu!

A menina abaixou a cabeça, os olhos grandes e castanhos como os de Artur pareciam confusos, com um grande sorriso olhou para Mariana e concluiu:

— Se ele foi para o céu então está com os anjos! Papai agora é um anjo! Mamãe, posso ir brincar lá fora?

— Sim, pode ir brincar.

Mariana olhou para Eloisa, sem entender a reação da menina as duas observaram a pequena enquanto ela ia saltitante para o quintal. Voltando a atenção para Maria Eduarda, que mostrava os olhos cheios de lágrimas, Mariana abraçou a filha, no mesmo momento a menina se entregou ao choro copioso.

Mariana e Eloisa consolavam Maria Eduarda, quando foram interrompidas por um grito vindo do quintal, era Clarinha que se conscientizava do fato, ao receber a confirmação sobre o desencarne do pai, a mente imatura e infantil não compreendeu a realidade, após alguns momentos de solidão e reflexão finalmente absorveu a informação e percebeu que nunca mais veria Artur, tomada pelo medo, confusão e saudade, a menina entrava em pânico.

## Capítulo II – A Separação

Euclides que tentava repousar no quarto, levantou assustado com o grito da neta, as pressas correu para o quintal onde encontrou Mariana, Eloisa, Maria Eduarda e Clara abraçadas em prantos, as quatro se entregaram ao desespero coletivo e o caos tomava conta da situação. Temendo um novo surto de Mariana, cansado e esgotado, Euclides gritou:

— Parem com isso! Pelo amor de Deus! Estou cansado, passei a noite do necrotério para o hospital, da delegacia para a funerária, tenham compaixão, fui obrigado a reconhecer o corpo de meu próprio filho! Sou pai, eu também perdi meu único filho! Meu menino!

Eloisa correu em direção ao marido e o abraçou, os dois se entregaram as lágrimas, uniram os corações espedaçados e comungaram a dor da perda.

Mariana, assustada e envergonhada com a declaração do sogro, secou as lágrimas, respirou fundo e falou para as filhas:

— Fiquem calmas, parem de chorar, nós ficaremos bem! Confiem na mamãe, tudo vai dar certo! Nunca deixarei vocês!

Abraçou as meninas e fez o possível para controlar a dor que parecia paralisar suas melhores intenções.

Euclides se aproximou de Mariana e das netas, secando o rosto molhado de lágrimas, enfatizou:

— Mariana, vocês não estão sozinhas, nunca deixaremos faltar nada para você e nem para as meninas, precisamos estar unidos nesse momento, nosso filho era um bom homem, fará falta para todos!

Mariana abraçou o sogro, olhou com gratidão e falou:

— Fiquem com as meninas, preciso ficar sozinha por alguns momentos!

Em passos titubeantes correu para o banheiro, trancou a porta, pegou a toalha de rosto e colocou na boca, era uma tentativa desesperada para abafar o pranto que parecia sufocar.

No final do dia o corpo de Artur foi enterrado, Mariana, as filhas e os sogros voltaram para casa em silêncio.

No dia seguinte, quando todos estavam descansados, Eloisa pediu:

— Mariana, queremos que fiquem aqui por algum tempo, juntos somos mais fortes, voltar para aquela casa agora, não é uma boa ideia!

— Estava pensando em pedir isso para a senhora, não consigo me imaginar naquele quarto sem meu marido! Mais tarde irei até lá pegar algumas roupas limpas, a senhora pode me acompanhar?

— Não se preocupe, falei com Euclides, faça uma lista do que precisa que ele trará tudo.



Mais tarde Euclides estacionava na frente da casa de Mariana, quando parou na frente da casa, o homem quase não conseguiu conter a dor, o coração dolorido parecia atravessado por uma lâmina afiada que lhe torturava sem parar.

Entrou na casa onde tantas vezes visitou o filho, viu as netas crescerem, e em todos os cantos podia ver Artur sorrindo, sentindo imensa tristeza ele correu para o quarto, seguindo a lista preparada por Mariana pegou uma mala onde colocou várias peças de roupa e saiu o mais rápido que conseguiu.

Quando se sentou no carro olhou novamente para a casa e murmurou:

— Meu amado filho, quantos corações saudosos você deixou! Um filho bom como você jamais deveria partir antes dos pais!

Euclides secou as lágrimas, ligou o carro e voltou para casa.

Nas semanas seguintes a casa antes animada pelos gritos e correria das netas foi obscurecido pelo luto, as meninas se recusavam a voltar para a escola, Eloisa lutava para manter o ambiente familiar em harmonia, Euclides mantinha a postura inabalável, mas os olhos tristes mostravam a profunda dor, e Mariana mostrava-se cada vez mais abatida.



No plano espiritual Artur continuava em sono induzido, e nova reunião foi organizada para decidirem como ajudar Mariana a superar a separação.

Em torno da grande mesa estavam os mentores e guardiões de todos os envolvidos, Cassio foi quem iniciou e comandou a discussão:

## Capítulo II – A Separação

— Senhores, agradeço o empenho de todos! Hoje saberemos como está o caso da família de Artur. Francisco, como Mariana tem reagido?

— Nada bem, em poucas semanas perdeu muito peso, apesar da constante insistência de Eloisa, ela se recusa a sair de casa, se alimentar, nesse estado em pouco tempo ficará doente.

Eurico se pronunciou:

— A cada dia está mais difícil convencer Artur a retornar ao sono, quando acorda quer saber das filhas e da esposa, aos poucos vem mostrando irritação, já não aceita nossas explicações, o sono que antes era duradouro agora se torna cada vez mais curto!

Pedro interrompeu a explicação e afirmou:

— Mas é lógico! O rapaz não é idiota! Quem é que gostaria de acordar e ser novamente induzido ao sono? É por isso que nunca aceitei trabalhar nesses postos de atendimento, não concordo com esses métodos, prefiro o árduo trabalho de guardião!

Cassio olhou para Pedro com certa reprovação, e mantendo a serenidade, respondeu:

— Pedro, se não concorda com os métodos, então por que não sugere uma solução? Meu irmão, estamos abertos a sugestões, contudo, nem sempre concordamos! Diga, o quê propõe?

— Que falem a verdade! Contemos de uma vez que ele desencarnou!

— O problema não é Artur, mas sim, Mariana, quando souber que desencarnou ele vai perguntar da esposa, para mantê-lo estável teremos que omitir a real situação! No estado de sofrimento em que Mariana se encontra, acabará se ligando mentalmente ao marido, se isso acontecer ele poderá se afetar com as mesmas emoções da esposa, e não conseguiremos acalmá-lo, ele vai pedir para ficar junto da família e não poderemos impedi-lo! Precisamos evitar que Artur se ligue aos pensamentos de Mariana, ou em pouco tempo ele se envolverá na mais completa perturbação, correndo o risco de se perder nas trevas da loucura! Por isso o melhor nesse momento é que continue em sono induzido!

Pedro balançava a cabeça negativamente, para o guardião de Artur, o melhor era falar toda a verdade, olhando para Marta, ele perguntou:

— Marta, sei que você é a que mais se aflige com o estado de Mariana, o que acha? Acredita que ela pode reincidir ao suicídio?

— Nesse momento não, Eloisa tem sido um porto seguro, minha preocupação é quando ela retornar para casa, ou ainda pior... Que se entregue a depressão, adoeça e venha a desencarnar, certamente será atraída novamente para o vale dos suicidas, dessa vez por suicídio involuntário! O pior não é isso... Com as vibrações cada vez mais baixas, nosso trabalho se torna quase impossível, ela se distancia de nossos apelos e sugestões, não consegue receber nosso auxílio!

Eurico se pronunciou:

— Senhores, e se promovêssemos um encontro entre o casal? Poderíamos aproveitar dos momentos de sono de Mariana e transportá-la para uma de nossas colônias, onde pudesse conversar com Artur.

Cassio pensou por breve instantes e concluiu:

— A ideia é pertinente, contudo, para que obtivêssemos bons resultados, Artur teria que estar consciente de seu estado atual, e dotado da mais completa aceitação, caso contrário ambos se perturbariam. Ainda precisamos levar em consideração que, no estado vibracional em que Mariana se encontra, no momento não conseguiríamos trazê-la para essa esfera, seria necessário levar Artur para uma colônia localizada em zona um pouco mais baixa, onde as vibrações de Mariana pudessem se compatibilizar, sendo assim, novamente voltamos ao fato de que Artur não está preparado para isso!

Eurico mais uma vez se pronunciou:

— Acredito que em pouco tempo não conseguiremos mais induzir Artur ao sono, o corpo espiritual se reestabeleceu dos traumas do acidente, sendo assim, ele se sente recuperado, disposto, não podemos convencê-lo de que está doente quando se sente bem!

O grupo discutia a melhor solução para o problema da família, todos empenhados a ajudar Artur e Mariana a superar a situação.

## Capítulo II – A Separação

Depois de muitas opiniões, chegaram à conclusão de que naquele momento o mais coerente seria manter Artur no posto de recuperação, a equipe do hospital e Eurico fariam o possível para acalmá-lo quando acordasse, enquanto isso, outra equipe continuaria junto de Mariana, nos momentos de sono, quando estivesse desdobrada tentariam conscientizá-la sobre a necessidade urgente de se reestabelecer emocionalmente, pois o bem estar de Artur dependia da aceitação dela.



No plano físico, Mariana e a família voltavam da missa de um mês de falecimento de Artur, entravam na casa como se acabassem de retornar do enterro, a tristeza que se distribuía pelo ambiente era quase palpável.

Mariana, com o rosto inchado pelo choro incessante foi direto para o quarto, atirou-se na cama onde ficou o resto do dia, Euclides tentava distrair as netas enquanto Eloisa preparava os quitutes que as meninas mais gostavam, o casal via nas netas a continuação do filho, sendo assim, faziam o possível para que superassem a perda do pai.

Por volta das 20 horas, Eloisa foi até o quarto de Mariana, abriu a porta com cuidado, nas mãos o prato de sopa quente exalava o aroma convidativo, cuidadosamente sentou-se na cama, acariciou o braço de Mariana e falou:

— Filha, acorde, já é noite, trouxe sopa.

Mariana abriu os olhos, confusa parecia não reconhecer o lugar, olhou para a sogra e lembrou-se que estava longe de casa e do marido, se sentou na cama e falou:

— Agradeço o carinho, mas não consigo comer.

— Mariana, precisa se alimentar, está perdendo peso!

— Dona Eloisa, não consigo comer, o alimento parece não descer, me para na garganta!

— Precisa se esforçar! Mariana, suas filhas precisam muito de você! Perderam o pai e agora sentem falta da mãe! As duas passam o dia todo trancadas naquela casinha no fundo do quintal, não querem voltar para escola, pararam de viver! Enquanto você não se levantar e retomar a vida elas farão o mesmo!

— A senhora tem razão, mas não encontro forças! Artur era minha vida, quando perdi ele, perdi junto a vontade de viver!

— Mariana, e suas filhas? Elas não merecem seu amor? Não tem amor por suas meninas?

— Sim! Amo minhas meninas, mas se as tenho é porque Artur me deu esse presente, e hoje não o tenho mais!

— Eu perdi meu único filho, posso te afirmar que nada se compara a essa dor, então, cuide de suas filhas, não perca algo tão precioso! Elas precisam da mãe!

— A senhora tem razão, amanhã vou providenciar para que voltem para escola, não se preocupe, cuidarei melhor delas!

— Para cuidar delas você precisa ficar bem, então coma um pouco, depois volte a dormir, cuidarei das meninas, mas amanhã precisa se esforçar para sair desse quarto!

Mariana comeu a sopa e pouco depois voltou a se deitar. O sono perturbado pelas lembranças do velório e enterro, via-se aprisionada ao mesmo sonho onde o carro batia na traseira do caminhão e Artur desencarnava, acordava várias vezes durante a noite, e sempre que despertava corria as mãos pelo espaço vazio da cama, quando lembrava que Artur havia desencarnado se entregava ao pranto até adormecer e retornar aos mesmos sonhos.

No dia seguinte Mariana despertou cedo, foi até o quarto das filhas, acordou as meninas falando com carinho:

— Vamos, vamos suas pequenas preguiçosas! É hora de retornar à escola!

As meninas olharam confusas, Maria Eduarda perguntou:

— Temos que voltar para escola?

— Sim minha filha, precisam!

— Mamãe, não podemos esperar mais alguns dias?

— Não! Chega de esperar! Já faltaram aulas demais! Quantas vezes ficaram em casa esse mês?

— Algumas! Mas só hoje! Por favor!

## Capítulo II – A Separação

Mariana olhou para a filha mais velha, os olhos pareciam implorar pelo consentimento, sentindo-se sem forças para insistir, e apiedando-se da menina, concluiu:

— Maria, só hoje! Ouviu bem? Amanhã quero as duas voltando à vida normal!

— E a senhora? Também vai retomar a vida normal?

Mariana surpreendeu-se com a pergunta da filha, ela sabia que sua vida não seria a mesma, acreditava francamente que nunca mais seria feliz e que nada mais importava, levantava-se da cama pelo dever de amparar as meninas. Esquivando-se da pergunta ela sorriu, alisou os rosto da filha e saiu do quarto.

No dia seguinte as meninas retornaram para escola, e aproveitando a ausência das filhas Mariana falou com Eloisa:

— Estou pensando em voltar para a nossa casa.

— Filha, não acho boa ideia! Você ainda está muito fragilizada para enfrentar a casa cheia de lembranças de Artur!

— Não posso ficar aqui para sempre! Cedo ou tarde terei que enfrentar! Preciso correr atrás da papelada para receber a pensão de Artur, ou não sei como vou fazer para sustentar a casa!

— Euclides já cuidou de tudo, o chefe de Artur foi muito atencioso, senhor Freitas gostava muito do nosso menino e fez o máximo para ajudar, você precisa ir até o banco assinar alguns papéis, mas em breve receberá a pensão, não será muito, ajudaremos todos os meses, não se preocupe, não deixaremos que falte nada para vocês!

— A vida não será fácil, Artur cuidava de tudo, nem sei por onde começar!

— Estaremos ao seu lado, quem sabe retomar seu trabalho como professora seja bom, isso ajudará a se distrair e poderá complementar a renda!

— Não me sinto preparada para enfrentar a vida lá fora, não agora!

— Filha, você percebe que essa declaração é prova de que ainda está fragilizada demais? É melhor que fique conosco mais um tempo!

Aqui estamos sempre atentos às meninas, você tem nossa companhia, espere umas semanas!

— Não quero, agradeço sua ajuda, mas quero voltar para casa, sinto falta de minha cama, acho que lá me sentirei mais perto de Artur!

— Filha, esse é meu medo! As lembranças de Artur, você não pode ficar presa às lembranças, precisa confiar em Deus!

Mariana estremeceu, os olhos se encheram de lágrimas, com a voz cheia de revolta, respondeu com rispidez:

— Deus? Confiar em deus? A senhora me pede para confiar em um Deus que tirou meu marido? Que matou um homem bom e deixou duas meninas sem pai?

— Nossa senhora! Não fale assim! Minha filha, Deus sabe o que faz, se Artur partiu é porque existe um propósito maior para isso! Não entendemos agora, mas um dia saberemos!

— Não aceito isso! Um Deus que faz isso está longe de qualquer forma de amor! E se a senhora insistir em me fazer mudar de ideia, sou capaz de ir embora agora mesmo!

— Se acalme! Não falarei mais! Mas te peço, por favor, não fale isso para suas filhas, por mais que não acredite, fale para elas que Deus sabe o que faz!

— Farei isso, mas um dia elas perceberão que Deus não existe, pois se existisse não importaria uma vida desgraçada às pessoas! Nasci para sofrer, tive pais e uma vida infernal, e quando finalmente encontrei alguém que me fizesse acreditar que a vida vale a pena, Deus o levou embora!

Eloisa se calou, percebeu que a revolta de Mariana era muito maior que a dor da perda, sabiamente reconheceu que naquele momento palavras não fariam diferença.

No dia seguinte Mariana e as filhas voltaram para casa. Ao abrir a porta, Mariana foi dominada por inúmeras lembranças de Artur, segurando-se para não chorar pediu para a filha:

— Maria, leve suas malas para o quarto, tire as roupas e coloquem tudo nos armários!

## Capítulo II – A Separação

A menina obedeceu, junto com Clara arrastaram as malas e começaram a arrumar tudo.

Mariana seguiu para o quarto onde havia passado vários momentos felizes com Artur, abriu o armário, puxou um terno do marido e começou a cheirar, o perfume fazia a saudade aumentar, mal conseguia impedir o grito de dor que parecia atravessado na garganta, trancou a porta do quarto e se deitou na cama, abraçada as roupas de Artur desejava morrer para escapar da dor.

Completamente alheia ao tempo, mergulhada no mais profundo sofrimento, parecia encontrar nas roupas um pedaço do marido, totalmente absorta, foi interrompida por Maria que batia na porta:

— Mamãe, já arrumamos tudo! A senhora está bem? Podemos entrar?

Mariana olhou o relógio de cabeceira e se deu conta de que havia se passado mais de uma hora, secando as lágrimas e arrumando os cabelos ela foi até a porta:

— Filha, logo vou fazer o jantar, por que não vão brincar de bonecas?

— A senhora estava chorando?

— Estava dormindo, deitei-me um pouco para descansar e adormeci! Agora vá, logo vamos jantar!

Mariana preparou o jantar, colocou as filhas na cama, e passou horas andando pela casa, uma parte sua ainda esperava a chegada de Artur, quando o corpo foi vencido pelo cansaço, deitou-se e adormeceu, mais uma vez envolvida pelos sonhos com a morte do marido.

As semanas seguiam e Mariana se esforçava para superar a ausência de Artur, as horas se arrastavam, os dias pareciam vazios e sem sentido, a saudade consumia sua vontade de viver.

Eloisa, fazia visitas constantes, e todas as vezes se deparava com o quadro desolador da casa, as meninas já haviam perdido o ano letivo pelo excesso de faltas, dessa maneira foram dispensadas para evitar os custos com a mensalidade da escola particular, a casa, antes zelosamente arrumada, mostrava sinais do descuido, roupas jogadas por todos os lados, louças sujas espalhadas pela casa, o quintal com a grama alta e

coberto por folhas secas, Mariana sempre de pijama, cabelos emaranhados, cada vez mais magra, o rosto pálido com olheiras profundas.

Preocupada com a situação, Eloisa decidiu ter uma conversa séria com a nora:

— Mariana, eu te imploro, voltem para nossa casa! Coloquem esse imóvel para alugar e venham viver conosco, te ajudaremos a cuidar das meninas!

— Não preciso de ajuda! Está tudo bem!

— Não filha, não está tudo bem! As meninas perderam o ano de escola e...

Antes que pudesse continuar, Mariana interrompeu, olhou com irritação, e respondeu em tom agressivo:

— Perderam um ano de escola? Isso não é nada! Eu perdi algo muito mais importante! O amor da minha vida!

— Sim, sim filha, mas elas precisam estudar, retomar uma vida normal! Elas ficam o dia todo aqui trancadas com você, o que essas meninas ficam fazendo?

— Ficam no quarto brincando, vendo TV! Não sei! Não sei!

— Como não sabe? Você fica fazendo o quê?

— Dona Eloisa, sempre lhe tive a mais alta estima, mas não se intrometa em nossas vidas! Se nossa condição a incomoda, então volte para sua casa e fique lá!

Eloisa assustou-se com a reação de Mariana, a nora sempre foi doce e amável, naquele momento parecia transformada.

— Filha, não me incomode, mas me preocupo! As meninas são uma parte de Artur, vocês são a nossa família, queremos que fiquem bem!

— Sim, sim, é com isso que se importam! Com as meninas! Minha dor não interessa!

— Não seja injusta, te amamos como nossa filha, tanto te amamos que estou te oferecendo nossa casa!

## Capítulo II – A Separação

— O que a senhora quer é tomar minhas filhas! Quer aproveitar a ausência de Artur para impor sua vontade e métodos com minhas meninas!

— Mariana, não é isso! Ouça, te falo com carinho, olhe para a sua casa, está uma bagunça! As meninas vivem com roupas sujas, os cabelos despenteados, unhas imundas! Vão ficar doentes! Olhe para você! Há quantos dias não tira esse pijama? Há quantos dias não toma banho? Estou falando isso porque quero seu bem, você precisa de ajuda! Entenda!

Mariana se levantou, os olhos estalados, mãos trêmulas, voz ofegante, foi até a porta da cozinha, parou e apontou para fora:

— Sai já da minha casa! Se nossa maneira de viver incomoda tanto, é melhor que não volte!

Espantada Eloisa levou a mão ao peito e pediu:

— Filha, se acalme!

— Sai já daqui! Das minhas filhas cuido eu!

Para evitar uma discussão, e consciente de que Mariana estava perturbada, Eloisa se levantou, em silêncio atravessou a porta e saiu.

Mariana bateu a porta, foi até o quarto das filhas e ordenou:

— Vou me deitar, e não quero ouvir um pio de vocês!

— E a vovó?

— Sua avó já foi, agora fiquem quietas! Se quiserem vão ver televisão, arrumem o que fazer, mas não me perturbem! Estou com dor de cabeça!

Maria Eduarda olhou com tristeza, a mãe parecia enraivecida, temendo uma repreensão maior, olhou para a irmã e pediu:

— Venha Clarinha, vamos brincar mais um pouco, depois vou fazer nossa comida!

— Vai fazer comida? Mas você nem sabe cozinhar!

— Sei sim! Vovó me ensinou algumas coisas!

— Mas você é criança! Não devemos mexer no fogo!

— Eu sei, eu sei! Mas já passei dos dez anos, não sou mais tão criança, e mamãe não está bem, precisamos comer né! Vou fazer nossa comida!

Mariana se trancou no quarto, e adormeceu, algumas horas depois Maria Eduarda iniciava sua aventura culinária, tomando vários cuidados encheu uma panela com água, levou ao fogo, colocou um pacote de macarrão e mexia sem parar, experimentava, adicionava sal, extrato de tomate, óleo, e no final o que conseguiu foi preparar um ensopado grudento, que aos seus olhos estava belíssimo e saboroso.

Orgulhosa, sentindo-se uma competente dona de casa, foi até o quarto e chamou a irmã:

— Clarinha, o jantar está pronto!

— Você já terminou?

— Sim, fiz macarronada! Venha antes que esfrie!

Maria serviu um prato para irmã, esperou que a pequena provasse e perguntou:

— Está gostoso?

— Tá, isso é macarronada?

— Sim! Por quê?

— Parece polenta!

— É porque cozinhou muito, da próxima eu acerto!

Entre risos, as duas comeram a papa vermelha, e quando terminaram voltaram para as bonecas, enquanto isso Mariana continuava adormecida, completamente alheia as artes das filhas.



Sentada na varanda da casa, Eloisa contava para o marido a reação da nora:

— Euclides, estou muito preocupada, nunca vi Mariana desse jeito, ela está revoltada, culpa Deus pela morte de Artur, fala coisas absurdas na frente das meninas! A casa está uma bagunça, roupas e louças sujas espalhadas por todos os cantos! Não sei o que vamos fazer!

— Eloisa, não podemos tomar as meninas dela, precisamos respeitar, mas temos que ficar de olhos abertos, essa moça vai acabar fazendo uma bobagem!

— Eu sei! Também penso o mesmo! Euclides, e se mandássemos internar Mariana?

— Internar? Você sugere que mandemos ela para um hospício?

## Capítulo II – A Separação

— Para uma casa de tratamento! Ela precisa de ajuda!

— Eloisa, ela não vai aceitar! Seria levada a força, e o que falaríamos para as meninas? Como elas reagiriam ao ver a mãe sendo arrastada?

— Não sei, não sei o que fazer! Tenho medo que uma desgraça aconteça naquela casa!

— Vamos esperar mais um pouco, se ela continuar nesse estado pensamos nessa possibilidade!

— Esperar quanto tempo? Faz quase quatro meses que Artur morreu e Mariana está cada vez pior!

— Espere alguns dias, depois tente visitar Mariana, sugira um tratamento, mas vá com calma, ela provavelmente vai recusar!

Enquanto o casal conversava, amigos do plano espiritual intuíaam Eloisa, o internamento era uma solução drástica, mas necessária naquele momento.

## CAPÍTULO III

### Dominadas pela loucura

Na colônia de Santa Maria, Artur despertava novamente, confuso olhava ao redor, logo Eurico se aproximou:

— Artur, como se sente hoje?

— Me sinto bem, estou cansado de ficar nessa cama! Quero me levantar e andar um pouco!

— Não é aconselhável, precisa se recuperar!

— Recuperar do que? Estou bem! Na verdade, já deveria estar em casa, preciso retornar ao trabalho! Quero ver minha esposa e filhas!

— Sabemos que anseia por rever a família, mas ainda não é o momento!

Artur sentou-se na cama, com olhar inquieto e irritado afirmou:

— Pois não vou mais ficar aqui! Chega! Faz dias que acordo e vocês me enchem de medicamentos para voltar a dormir! Tenho certeza que nessa água que me oferecem tem algum sonífero! Vou embora agora mesmo!

Ele ameaçava se levantar quando foi interceptado por Cristóvão, o homem se aproximou, colocou a mão em seu ombro e falou com sobriedade:

— Artur, como vai? Vejo que pretende nos deixar!

— Sim, sou grato pelos cuidados, mas estou cansado de explicar que me sinto bem! Quero ver minha família! E o senhor, quem é? É médico daqui?

— Me chamo Cristóvão, sou o responsável por esse hospital! Peço que se deite novamente, como pode ver, a sua volta outros irmãos se recuperam, precisamos evitar tumultos.

Artur se conscientizou de que precisava respeitar os outros pacientes que repousavam, atendendo ao pedido de Cristóvão, deitou-se e perguntou em voz baixa:

— Por que até hoje minha esposa e filhas não vieram me visitar? Vocês proibiram?

— Elas vieram para uma visita rápida, mas o senhor estava adormecido.

Eurico olhou de canto para Cristóvão, eles sabiam que não conseguiriam manter Artur no hospital, tentando acalmá-lo Cristóvão apelou:

— Peço que nos de um voto de confiança, providenciaremos notícias de sua família, mas hoje precisa descansar! Eurico vai providenciar tudo!

Artur olhou contrariado, cruzou os braços e afirmou:

— Se até amanhã não me liberarem, vou embora sem o consentimento dos amigos!

Eurico ofereceu um copo de suco, e pouco tempo depois Artur adormeceu, olhando para Cristóvão ele lamentou:

— Não suporto assistir meu neto assim, vou agora mesmo conversar com Cássio, não podemos mais manter Artur aqui!

— Concordo meu amigo, ele está cada vez mais indignado, isso não ajuda em nada!

Enquanto os dois conversavam, Cássio entrou no recinto:

— Senhores, creio que desejam falar comigo!

Eurico e Cristóvão cumprimentaram o mentor e logo iniciaram a explicação:

— Cássio, não podemos mais manter Artur nesse hospital, se não fosse a ajuda de Cristóvão, nem sei como teria o acalmado!

— Eurico, vou marcar uma nova reunião, mais tarde leve-o ao ministério, juntos tentaremos elucidá-lo sobre a nova condição.

Cássio acariciou os cabelos de Artur e se retirou, poucas horas depois, mais uma vez ele acordava.

Dessa vez Eurico estava preparado, e antes que Artur perguntasse ele esclareceu:

— Artur, trouxe roupas para você, poderá deixar o hospital, mas antes de retornar para casa, preciso que me acompanhe até um lugar.

— Que lugar?

— É uma reunião com amigos, falaremos sobre o acidente!

— Está certo, vou acompanhá-lo, mas depois quero ir embora!

— Vista suas roupas, voltarei para pegá-lo em alguns instantes.

— Antes de ir, pode me responder uma pergunta? Que lugar é esse? Nunca vi um hospital desse jeito, é muito moderno! Onde estão os pés das camas? Parece que flutuam!

— É... é... é um hospital em São Paulo, novo, inaugurou a pouco tempo, última tecnologia! Agora vista-se, precisamos ir!

Pouco tempo depois os dois saíram do hospital e seguiram para o transporte, Artur olhava com estranheza. Eurico andava alguns passos a frente para evitar as perguntas. As camas do hospital e o transporte que fluuavam, eram tecnologias completamente desconhecidas de Artur, ele se perguntava que lugar era aquele. Logo chegaram à uma colônia do plano superior, Eurico não sabia mais como escapar das perguntas de Artur. Apresando-se ele guiou o rapaz até um prédio e seguiram em passos rápidos para uma sala onde estavam Cássio e Pedro.

Artur entrou receoso, olhou para Cássio e Pedro com desconfiança.

O guardião foi em sua direção, sem conter a felicidade o abraçou com emoção e falou:

— Finalmente nos reencontramos! Que saudade!

— Te conheço? Desculpe, mas deve estar me confundindo com alguém!

Cássio balançou a cabeça, olhou para Pedro com reprovação, discretamente apontou a cadeira para o guardião, com um sorriso reservado, explicou:

— Não se assuste, Pedro é assim mesmo, um sentimentalista nato! Artur, somos velhos amigos, sente-se, vamos conversar, logo entenderá tudo!

Todos se acomodaram, e Cássio iniciou a explicação:

— Artur, como sabe, você sofreu um acidente muito grave, estamos aqui para ajudá-lo.

— Sim, foi grave mesmo, quando vi a traseira daquele caminhão achei que ia morrer, mas graças a Deus estou bem!

— Sim, está muito bem, mas o estado em que se encontra, não é exatamente o qual você imagina.

— Desculpe, mas não estou entendendo!

Antes que Cássio continuasse, Pedro tomou a iniciativa:

— Filho, o que nosso amigo Cássio está tentando falar é que você desencarnou!

— Desencarnou? O que é isso?

Cássio franziu a testa, arqueou a sobrancelha, e olhou para Pedro e repreendeu:

— Pedro! Mas isso é muito típico de suas atitudes! Será que pode ser um pouco mais cuidadoso com a explicação? Eu tinha certeza que você faria isso! Pedro, Pedro, Pedro!

— Cuidadoso? Estou sendo cuidadoso! Não adianta mais enganar o rapaz! É melhor contar de uma vez que ele morreu no acidente!

Cássio colocou a mão nos olhos, respirou fundo e aguardou a reação de Artur, no mesmo momento o rapaz se levantou assustado e interrogou:

— Morto? Que brincadeira é essa? Não morri no acidente! Estou aqui! Por acaso são loucos?

— Artur, desculpe Pedro, ele sempre foi impaciente! Filho, sente-se, precisamos explicar! Você não morreu, pois espírito não morre, mas seu corpo material não sobreviveu ao acidente, teve morte instantânea!

— Eu morri ou não morri? Podem explicar direito? Não entendo nada!

Nesse momento Eurico se levantou, olhou carinhosamente para Artur e falou:

— Artur, olhe para mim!

Imediatamente o corpo jovial do rapaz se transfigurou, Artur não conseguia acreditar, diante de seus olhos o enfermeiro se transformava em sua avó.

Emocionado e pasmo ele tentava raciocinar, com a voz vacilante perguntou:

— Meu Deus, que lugar é esse? Vovó Clara? É a senhora mesmo?

— Sim filho, sou eu! Eurico é a aparência que tive em outra existência, adotei ela para poder te cuidar no hospital, não queria assustá-lo! Cássio é seu mentor, e Pedro, esse senhor impaciente, é seu guardião, juntos e com ajuda de outros irmãos eles guiaram seus passos na terra.

— Então... eu morri no acidente?

— Sim, você desencarnou e foi trazido em corpo espiritual para nosso plano! O corpo físico está morto, é como uma roupa que não lhe cabe mais.

— Tive uma cliente que falava sobre espíritos, desencarne, respeitava suas crenças, mas nunca acreditei muito!

— Ela estava certa, e como pode ver, a vida é eterna! O espírito nunca morre!

Pedro, novamente envolveu Artur em um abraço, olhou em seus olhos com carinho e falou:

— Não pode imaginar minha alegria! É uma satisfação e felicidade quando nossos pupilos seguem uma vida reta e ao desencarnar podem ser transferidos para um plano de paz, muitos encarnados não alcançam a mesma glória!

Artur retribuiu o abraço, sem reconhecer o guardião sentia-se confuso com a manifestação de carinho do homem. Percebendo a estranheza, Cássio esclareceu:

— Artur, em breve recobrará muitas memórias do passado, não se preocupe, lembrará de nós! Em outra existência Pedro foi seu irmão, por isso está tão emocionado!

— Desculpe Pedro, mas não lembro de você! Entendo que estou morto, que uma parte é eterna e não morre, mas é estranho, pois me sinto vivo!

Pedro explicou:

— Mas está vivo! Em breve compreenderá melhor! A vida real acontece aqui, longe da ilusão da matéria!

— Mas... e minha família?

Todos se entreolharam, o momento delicado exigia cautela. Pedro sentou-se novamente, reconhecendo que Cássio era o mais

capacitado para conduzir o assunto, olhou para o mentor e mentalmente lhe transmitiu o pensamento:

— Vou me calar, meu irmão, explique você!

Cássio iniciou a explicação:

— Artur, sua família está bem. Seus pais estão amparando Mariana e as meninas, e vários amigos do plano espiritual se empenham para que superem sua ausência.

— Mas como faço para vê-las?

— No momento não é possível, Mariana encontra-se em uma fase de recuperação e aceitação, sua presença poderia causar graves perturbações!

— Mas se estou morto ela não vai me ver! Quero fazer uma visita, sinto falta das minhas meninas, saudade da minha esposa!

— Ela não pode te ver com os olhos materiais, mas sua presença, por mais que seja invisível, é percebida pelos corpos sutis dos encarnados, ao sentir sua vibração e não conseguir vê-lo, ou tocá-lo, Mariana poderá entrar em profundo desequilíbrio! Sugiro que seja paciente e aguarde mais um pouco, prometo que traremos notícias e cuidaremos para que fiquem bem!

Artur parecia indignado, recusava-se a aceitar a separação, sentia-se profundamente saudoso, e desejava profundamente rever a família.

Clara, carinhosamente segurou a mão do neto e consolou:

— Filho, eu entendo a saudade que sente, sei que é muito difícil estar em planos separados, mas pense que é temporário, em breve poderá fazer visitas ao antigo lar, e quando menos perceber terá a alegria de ver suas filhas e esposa chegando nesse plano! Tenha paciência, confie no amor de Deus que sempre permite o reencontro!

— Está bem, farei o possível! Mas vou ficar fazendo o que? Como é a rotina aqui?

Cássio explicou:

— Aconselho que inicie os estudos, precisa relembrar o modo de vida no plano espiritual. Pedro providenciará um trabalho que tenha afinidade, muitas colônias necessitam de cooperadores, e em breve

marcaremos uma vista a outro local, é importante que reveja sua caminhada no plano terreno!

— Rever minha caminhada? Como?

— Artur, tudo que fazem na terra, seja em atitudes ou pensamentos, fica gravado, poderá assistir e analisar tudo que fez quando estive na terra, ter uma visão ampla dos ônus e bônus da última encarnação. Agora Pedro e Clara vão te acompanhar até outra colônia, lá será apresentado a seu novo lar.

— E tem casas aqui?

— Sim, temos casas, escolas, hospitais, universidades, centros de lazer, tudo muito parecido com a Terra!

Clara segurou na mão de Artur e falou:

— Você ficará em minha casa, é um espaço pequeno, mas muito agradável, tenho certeza que vai se habituar rápido!



Enquanto transportavam Artur para a nova moradia, no plano físico Maria Eduarda assumia a responsabilidade pelos afazeres domésticos.

A menina, apesar da maturidade precoce, levava a vida alheia à gravidade dos acontecimentos, sabia que a mãe estava triste, mas não conseguia perceber que a tristeza se transformava em doença, passava os dias brincando com a irmã, e corriqueiramente quebravam as regras ensinadas pelos pais, aproveitando a ausência da mãe, praticavam diversas traquinagens.

Mariana passava dias e noites trancada no quarto escuro, pediu que as filhas tirassem o telefone do gancho, passou o cadeado no portão e se isolou completamente do mundo.

Preocupada e aflita, Eloisa tentava ligar, mas o telefone sempre dava sinal de ocupado, munindo-se de paciência e coragem, foi mais uma vez até a casa da nora.

Quando chegou à casa da nora, percebeu o cadeado no portão, bateu palmas, chamou e pouco tempo depois as meninas correram ao seu encontro:

— Maria, por que o portão está com cadeado?

Capítulo III – Dominadas pela loucura

— Mamãe colocou, é para não sairmos pra rua!

— Então pegue as chaves, chame Mariana!

— Mamãe está com a chave, e está dormindo!

— Maria, peça a chave para sua mãe, diga que é a vovó, trouxe bolo, refrigerante e aqueles salgadinhos que vocês adoram!

A menina correu para a casa, pisando lentamente, nas pontas dos pés, se aproximou da mãe e falou em seu ouvido:

— Mamãe! Mamãe! Levante! Vovó está lá fora, trouxe coisas gostosas para nós!

— Mande-a ir embora!

— Ir embora? Mas ela trouxe bolo e salgadinhos! Por favor mãe! Por favor!

— Aiiiiii, está bem, alcance meu roupão, vou me levantar para atender!

Mariana se levantou com dificuldade, antes de dar o primeiro passo sentiu-se zozona, apoiou-se na cama e se esforçou para vestir o roupão e caminhar até o portão.

Ao notar a aparência na nora, Eloisa se esforçou para esconder a tristeza, entrou na casa e notou que o ambiente estava ainda pior, uma atmosfera pesada parecia envolvê-la, parecia que tudo se fundia a angústia e desolação de Mariana.

Ela serviu as meninas, enquanto Mariana parecia estática, sentada no sofá, os olhos olhavam para o nada, completamente alheia ao que se passava a sua volta.

Eloisa serviu as netas, deu atenção para as meninas que demonstravam carência, observando a nora no sofá, imaginava como falar sobre um possível tratamento.

Algum tempo depois pediu para Maria:

— Filha, agora que já comeram, pegue sua irmãzinha e vá brincar, vovó precisa conversar com sua mãe!

As meninas saíram correndo, nas mãos os salgadinhos e refrigerante eram motivos de alegria e risos faceiros.

Eloisa sentou-se ao lado de Mariana, com carinho pegou na mão da nora, no mesmo momento ela deu um salto, o toque a despertou do

transe, com os olhos vermelhos e estalados, puxou a mão, e mostrando irritação perguntou:

— Por que a senhora voltou aqui? Não falei para ir embora?

— Sim, e fui embora! Mas faz dias que tento ligar e o telefone está sempre ocupado, fiquei preocupada!

— Mandei que Maria tirasse do gancho, não suporto essa enxaqueca, quero silêncio!

Tomada por um acesso repentino de tosse, Mariana parecia sufocar com uma profunda falta de ar. Eloisa correu até a cozinha, pegou um copo de água e ofereceu:

— Tome essa água, vai ajudar!

Mariana deu alguns goles, entregou o copo, e olhou entristecida:

— Muito obrigada, mas se a senhora não se importar, preciso me deitar!

— Filha, deixarei que volte para cama, mas antes me ouça alguns minutos, prometo que serei breve. Mariana, estive conversando com Euclides, achamos que você precisa de ajuda, sei que não quer mudar para nossa casa, mas quem sabe aceite um tratamento!

— Tratamento? Não estou doente!

— Filha, um tratamento que te ajude a sair dessa depressão, um especialista!

— A senhora quer me levar em um médico de louco? Não estou louca, apenas sinto falta de Artur!

— Ninguém, acha que seja louca, mas a ausência de Artur está consumindo sua saúde! Veja, essa tosse abrupta, você está muito magra, pálida! Filha, é visível, você está doente!

— Não vou me tratar! Quero apenas viver meu luto em paz!

— Mariana, o período de luto passou faz tempo, faz mais de seis meses que Artur partiu, e você está cada dia pior! Aceite nossa oferta, deixe-nos levá-la para uma boa clínica, cuidaremos das meninas, pagaremos todas as despesas, e quando estiver bem poderá recomeçar!

— A senhora quer me levar para um hospício?

— Não! Não pense isso! Ouça, liguei para um centro de recuperação, é um lugar muito bom, não existem loucos no local, apenas

pessoas que se recuperam de traumas, tem assistência psicológica, grupos de autoajuda, acredito que você vai gostar!

Enfurecida, Mariana se levantou do sofá, olhou com desprezo para sogra, entre tosses e suspiros falou:

— Não vou para lugar nenhum! Se for para sair dessa casa vai ser direto para o cemitério! Lugar onde eu já deveria estar faz tempo!

— Meu Deus! Minha filha do céu! Não fale uma bobagem dessas! Suas meninas precisam de você!

— Já lhe falei! Não fale em Deus nessa casa! Agora me deixe em paz, estou cansada!

— Mariana, não queremos interná-la a força, então me prometa que vai se esforçar para vencer esse luto!

— Me internar a força? Pois tentem! Eu fujo e levo as meninas para longe, nunca mais verão suas netas!

— Filha, vou ignorar suas palavras porque sinto piedade, sua dor deve ser imensa e já não pensa mais no que fala! Mas imploro, comece a cuidar das suas filhas!

Mariana deu as costas e trancou-se no quarto, Eloisa, sentindo-se de mãos atadas, foi até o quarto das netas, e aproveitou o restante da tarde para limpar a casa, dar banho nas meninas, lavar roupas e deixar o lugar organizado.

À noite, em casa, Eloisa explicou para Euclides:

— Não sei o que fazer, a casa estava imunda, as meninas com roupas sujas! Mal consegui desembaraçar os cabelos de Maria, as crianças estão praticamente abandonadas!

— Eloisa, talvez nossa única alternativa seja internar Mariana!

— Não quero chegar a tal ponto, pode ser que ela nunca nos perdoe! E hoje ela ameaçou de sumir com as meninas!

— Vamos fazer o seguinte, esperaremos mais uma semana, se ela continuar assim teremos que tomar uma atitude, depois da sua ameaça quem sabe ela fique com medo e desperte!

Na casa de Mariana, as meninas brincavam no quarto quando ouviram a mãe chamar, atendendo rapidamente, correram até o quarto, Maria jogou-se sobre a cama e falou:

— Estamos aqui!

— Filha, vou me levantar a preparar nosso jantar, poderia me ajudar?

— Sim! Sim! A senhora vai fazer comida para nós?

Mariana mostrou um leve sorriso, a empolgação da menina era contagiante, acariciando o rosto da filha ela pediu:

— Quero que leve para o banheiro uma toalha de banho, e pegue aquele vestido azul, vou tomar um banho e logo início nossa janta! E vocês também vão tomar banho!

— Vovó deu banho em nós! Estamos limpinhas!

Mariana abaixou a cabeça, por um momento sentiu-se envergonhada, arrastando os pés foi até o banheiro, tomou um longo banho e sentiu-se renovada.

Os apelos de Eloisa lhe causaram culpa, não adiantava negar, as filhas realmente estavam abandonadas, temendo que a sogra cumprisse com a ameaça de interná-la, decidiu que lutaria para vencer a dor que parecia nunca mais se dissipar.

Enquanto preparava o jantar, olhava para as filhas sentadas no sofá, divertindo-se e rindo, por breves momentos desejou ter a inocência das crianças, as meninas pareciam ter uma força que ela não conseguia encontrar.

Lutando contra a dor que parecia instalada no coração, Mariana mexia nas panelas enquanto se envolvia em pensamentos perturbadores, era como se vozes ecoassem em sua mente, frases desconexas que culpavam e repudiavam Deus e seus desígnios, ela fechou os olhos por breves momentos e tentou se concentrar, contudo, os pensamentos persistiam.

O que Mariana não conseguia suportar, é que a sua volta vários espíritos desequilibrados sussurravam em seus ouvidos, os hospedeiros invisíveis aproveitaram-se da revolta e baixas vibrações da casa para se acomodar junto da família, encontravam nos pensamentos desequilibrados de Mariana, o meio propício para dissipar suas ideias de ódio, revolta, medo, tristeza e morte.

Enquanto lutava para combater as sugestões, dois guardiões entraram no ambiente, a chegada inesperada causou alarde entre os obsessores que cercavam Mariana, antes que fossem capturados se precipitaram em uma fuga desgovernada.

Francisco, guardião de Mariana se aproximou, em extrema concentração esforçou-se para transmitir palavras de conforto:

— Filha, você não está sozinha! Precisa mudar seus pensamentos! Enquanto alimentar essa revolta continuará atraindo esses biltres!

Por breves instantes Mariana sentiu-se calma, um sossego tomou conta do seu coração, acompanhada por Francisco ela serviu o jantar e compartilhou de momentos de paz ao lado das filhas.

No dia seguinte se levantou cedo, organizou a casa, e quando foi guardar as roupas no armário se deparou com os ternos de Artur, a paz e tranquilidade foram imediatamente substituídos pela saudade seguida de revolta.

Novamente Mariana se entregava aos pensamentos perturbadores, enquanto a mente se debatia, os corpos sutis irradiavam a energia pesada e desequilibrada que atuava como um chamariz para os obsessores que logo se aproximaram.

Mais uma vez cercada por espíritos alucinados, ela sentia-se enlouquecer pela falta de Artur, olhou para cama e viu-se envolvida pelo desejo incontável de entregar-se ao quarto escuro e morrer.

Quando se deitou na cama, outra vez Francisco intercedeu, dessa vez acompanhado por outros guardiões, ele conseguiu capturar dois obsessores que foram imediatamente transferidos para zona astral onde permaneceriam por algum tempo, no canto do quarto, um homem olhava rindo, em tom desafiador falou para Francisco:

— De que adianta levá-los embora? Sabe muito bem que é ela quem nos chama! Em pouco tempo a casa estará novamente ocupada por outros!

— Não permitirei que se aproveitem da situação!

— Não permitirá? E por acaso não são suas leis divinas que proíbe a interferência no livre arbítrio desses ignorantes? Se ela quer se

entregar a desgraça e sofrimento, é uma escolha dela, não poderá fazer nada além de assistir e lamentar! Ah! Ah! Ah! Bando de idiotas! Sofrem como se o desencarne fosse o fim!

— Não pense que vou desistir! Mariana é forte, conseguirá combater suas investidas!

— Conseguirá mesmo? Tem certeza? Sabe muito bem que ela é uma fraca! Não pode fazer nada! Ela nem te ouve! Quer que te mostre?

Ele se aproximou alguns passos, olhou fixamente para Mariana e transmitiu cenas sobre o desencarne de Artur, no mesmo momento Mariana caiu em prantos.

Francisco se aproximou, acariciou Mariana e falou:

— Filha, Artur está bem! Ele aguarda o momento para revê-la!

Para sua tristeza, as palavras não conseguiram romper o campo vibracional denso que se formava ao redor de Mariana, para o guardião era triste admitir, mas naquele momento o obsessor estava certo.

No canto do quarto, o obsessor olhava com deboche, e ironicamente falou:

— Está vendo! Não adianta, as vibrações dela já não se assemelham as suas, mas sim, as minhas!

Surpreendido por dois guardiões que apareceram no quarto, o obsessor viu-se aprisionado em correntes energéticas, confiante e rindo, antes de ser levado, olhou para Francisco e concluiu:

— Podem me levar, também tenho livre arbítrio, logo estarei aqui novamente, ela não vai mudar!

No ambiente restaram Francisco e Mariana, mais uma vez ele se aproximou, estendeu as mãos e irradiou uma luz branca que envolveu o corpo de Mariana, sentindo-se apaziguada, ela parou o choro, levantou-se da cama, respirou profundamente e retomou os afazeres.

Francisco sabia que o obsessor em breve voltaria, dominada pela revolta, Mariana não conseguia captar as sugestões de espíritos superiores, entregue a pensamentos desconexos, suas vibrações ficavam cada vez mais pesadas, e com isso se tornava um atrativo para espíritos que se afinavam a tais energias, e ainda se alimentavam dos fluidos dela e das filhas.

A noite Mariana se preparava para começar o jantar quando Maria Eduarda pediu:

— Mamãe, a senhora faz sopa?

— Sopa? Está com vontade de comer sopa?

— Sim, com batatas e bastante macarrão!

Mariana sorriu, abraçou a menina e falou:

— Faço sopa, mas terão que me ajudar!

Distraídas na cozinha, mãe e filhas interagiam com alegria, quando Mariana olhou para as meninas sentadas a mesa, ajudando na limpeza dos legumes, lembrou-se da noite fatídica em que Artur desencarnou, voltando-se para a panela que estava no fogão, sentiu-se estremecer quando ouviu um estrondo, assustada olhou para as filhas e comentou:

— Parece que vai chover!

Sentindo a irradiação de medo que partia da mãe, Maria Eduarda tentou disfarçar e respondeu:

— É só um trovão! Acho que vai cair um temporal!

— É filha, acho que vai, feche as janelas!

Mariana mal conseguia esconder o mal-estar, tudo parecia reproduzir a noite em que o marido morreu, alguns minutos depois a chuva torrencial acompanhada pela ventania, balançava as janelas da casa, assustadas as meninas correram até a mãe e se agarraram ao vestido.

Fazendo um esforço descomunal para manter o controle, ela abraçou as meninas tentando acalmá-las, sorrindo nervosamente pediu que continuassem a tarefa, e retornou para o fogão, olhou para Maria Eduarda e percebeu que a filha estava pálida, na tentativa de dispersar a sensação desagradável que se espalhava pela cozinha, ela pediu:

— Filha, ligue o rádio, coloque uma música, assim não ouvimos a ventania, isso logo passa!

A menina obedeceu, e a música se espalhou pelo ambiente tomado pelo medo e tensão.

Com as mãos trêmulas e geladas, Mariana mal conseguia segurar a colher, a cada novo trovão os pensamentos voltavam para a noite do

acidente, revivendo cada minuto daquela noite de pavor, sua alma se debatia em agonia.

Buscando abrigo, e encontrando na casa o ambiente propício, vários espíritos entravam e se acercavam de Mariana que exalava vibrações de medo e angústia, alguns já conheciam a família, iam e voltavam constantemente, outros apenas buscavam um lugar para se refugiar do temporal e um encarnado que pudessem vampirizar.

Espalhando-se por todos os cantos da casa, eles trocavam informações sobre a situação da família, enquanto alguns cercavam Mariana e se alimentavam dos fluidos exalados pelos chacras baixos, outros faziam o mesmo com as meninas.

Rindo, uma mulher que costumeiramente se abrigava na casa, comentava com um recém-chegado:

— Essa daí ficou louca! O marido morreu e ela se revoltou, o guardião dela vive por aqui, mas não consegue fazer muita coisa, ela se afastou! Para nós é bom, temos um lugar para ficar, conseguimos o alimento que precisamos, às vezes tenho pena dessa coitada, mas é ela quem manda! O dia que decidir ouvir aquele guardião não poderemos fazer mais nada!

— E quem é que manda por aqui?

— Está vendo aquele parado no canto da cozinha? Por enquanto vem e vai, mas tenho certeza que em pouco tempo ele vai mandar em tudo por aqui! Ele não é de brincadeira! Ouvi falar que até já desafiou o guardião dessa louca!

— Mas aquele espírito eu conheço! Já vi ele nas zonas do umbral, é impiedoso, tem vários escravos! Vou embora! Não quero ser capturado por esse demônio!

A mulher deu uma gargalhada enquanto o recém-chegado corria para longe da casa.

Cercada por obsessores, com os pensamentos fixos na noite em que Artur morreu e completamente apavorada, Mariana deu um salto quando ouviu um grande estrondo, o trovão estremeceu a casa, as luzes da rua se apagaram, no ambiente se instalou um verdadeiro pandemônio.

### Capítulo III – Dominadas pela loucura

As filhas começaram a gritar, no escuro tateavam procurando pela mãe, Mariana largou o fogão e correu em direção das meninas, cercadas pela completa escuridão, abraçou as crianças e se entregava ao pânico.

Clarinha em prantos e apavorada percebia vultos pela casa, agarrava Mariana pelas pernas e gritava:

— Tem um homem aqui dentro! Tem gente andando pela casa!

Mariana abraçava as filhas, tentava enxergar, mas não via nada além da escuridão:

— Não tem ninguém aqui! Clarinha, pare com isso!

— Tem sim, tem sim, tem um homem rindo no canto da cozinha! Está olhando para nós!

— Não tem! Cale a boca! Fiquem aqui, vou pegar velas!

Com dificuldade Mariana se desvencilhou das filhas, apalpando o armário e gavetas conseguiu encontrar velas, acendeu e iluminou o ambiente, quando olhou para a cozinha, notou que Clarinha estava sentada no chão, completamente encolhida e com a cabeça entre as pernas, ela foi até a filha, pegou no braço da menina e pediu:

— Venha, vamos para a sala!

— Não, não! Aquele homem está lá! Ele acabou de se encostar no canto da sala!

Maria Eduarda, acuada e lívida olhava para a sala, tentava ver o homem que Clarinha apontava, enquanto isso a mãe ia até o canto, iluminava a sala e tentava convencer a menina de que não havia nada.

Convicta, Clarinha começou a gritar:

— Ele está aí, do seu lado! Está rindo da senhora! Quero o papai! Quero o papai!

Mariana sentiu um frio descer pela coluna, apavorada com a escuridão, atormentada pelas lembranças, envolvida pelos gritos da filha, e obsedada pelo espírito que Clarinha avistava, ela entregou-se ao completo tormento, agarrou os próprios cabelos e começou a gritar:

— Artur, Artur! Quero meu marido! Quero meu marido!

As filhas, ao ver a mãe perder o controle, não suportaram, começaram a gritar e imitar o descontrole que viam na mãe.

Correndo de um lado para o outro, Mariana começou a lançar objetos na parede, foi até a cozinha e arrancou a toalha da mesa espalhando pratos e copos para todos os cantos, chutava os móveis, socava as paredes, totalmente descontrolada, ela quebrava e destruía tudo que alcançava.

Por todos os cantos da casa ouviam-se os berros, lamentos, blasfêmias e objetos sendo atirados contra as paredes, no plano extrafísico os espíritos faziam uma estrondosa algazarra, incentivavam Mariana a continuar, vampirizavam as meninas, gargalhavam e divertiam-se com a situação.

Atormentadas, Mariana e as filhas passaram horas gritando, chorando, chamando Artur, entregues ao mais profundo tormento, enlouqueceram completamente, quando se sentiram esgotadas se entregaram ao cansaço, amontoaram-se no sofá da sala onde adormeceram em prantos e cercadas pelos acompanhantes invisíveis.

No dia seguinte, Mariana entregou-se a absoluta prostração, se levantou do sofá e foi direto para a cama, as meninas, após a noite de terror ficaram transtornadas, acreditando que podiam quebrar tudo, pegaram a caixa de ovos e começaram a atirar nas janelas, atiravam copos contra o muro, destruía o que achavam divertido, inconscientes tentavam se libertar da dor.

As vizinhas, que há muito tempo comentavam sobre o estado do quintal imundo, observavam as meninas atirando os ovos na janela, muito ocupadas com fofocas, apenas cochichavam enquanto fingiram não ver.

Preocupada com o temporal da noite anterior, Eloisa foi até a casa da nora, ao chegar não conseguiu acreditar no que via, o quintal coberto por folhas e sujeira, cortinas arrancadas, as janelas cobertas por ovos, o portão estava com o cadeado. Bateu palmas, mas dessa vez não foi atendida, notando a chegada da avó, as meninas se trancaram no quarto, entre risos sarcásticos encolheram-se no canto e fingiram não estar em casa.

Cansada de bater, Eloisa voltou para casa, estranhando a bagunça e a ausência, tentou se convencer de que Mariana havia finalmente despertado, e estava na rua com as filhas.

À noite Mariana foi tomada pelo surto de tosse, seu guardião já não conseguia se aproximar, a casa foi completamente tomada por obsessores, para ter acesso a Mariana, seria necessário uma falange para dispersar a horda.

Passaram-se três dias, a casa continuava tumultuada, Mariana não saía do quarto desde a noite da tempestade, as crises de tosse se agravaram, com febre, falta de ar, sentia o abdômen dolorido, apalpando o criado mudo em busca de um copo com água, sentiu na boca o gosto forte de sangue, pegou a ponta do lençol e passou nos lábios, entre a penumbra do quarto conseguiu ver a mancha vermelha, entre um misto de medo e alívio, ela concluiu que iria morrer, e certamente encontrar Artur. Apenas se deitou novamente e continuou inerte.

Maria cozinhava seus macarrões e com carinho ia até o quarto da mãe e implorava para que ela abrisse a boca e comesse, mas Mariana recusava.

A cena lastimável parecia um filme de comédia para os obsessores que se divertiam com o estado catatônico de Mariana.

Clarinha via os vultos pela casa e acreditava que também estava louca, apavorada se escondia embaixo das cobertas.



Aproximava-se o final de semana, e Eloisa estava decidida a fazer nova visita, buscando o conselho de Euclides, perguntou:

— Acha que devo insistir?

— Mulher, se você foi até lá e não encontrou ninguém, certamente estavam na rua, isso é bom, sinal que Mariana resolveu sair de casa, se acalme!

— Não sei, pressinto que algo não está bem!

— Já tentou ligar?

— Sim, mas ninguém atende, muitas casas ainda estão sem telefone por causa da tempestade! Não consigo esquecer do estado

daquele quintal! Ovos por toda parte! Só Deus sabe o que essas meninas andaram aprontando!

— Então espere, amanhã é sábado, se elas não atenderem o telefone nós vamos lá no domingo!

No dia seguinte Clarinha foi a primeira a despertar, seguiu para a cozinha procurar o que comer, não encontrou nada e voltou para o quarto acordar a irmã:

— Maria, Maria, estou com fome!

— Calma, já vou!

— Não tem o que comer!

— É verdade, o pão acabou, mas espere, tem trigo no armário, vou fazer bolinho!

— Bolinhos? E desde quando você sabe fazer bolinho?

— Tem uma receita atrás do pacote de trigo! Não deve ser tão difícil!

A menina foi até a cozinha, seguindo a receita conseguiu preparar os bolinhos, vasculhou o armário encontrou uma caixa de chá, preparou o desjejum, serviu a irmã, e com extremo cuidado arrumou um prato e foi até o quarto da mãe, entrou nas pontas dos pés, sentou-se na cama e falou:

— Mamãe, fiz bolinhos, estão uma delícia!

Mariana não se moveu, tentando mais uma vez, Maria virou o rosto da mãe, ajeitou os cabelos e repetiu:

— Mamãe, acorde! Fiz chá e bolinhos!

O apelo foi em vão, confusa ela colocou o ouvido no peito da mãe, tentou ouvir o coração, mas não ouviu as batidas.

Apavorada a menina começou a chorar, subiu na cama e sacudiu o corpo inerte:

— Mamãe! Por favor, abra os olhos! Abra, por favor!

Ouvindo o choro, Clarinha gritou da cozinha:

— Maria, está tudo bem?

Sem saber como contar para a irmã, tentando disfarçar a voz chorosa, respondeu:

— Tá tudo bem! Já vou aí! Continue comendo!

Maria insistiu mais algumas vezes, se deitou sobre o corpo de Mariana e fez um último apelo:

— Mãe, mãezinha, abra os olhos, precisamos de você! Não nos deixe sozinhas!

Abraçada ao corpo sem vida, permaneceu alguns minutos implorando, percebendo que não podia fazer nada, se deu por convencida, a mãe estava morta.

Desnorтеada ela secou as lágrimas, cobriu o corpo de Mariana e saiu do quarto, fechou a porta, parou no meio da cozinha e olhou para a irmã, Clarinha sorria e fazia estripulias com os bolinhos.

Maria Eduarda sorriu disfarçadamente e falou:

— Mamãe pediu para ficarmos bem quietinhas! Vamos ver televisão!

Tentando buscar uma alternativa para a desgraça que se abatia na casa, ela decidiu, também queria morrer.

O pai havia partido, a mãe enlouqueceu e também morreu, ela e a irmã estavam órfãs, achando na memória as imagens dos filmes que via na televisão, lembrou-se das crianças que iam para orfanatos onde eram maltratadas, ela não queria passar por aquilo e jamais deixaria a irmãzinha sofrer.

Deixando Clarinha entretida com a refeição, foi até a lavanderia, escalou a prateleira e conseguiu encontrar o veneno para ratos que o pai escondia no alto.

Voltou para cozinha, apanhou uma chaleira, e sem que Clarinha percebesse, ela preparou a mistura de leite e veneno, aqueceu e ofereceu para irmã:

— Clarinha, beba isso, mamãe mandou tomar leite!

A menina bebeu o leite envenenado, e antes de dar o último gole, comentou:

— Éca! Esse leite tá estragado!

Maria serviu-se de uma xícara de leite, bebeu em grandes goles e falou:

— Clarinha, agora vamos ver televisão, logo vamos sentir uma coisa estranha, mas não tenha medo, vai ficar tudo bem, vamos encontrar com papai!

As duas foram para o sofá, ligaram a televisão, Maria se preocupou em pegar um cobertor, enrolou-se, cobriu a irmã, e de mãos dadas se aquietaram diante do aparelho.

Por volta do meio dia, na casa ouvia-se apenas o som da televisão, era o fim dos risos fáceis de Clarinha, da voz alegre de Maria Eduarda, não se ouvia nem o choro doloroso de Mariana, todas haviam desencarnado.

Parado no meio da sala, um espírito trevoso olhava para os corpos das meninas, e falava com austeridade para um de seus escravos:

— Agora esse é meu domínio, aqui ninguém entra ou sai sem minha autorização!

— Senhor, mas e os guardiões?

— Eles não voltarão! O que lhes interessava era socorrer as crianças, e isso fizeram imediatamente após o desencarne, aquela tola, a mãe louca, essa está no vale dos suicidas, é uma pena, pois gostaria muito de me divertir com ela! Agora vá! Faça seu trabalho, se alguém perguntar por mim diga que estou na casa das loucas, meu novo domínio no plano físico!

## CAPÍTULO IV

### Trevas da inconsciência

No plano espiritual, uma tensa reunião se estendia, mentores e guardiões do casal procuravam a melhor maneira de dar a notícia para Artur, sabiam que ele se revoltaria com a impossibilidade de resgatar Mariana.

Enquanto debatiam, Artur, acompanhado por Clara, entrou na sala, o silêncio se estendeu, ninguém queria ser o portador da informação.

Cássio indicou uma cadeira, e Artur se sentou, Pedro se levantou e parou atrás do rapaz, com as mãos no ombro de Artur mostrava apoio.

Presentindo que algo grave havia acontecido, Artur olhou para Cássio e perguntou:

— O que aconteceu? Minhas meninas e Mariana estão bem?

— Artur, infelizmente não trago boas notícias. Tomada por um surto de loucura, Mariana se entregou ao desespero, trancou-se no quarto, passou dias sem se alimentar, adoentada e enfraquecida, o corpo físico não resistiu, ela desencarnou!

Artur emudeceu, mostrando-se confuso, olhava fixamente para a mesa branca, tentava raciocinar, depois de alguns segundos, voltou a olhar para Cássio e perguntou:

— E as meninas? Estão com meus pais?

Cássio abaixou a cabeça, naquele momento sentiu que nem mesmo a evolução de um mentor lhe dava as palavras adequadas para transmitir aquela informação, munindo-se de fé, ele respondeu:

— Artur, suas filhas... É muito difícil encontrar palavras, mas elas também desencarnaram!

Artur levantou-se em sobressalto:

— Como? Está dizendo que minhas meninas morreram?

— Sim, Maria Eduarda ao ver Mariana morta, concluiu que o melhor para ela e Clarinha era morrer, colocou veneno de rato no leite! Mas calma, elas estão bem, foram amparadas no momento do

desencarne e resgatadas em seguida, estão em uma colônia de recuperação própria para crianças!

— Bem? Não meu amigo! Elas não estão bem! Minhas meninas se mataram! Terão que reencarnar com essa dívida!

— Calma, isso não é assunto para o momento, o que importa agora é que elas estão bem!

— E Mariana? Onde está minha esposa?

— Ela está no vale dos suicidas, como você já sabe, Mariana é reincidente, não é a primeira vez que comete suicídio em sua caminhada evolutiva.

— Como vamos resgatá-la?

— Artur, o resgate de Mariana depende mais dela do que de nós! Francisco e Marta são os guardiões de sua esposa, explicarão a situação em que ela se encontra!

Francisco olhou com tristeza, respirou fundo, deu uma pausa e iniciou a explicação:

— Estamos acompanhando Mariana, mas infelizmente ela não consegue perceber nossa presença, muito menos captar nossas sugestões... No momento ela está presa a uma agrégora onde criou a própria casa, revive os momentos tormentosos do seu acidente, e da noite em que perdeu a sanidade. A primeira coisa a fazer é despertá-la, Mariana precisa sair dessa criação mental e perceber que está em uma região umbralina!

— E como faremos isso? E depois que ela despertar, o que acontecerá quando se ver envolvida por trevas?

— Eu, Marta, e Jaime, mentor de Mariana, desceremos até o vale, juntos tentaremos tirá-la do transe, se conseguirmos, em pouco tempo ela perceberá que não está mais em sua casa, que está em um vale sombrio! E quando isso acontecer, acreditamos que em pouco tempo ela crie consciência e caia de joelhos pedindo perdão! Só assim poderemos resgatá-la!

— E vai dar certo? E depois, o que vai acontecer?

— Não podemos dar certeza de nada! Tudo vai depender da reação de Mariana!

— E quando iremos?

Cássio respondeu:

— Artur, você não está preparado para esse trabalho, o vale dos suicidas é uma região muito densa, a atmosfera de sofrimento exige muita preparação! Deixe esse trabalho para nossos irmãos, confie, eles tanto quanto você, querem que Mariana saia daquele vale!

Artur pensou um pouco, a cabeça baixa e expressão entristecida mostravam o sentimento de impotência, depois de alguns instantes, perguntou:

— Cássio, posso ver minhas filhas?

— Poderá vê-las, mas não nesse momento, elas estão em câmaras de recuperação, precisam se reestabelecer, lembre-se que ao rever o pai desencarnado elas ficarão confusas! É necessário ter cautela!

— Então faça o quê? Fico aqui parado sem fazer nada?

— Não ficará sem fazer nada, você acompanhará Antenor e Dagoberto, eles são os guardiões de seus pais, juntos tentarão se aproximar do casal, Eloisa e Euclides ainda não sabem da tragédia, estão preocupados, tem feito visitas, mas a casa está inacessível, em breve saberão que as netas e a nora estão mortas dentro da casa, precisarão de amparo!

— Meu Deus! Meus pais ainda não sabem?

— Não, ainda não sabem, de acordo com o tempo da Terra, faz cinco dias que aconteceu o desencarne.

— O que você está me dizendo? Cássio, os corpos ainda estão na casa?

— Sim, infelizmente! Mariana trancou o portão, ninguém consegue entrar na residência, e seus pais acreditam que ela viajou ou saiu com as meninas! Assim que encerrarmos essa reunião vocês devem ir para casa do casal e intuí-los de que algo aconteceu!

— Está bem, mas quero ser informado sobre Mariana e minhas filhas! Por favor, chega de omissões! Deveriam ter me contado que elas enfrentavam tamanho tormento, vocês me falaram que estava tudo bem! Agora vejo que nem tudo era verdade!

— Você tem razão, omitimos muitos fatos, mas foi para assegurar seu bem-estar! Me diga, como poderia mudar a situação? Nem nós conseguimos persuadir Mariana, ela se afiliou a obsessores e se distanciou das nossas mãos estendidas!

— Está bem, entendo, mas Cássio, confiarei que me manterão informado!

Pedro, parado atrás de Artur, bateu a mão em seu ombro e afirmou:

— Te dou minha palavra! Ficarei a par de toda a situação!

Artur olhou com carinho, o tempo de aprendizado no plano espiritual lhe devolveu as memórias esquecidas, sabia quem eram seus guardiões e mentores, lembrava-se de Pedro, em outra existência foi um irmão muito próximo e querido, naquele momento ele não olhou para o guardião, mas sim, para o irmão de outra existência.

Encerrada a reunião, Artur, acompanhado por Dagoberto e Antenor, seguiu para casa dos pais, e Francisco, Marta e Jaime desceram para o vale dos suicidas.

Ao chegar ao vale, o grupo avistou uma pequena construção sinuosa, sem janelas, com paredes escuras e viscosas, o telhado baixo e instável dava a impressão que se cairia a qualquer momento, entraram no pequeno casebre e avistaram Mariana, ela estava sentada em uma poça de lama, as pernas completamente cobertas pelo barro que chegava até a cintura, o olhar fixo na parede, completamente paralisada, mostrava o semblante transtornado.

Jaime se aproximou, estendeu as mãos sobre Mariana e uma tela mental se projetou diante dos olhos de todos, podiam ver os pensamentos perturbados, imagens desconexas se repetiam incessantemente, Mariana criou o casebre onde revivia as lembranças da noite em que Artur morreu, e os momentos em que quebrava a casa, cercada pelas filhas que gritavam desesperadamente.

Marta se abaixou, acariciou os cabelos de Mariana e falou:

— Filha, acorde, isso não é real!

Mariana continuou estática, Marta segurou em suas mãos e apelou:

Capítulo IV – Trevas da inconsciência

— Mariana, Mariana, olhe para mim! Olhe em meus olhos! Acorde! Nada disso é real! É um pesadelo! Acorde!

Mariana não reagiu, estava totalmente envolvida pelos pensamentos, que constantemente alteravam a aparência da construção horrenda.

Jaime olhou para Francisco e comentou:

— Precisamos destruir esse casebre, as irradiações mentais perturbadas estão tornando esse lugar cada vez mais denso, olhe no canto, veja!

Francisco olhou para onde Jaime apontava e notou que vários animais peçonhentos saíam pelas frestas e buscavam a fonte criadora, rastejavam em direção de Mariana.

Assustada Marta comentou:

— Meu Deus! Como conseguem criar coisas tão horripilantes!

Jaime respondeu:

— A energia pesada que ela irradia pelos pensamentos criam seres e objetos condizentes, isso minha irmã, é o inferno de Mariana! É um umbral dentro do umbral! Vamos destruir essa construção!

Os três deram as mãos, Jaime fez um breve apelo a Cristo, e uma luz intensa começou a irradiar dos corpos, espalhando-se pelo espaço e penetrando nas paredes do casebre, começou a dissolver as criações mentais de Mariana, pouco tempo depois a construção havia se dissipado, via-se apenas um vale escuro, coberto por lama e corpos de espíritos sofredores entregues a agonia profunda.

Cercando Mariana, novamente deram as mãos, dessa vez a luz se concentrou sobre o corpo da mulher, aos poucos ela dava sinais de que despertava. Quando perceberam que Mariana olhou para o lado, imediatamente Marta se abaixou e falou:

— Filha, acorde! Estamos com você! Olhe para mim!

Mariana movimentou a cabeça vagarosamente, a boca aberta e olhos estalados mostravam seu estado de loucura.

Jaime e Francisco seguraram a mão de Mariana, e seu mentor falou:

— Filha, estamos aqui! Você pode ir embora desse lugar!

Despertando em um susto, Mariana puxou a mão, levantou-se cambaleante e começou a gritar:

— Saíam da minha casa! Invasores! Invasores!

Francisco cuidadosamente se aproximou falando:

— Mariana, não somos invasores! Queremos te levar daqui! Olhe ao seu redor, não existe mais sua casa!

Andando para trás ela tentava se afastar, amedrontada se encolhia e chorava entre gritos:

— Onde está minha casa? Minhas filhas? O que fizeram?

Jaime tentou se aproximar, mas antes que pudesse falar, Mariana correu, disparou sem rumo e sumiu no meio da escuridão do vale.

Marta olhou para os homens, e Jaime concluiu:

— Vamos embora, não temos mais o que fazer agora! Ela vai perceber que não está mais na Terra, oremos que se arrependa e peça ajuda, somente assim conseguiremos tirá-la desse lugar infeliz!



Na casa de Eloisa e Euclides, os guardiões e Artur cercavam o casal, tentavam inspirá-los com pensamentos para que fossem até a casa de Mariana.

Mais sensível aos apelos, Eloisa se sentia inquieta, enquanto preparava o café da tarde pensava no filho, ao seu lado Artur falava:

— Mãezinha, estou aqui do seu lado! Preciso que nos ajude, vá até minha casa!

Soltando o bule de café sobre a mesa, ela chamou o marido.

Durante o café, Euclides notou a inquietação da esposa e perguntou:

— Você está bem?

— Não! Me sinto ansiosa, precisamos voltar a casa das meninas!

— Eloisa! Fomos até lá no domingo, voltamos na quarta, aparentemente está tudo bem! Certamente Mariana despertou daquela depressão e está mais tempo na rua! Deve estar passeando!

— Não sei, algo me diz que precisamos ir até lá!

— Está bem, amanhã faremos nova visita! Vamos à noite, provavelmente estejam em casa!

#### Capítulo IV – Trevas da inconsciência

Artur olhou satisfeito para os guardiões, mas a aparente tranquilidade escondia a preocupação, fazia quase uma semana que os corpos estavam na casa, se os pais conseguissem entrar, certamente se chocariam com o quadro assustador.

No dia seguinte, um sábado ensolarado, um senhor com quase sessenta anos, caminhava pela rua onde Artur e Mariana moraram.

Voluntário de uma casa espírita, há muitos anos trabalhava sua mediunidade, era acostumado com as visões do plano invisível.

Ao passar na frente da residência sentiu uma energia pesada, parou por um breve momento, olhou ao redor, quando avistou a casa de Mariana, mal conseguiu esconder o espanto, um campo de energia escura envolvia todo o espaço do terreno, o homem aguçou a visão e percebeu que incontáveis vultos negros se movimentavam dentro e fora da casa, pressentindo que algo muito grave acontecia, ele se aproximou de uma mulher que varria a calçada e perguntou:

— Bom dia! Minha senhora, sabe me dizer quem mora naquela casa?

— As loucas!

— Quem?

— Aquela é a casa das loucas! A mulher ficou viúva e enlouqueceu, as filhas pequenas seguiram pelo mesmo caminho, olhe as janelas imundas, isso é resultado dos ovos que as meninas atiram nas paredes!

— Meu Deus! E ninguém tentou ajudá-las?

— Ajudar por quê? Essa mulher nunca foi de ter amizade com vizinho, faz uns dez anos que mora aqui e nunca parou para conversar! Entrava e saía de casa com a cabeça baixa, cumprimentava, dava as costas e ia embora! Deveria ser uma esnobe!

— Então a senhora nunca conversou com ela?

— Não!

— Talvez não fosse esnobe, apenas alguém que prefere cuidar da própria vida! E isso não significa que mereça desprezo! É muito errado julgar pela aparência! E mais errado ainda, é perceber que alguém tem problemas e fingir que não está vendo!

A mulher olhou contrariada, deu as costas e continuou a limpeza da calçada.

Intrigado, o homem se aproximou cautelosamente do portão, bateu palmas e aguardou, enquanto olhava os espíritos que andavam de um lado para o outro, ele sentiu um cheiro forte, incitou a olfato tentando saber de onde vinha o odor, procurou por algum animal morto, mas não viu nada.

Sentiu um arrepio percorrer a coluna, e em seguida um calor agradável se espalhar pelas costas, olhou para o lado e notou que um homem sorridente e simpático lhe observava com ternura, era seu mentor, retribuindo o sorriso, mentalmente ele perguntou:

— Tem alguma coisa errada nessa casa, estou certo?

— Sim, Sérgio, você está certo, ligue para as autoridades, explique o que viu.

Sérgio saiu rapidamente, andou alguns metros, encontrou um telefone público e ligou para a polícia, pouco tempo depois uma viatura parava em frente da casa, dois policiais desceram e foram ao encontro de Sérgio, que aguardava próximo ao portão.

Os policiais ouviram o relato do homem, se aproximaram da casa, bateram várias vezes e concordaram que um cheiro forte vinha da casa.

Concluindo que não seriam atendidos, um dos policiais pulou o alto portão de grades, cuidadosamente caminhou em direção da porta dos fundos, a cada passo o cheiro ficava mais forte, tapando o nariz com as mãos ele chegou à porta da cozinha, notou que estava entre aberta, empurrou com cuidado, entrou em passos lentos e quando olhou para sala deu um salto para trás.

Saiu da casa correndo e voltou para o portão, quase sem fôlego falou para o colega:

— Ligue para a delegacia, rápido, tem duas crianças mortas no sofá, devem estar mortas há dias, o cheiro está insuportável!

Pouco tempo depois outra viatura chegava, os policiais arrebentaram o cadeado, entraram na residência onde encontraram o corpo decomposto de Mariana, e das filhas.

Enquanto os corpos eram removidos interrogaram a vizinhança e Sérgio, vasculhando as agendas telefônicas encontraram o telefone de Eloisa.

Na delegacia o policial responsável informou o delegado:

— Doutor Arnaldo, parece que foi suicídio, encontramos veneno de rato em cima da pia, ao lado uma caixa de leite, tenho certeza que essas crianças se mataram!

— E a mãe? Será que também se matou? Será que essa mulher deu veneno para as filhas e depois se envenenou?

— Não sei, uma coisa posso afirmar, não havia sinais de violência! Nunca vi nada assim! Encontrei essa agenda telefônica, tem o telefone da avó.

— Me dê a agenda, vou ligar agora mesmo, pode ir, está dispensado!

O delegado deu algumas folheadas na agenda, pegou o telefone, respirou fundo e ligou:

— Bom dia, sou o delegado Arnaldo, por favor, quero falar com Eloisa!

— Sou Eloisa!

— Senhora, encontrei seu número em uma agenda telefônica, ao lado do seu nome está escrito vovó, a senhora conhece Mariana?

Ansiosa, Eloisa respondeu:

— É minha nora, aconteceu alguma coisa?

Naquele momento Arnaldo reconheceu a voz aflita da mulher, lembrou que o nome Mariana não lhe era estranho, pedindo a Deus para estar enganado, ele perguntou pausadamente:

— Por acaso a senhora é mãe daquele rapaz que morreu no engavetamento da via Dutra?

— Sim, Artur era meu filho, marido de Mariana! Elas estão bem?

Arnaldo bateu a mão na testa e fechou os olhos, não conseguia acreditar que seria o portador de nova notícia trágica, e para a mesma família, em menos de um ano. Respirando fundo ele informou:

— Senhora, acabamos de sair da casa de sua nora, infelizmente aconteceu uma tragédia! Suas netas e sua nora estão mortas!

— Mortas? Como mortas? O senhor deve estar enganado!

— Não estou enganado, sinto muito! Poderia vir até a delegacia? Precisamos que façam o reconhecimento dos corpos

Eloisa desligou o telefone e gritou:

— Euclides! Euclides! Corra aqui homem! Aconteceu outra desgraça!

Em prantos Eloisa contou sobre o telefonema, o marido mal conseguiu se manter em pé, as netas eram tudo que restava do filho amado.

O casal se agarrou entre lágrimas, ao lado Artur os abraçava e compartilhava do momento de tristeza, amparados pelos guardiões a família se unia pela dor.



No vale dos suicidas, Mariana perambulava sem rumo, desorientada, acreditava que estava perdida em alguma cidade estranha, se perguntava como foi parar tão longe de casa. Cercada por escuridão e lama, mal conseguia caminhar.

Em passos lentos e arrastados se esforçava para movimentar as pernas que se prendiam nas poças de lodo, por vezes caía, tomada pelo cansaço permanecia um tempo incontável deitada no chão pegajoso, e mais tarde se levantava para continuar a caminhada.

A sua volta ecoavam gemidos e sussurros que ela não conseguia identificar de onde vinham, por todos os lados ouvia gritos e palavrões, por vezes apelos e súplicas desesperadas, o burburinho incessável ecoava em sua mente, atormentando ainda mais os pensamentos confusos.

Depois de vagar por um período incalculável, Mariana chegou a um local onde a lama deu lugar a um terreno pedregoso, coberto por cascalhos afiados, o céu escuro com tons avermelhados se iluminava com raios seguidos por trovões ensurdecedores, Mariana tapava os ouvidos para se proteger do ruído.

Por todos os lados corpos se amontoavam pelo chão, a maioria em estado catatônico e aparência cadavérica, olhando para o quadro

desolador, Mariana compreendeu que não estava na Terra, tropeçando em pedras afiadas, sentia os pés se cortarem, apavorada, ela tentava entender que lugar era aquele.

Entre tombos que lhe causavam vários ferimentos, ela avistou um grupo que caminhava em direção a uma fenda, escondendo-se atrás de um pequeno monte de pedras, ela espiou as criaturas assustadoras que desapareciam na abertura.

Imaginando que era um portão, e a saída do vale, ela correu o mais rápido que pode, tentou alcançar a passagem, mas antes que conseguisse a brecha se fechou.

Voltando para o monte de pedras, ela se encolheu em um canto, aguardando que a passagem se abrisse, olhando ao redor tentava compreender o que acontecia com aquelas pessoas que se amontoavam no chão pedregoso, pareciam paralisadas, curiosa se aproximou de uma mulher, o corpo caído com os braços esticados e enrijecidos, parecia crucificada nas pedras, a boca aberta, olhos arregalados, a pele fina e enrugada parecia se desmanchar sobre os ossos proeminentes, que davam-lhe o aspecto de uma caveira, Mariana tocou o braço da mulher e perguntou:

— Consegue me ouvir? Que lugar é esse?

A mulher permaneceu imóvel, Mariana percebeu que nenhuma daquelas pessoas percebia sua presença, retornou para o canto e ficou encolhida com os olhos fixos no local onde se abriu a fenda.

Passado algum tempo a passagem se abriu e o grupo retornou, ela aguardava que a última criatura atravessasse, antes que pudesse se levantar e correr na direção da passagem, ela se fechou.

Temendo as criaturas que passavam perto, ela deitou-se no chão imitando os corpos que se espalhavam por todos os lados.

Ouviu as criaturas, que entre gargalhadas e grunhidos falavam sobre os encarnados daquela noite, as vozes afônicas, os passos arrastados, o cheiro nauseabundo que exalavam, fazia Mariana estremecer.

A horda se afastou, e Mariana novamente olhou para o local da passagem, não viu nada, teria que aguardar nova oportunidade.

Deitada entre as pedras ela adormeceu, o sono perturbado por imagens das criaturas que viu no vale, gritos e gemidos.

Completamente perdida no tempo, Mariana ficou deitada, imóvel, e idêntica aos outros espíritos que sofriam caídos entre as pedras.

Despertou muito tempo depois, abriu os olhos assustada com os grunhidos que denunciavam a aproximação da mesma horda, as criaturas se movimentavam fazendo uma estrondosa bagunça.

Ela se esforçou para levantar o corpo que parecia pesado, se agachou atrás das pedras e aguardou a passagem se abrir, olhando a tropa que marchava em direção da fenda, ela se perguntava para onde aquela passagem a levaria.

Quando a última criatura atravessou, Mariana correu o mais rápido que pode, sentia os pés se cortando nos cascalhos, quando se aproximava notou que a abertura, um pequeno rasgo na escuridão, estremecia, parecia se fechar, ela correu ainda mais, e antes de chegar, se atirou para dentro da abertura.

Caída de bruços no chão, ela olhou ao redor, não conseguia ver nada, tudo estava tomado pela completa escuridão.

Tentou se levantar, os pés cortados, o corpo dolorido, sentia como se todos os ossos estivessem quebrados, ainda caída no chão, foi surpreendida por uma voz amedrontadora:

— Ora, ora! Vejam quem descobriu o caminho de volta! A boa filha a casa retorna! Ah! ah! ah!

Mariana levantou a cabeça, a escuridão se dissipou e ela percebeu um homem parado ao seu lado, a figura assustadora usava roupas antigas, que aparentavam ser do século XVI, cabelos longos e negros até os ombros, unhas longas, pontiagudas e escuras, presas proeminentes e afiadas, expostas pelo sorriso sarcástico.

Assustada ela se arrastou tentando se afastar, o homem, ainda sorrindo foi em sua direção, agarrou em seus cabelos dizendo:

— Venha, vou ajudar a dama a se levantar!

Com um movimento brusco levantou Mariana, a puxou para perto do seu corpo, agarrou em sua cintura e se apresentou:

— Sou o Rei, novo dono da sua casa!

Capítulo IV – Trevas da inconsciência

— Mi-mi-minha casa?

— Sim, não reconhece o lugar? Olhe com cuidado, foi naquele quarto que você morreu, foi uma cena inesquecível, senti muita satisfação em ajudá-la naquele momento!

— Como vim parar aqui?

— Não sei como, mas você encontrou uma passagem, essas portas astrais têm o poder de transportar o espírito para onde ele deseja ir, se você veio parar aqui, é porque desejou!

Mariana tremia, grudada ao corpo do homem assombroso, ela o empurrava tentando se libertar.

Rindo, ele a agarrou pelos punhos e disse:

— Agora reconhece sua casa?

Ela não respondeu, irritado com o silêncio, ele a arrastou pelos cômodos enquanto falava entredentes:

— Vou te ajudar e reconhecer seu doce lar! Aqui é a cozinha que você quebrou naquela noite chuvosa, essa é a sala onde você quase arrancou os cabelos, e esse sofá... Ah, ah, ah... Bem minha querida, esse sofá foi onde as loucas das suas filhas morreram!

Mariana deu um grito de terror:

— Minhas filhas morreram? Minhas meninas! O que você fez com elas? Seu monstro!

Debatendo-se para se livrar das garras do homem, Mariana se contorcia enquanto gritava.

Impaciente e cruel o homem a atirou no chão, e iniciou uma sessão de pontapés que atingiam a barriga e peitos de Mariana, encolhida ela implorava:

— Socorro! Minhas filhas! Quero minhas filhas! Pare! Pare!

— Agora quer suas filhas? Não pensou nisso quando decidiu morrer! Suas filhas estão mortas! Estão naquele vale nojento de onde você fugiu! Estão soterradas naquela lama imunda!

— Não, não! Por favor, devolva elas para mim!

— Peça de joelhos! Se deseja ver suas filhas, fique de joelhos diante do seu Rei!

Mariana, tomada pela dor dos pontapés, o estômago contorcendo-se, se rastejou até os pés do homem e implorou:

— Por favor, meu rei, devolva minhas filhas!

Entre gargalhadas, novamente ele levantou Mariana pelos cabelos, aproximou-se do seu rosto e falou pausadamente:

— Você nunca mais vai ver suas filhas! Nunca mais! Mas não se preocupe, você ficará bem ocupada por aqui, temos muitas contas a acertar! Há um longo tempo aguardo o momento de colocar as mãos em você! Sua ordinária! Mulher imunda!

— Nunca fiz nada para você! Eu imploro, me solte! Não sei quem é você!

— Mas eu sei quem é você! E agora vamos nos divertir muito!

Arrastando Mariana pelos cabelos, o homem abriu uma porta e empurrou o corpo da mulher que se chocou contra a parede.

Contorcendo-se de dor, ela se arrastou até a porta e implorou:

— Por favor, por favor, me deixe procurar minhas meninas!

— Nunca! Nunca! Agora se cale, descanse se conseguir, mais tarde voltarei para começarmos nossa diversão, quero que esteja disposta, pois pretendo me divertir muito com esse seu corpo!

Mariana encolheu-se no canto do quarto, estava apavorada, não sabia dizer qual dor lhe perturbava mais, se era o corpo ferido, ou a culpa que lhe dilaceravam a alma.

Algum tempo depois a porta se abriu, ela estremeceu, viu que um homem segurava uma mulher pelo braço, enquanto a sacudia falava:

— Vai ficar aí até o rei decidir o que fazer com você! Mulher burra! Por que se recusa a fazer seu trabalho?

Mal terminou de falar, atirou a mulher para dentro do quarto e fechou a porta.

Mariana olhou a mulher caída no chão, se arrastando aproximou-se e perguntou:

— Você está bem? Que marcas são essas em suas costas? Te bateram com o quê? Um chicote?

Gemendo de dor a mulher se segurou no braço de Mariana, quando olhou para o rosto da moça se surpreendeu:

Capítulo IV – Trevas da inconsciência

— Mariana? O que faz aqui? É louca? Não deveria ter voltado para essa casa!

— Você me conhece?

— Sim, me chamo Diná, estava na sua casa quando morreu!

— Mas não tinha ninguém na minha casa, apenas eu e as meninas!

— Sua tola! Sua casa estava lotada de obsessores! A maioria escravos do rei! Sentia pena de você, mas não podia fazer nada!

Mariana abaixou a cabeça, pensando com dificuldade lembrou-se dos apelos de Clarinha, os momentos em que a menina gritava afirmando que havia pessoas na casa. Olhando confusa, perguntou:

— Então minha filhinha estava certa? Havia almas penas em nossa casa!

— Sim, havia, mas nunca fiz nada para vocês, apenas usava a casa para me abrigar, quando fui capturada pelo rei comecei a trabalhar para ele, mas não prejudiquei você ou as meninas!

— Trabalhar para ele? Como?

— Querida, somos escravos desse demônio! Se os encarnados querem fazer o mal, então pedem favores para espíritos das trevas, e eles atendem, o rei é um desses! Ele trabalha com um encarnado que faz feitiços em troca de um bom dinheiro, e nós somos obrigados a participar disso, ou fazemos o que ele manda, ou somos castigados! E você, nunca deveria ter voltado, agora está na mesma condição! É escrava dele, e não pense que ele terá piedade, aqui as mulheres além de trabalhar são obrigadas a satisfazer os apetites sexuais do rei!

— Estupro? É isso que está me falando?

— Aqui não é diferente da Terra, a violência acontece nos dois planos! Você pensa o quê? Que quem morre vira anjo? Não! A pessoa desencarna e continua com os mesmos hábitos e desejos, se era uma pessoa boa, é recolhida e segue um caminho, se era ligada a violência, é atraída para zonas umbralinas, logo se junta a algum grupo de escravizadores e passa a escravizar, ou é capturado e vira escravo, existem infinitos caminhos para o espírito desencarnado, qual caminho ele vai seguir, isso depende da conduta na Terra!

Atirando-se sobre a mulher, aflita e ansiosa, Mariana perguntou:

— Minhas meninas, você sabe onde elas estão?

— Foram recolhidas logo depois do desencarne!

— Recolhidas por quem? Levadas para onde?

— Calma! Elas estão bem, crianças não vão para o umbral, devem estar em alguma colônia!

— Colônia? Não entendo!

— Nossa! Você não sabe nada mesmo! Toda pessoa que desencarna vai para algum lugar, tem aqueles que escolhem ficar na terra vampirizando encarnados, alguns vão para zonas do umbral, outros são recolhidos e levados para colônias de tratamento, nessas colônias eles estudam, trabalham, aguardam o reencarne, existem incontáveis lugares, tanto no plano superior como no inferior, já ouviu falar que na casa do pai existem infinitas moradas? Suas filhas devem estar em uma dessas moradas do plano mais elevado, e seu marido também! Não se preocupe, são lugares bons!

— Então Artur está em algum lugar desses? Isso quer dizer que poderei revê-los?

— Acho que sim, isso depende de você!

— Depende de mim como? O que tenho que fazer para encontrar minha família?

— Tem que chamar por seu guardião!

— Guardião? O que é isso?

— Mariana, quando seu marido desencarnou você foi amparada por seus guardiões, são espíritos trabalhadores da luz que assumem a responsabilidade de acompanhar o encarnado enquanto ele está na terra, nos momentos de provas eles se acercam dos seus protegidos, mas na maioria das vezes as pessoas escolhem a companhia de obsessores, foi o que você fez!

— Não escolhi nada!

— Ahã, escolheu sim! Seus guardiões estavam ao seu lado, mas sua loucura, revolta, falta de fé, desespero atraíram espíritos desequilibrados que começaram a se acercar de você e das suas filhas, sua casa foi dominada, de um lado estavam seus guardiões tentando te

inspirar bons pensamentos, transmitir força, fé, e do outro lado estávamos nós, espíritos de todos os tipos, alguns se assemelhavam a você pela dor e revolta, outros aproveitavam as baixas vibrações da casa para se abrigar, a maioria procura uma maneira de se alimentar!

— Se alimentar?

— Sim, ligavam-se a vocês para se alimentar, os encarnados dissipam energias por todos os orifícios, a maior parte é exalada pelo chacra umbilical, tudo que comem, bebem se aglomera a essa energia, espíritos materializados sentem fome, sede, desejo de saciar seus vícios, e encontram nessas energias um meio de se nutrir daquilo que lhes falta, se unem ao chacra e sugam as energias, assim se alimentam, como parasitas, sentem-se como se ainda estivessem em um corpo de carne, entende?

— É muito complicado, mas entendi um pouco! Como sabe de tanta coisa?

— Porque estou desse lado faz muito tempo!

— Há quanto tempo morreu?

— Mais de dez anos!

— Tudo isso?

— Sim, e você acha que está a quanto tempo desse lado? Pensa que foi ontem o dia do seu desencarne?

— Não sei, parece que perdi a noção do tempo!

— Faz mais de dois anos que você morreu! O tempo aqui não é como na terra!

— Dois anos?

— Sim, mais ou menos dois anos!

— Por que ninguém veio me resgatar? E você? Por que nunca te resgataram? Vamos ficar aqui eternamente?

— Com certeza seus guardiões tentaram te resgatar, provavelmente você não conseguiu notá-los, tente lembrar!

Mariana forçou a memória, se concentrou e depois de alguns instantes comentou:

— Lembro de uma mulher, dois homens, me pediam para acordar.

— Eram eles, mas você estava tão enlouquecida que não quis ouvi-los! É isso que acontece com todos!

— Aconteceu com você também?

— Sim, no início fiquei perturbada, depois encontrei a passagem e vim para o plano dos encarnados, algum tempo depois um guardião me ofereceu ajuda, aceitei, fui levada para uma colônia, mas não gostei do lugar, decidi voltar para Terra.

— Por que não gostou?

— Muitas regras, disciplina, aqui posso fazer o que quero, do meu jeito e na hora que quero, não preciso da permissão de ninguém!

— Mas aqui é escrava! Apanha, é obrigada a servir esse monstro!

— Sim, agora sou escrava, mas antes eu era livre, vagava por aí, encontrava uma casa que pudesse viver, me alimentar e ficava perambulando! Confesso que estou cansada de ficar aqui!

— Vocês entram em qualquer casa?

— A maioria das pessoas permite nossa entrada, seu comportamento é o convite que precisamos, é uma porta aberta por onde entra espíritos semelhantes a vibração dos moradores! Algumas casas têm campos de proteção, geralmente são locais onde transitam guardiões e trabalhadores da luz, eles controlam quais espíritos entram na residência.

— Por que algumas casas têm proteção e outras não?

— Porque depende dos encarnados, a maioria das pessoas nunca pensa que existe um plano invisível aos seus olhos, mas existe, e é movimentado por espíritos de todos os tipos, manter uma casa protegida depende da atitude dos moradores, é preciso criar um ambiente harmonioso, ter uma vida correta, muita oração, pensamentos e conversas elevadas, isso repele espíritos trevosos, eles não suportam, entende?

— Desculpe, não entendo bem!

— Espíritos trevosos procuram casas onde a energia é densa, gerada por atitudes, palavras pensamentos e sentimentos negativos! Uma casa onde as pessoas vivem em paz, fazem suas orações, tem uma conduta moral correta, não é agradável para esses espíritos, eles se

irritam e vão embora, são lugares onde os espíritos da luz transitam! Vou te dar um exemplo, sempre que um encarnado, munido de boa vontade e fé abre uma bíblia, ou se recolhe em oração, no mesmo momento é cercado por um trabalhador da luz que o ajuda, inspira, tranquiliza, dessa maneira espíritos inferiores ficam longe, entendeu?

— Sim, agora entendo! Também ficou mais claro porque minha casa tinha tantos fantasmas! Só que ainda não entendi como são esses campos que protegem as casas!

— Não são fantasmas, apenas espíritos que não tem mais um corpo de carne, como eu e você, é estranho porque fomos criadas acreditando em céu e inferno! Os campos de proteção são barreiras de energia erguidas sobre a casa, para tê-las, depende da conduta e esforço dos encarnados! Esse campo repele qualquer energia negativa, mantém afastado espíritos inferiores, esses quando conseguem entrar logo são interceptados!

— Como fazem para entrar? Conseguem atravessar a barreira?

— Geralmente entram com o encarnado, as pessoas saem para seus trabalhos, estudo e rotinas na rua, por vezes se deparam com situações irritantes, tristes, estressantes, se entregam aos problemas, pensamentos perturbados, sentimentos inferiores, e baixam suas vibrações, assim se tornam receptíveis a espíritos inferiores que as acompanham para casa, ao chegar entram com o desencarnado, se a casa é protegida, logo um trabalhador da luz recolhe esse espírito, se não é, ele fica com a família! Tem casas que são cheias de espíritos inferiores, e os moradores nem imaginam!

— Meu Deus! Minha casa sempre foi assim?

— Não, enquanto seu marido era vivo, vocês faziam suas orações, falavam em Deus, você e seu marido viviam bem, quase não brigavam, havia respeito, eram pessoas fiéis, o problema foi quando ele desencarnou, não preciso falar, você sabe o que fez!

— Sim, sei o que fiz, me arrependo, nunca pensei que fosse assim!

— As pessoas não pensam, esse é o problema, não pensam, não ouvem os ensinamentos que chegam até elas, ignoram situações que

acontecem para levá-las por caminhos mais elevados, vivem alheias aos ensinamentos de Cristo, se tentassem seguir o que ele ensinou a Terra não estaria desse jeito!

— Não entendo você! Sabe de muitas coisas, não parece uma pessoa ruim, por que escolhe ficar aqui?

— Porque agora sou escarava, não consigo me libertar do rei! Ele mantém vigilância constante, quero voltar para colônia de trabalho onde fiquei um tempo, mas não consigo fazer o que precisa ser feito!

— O que precisa fazer?

— Rezar!

— Rezar? Só isso? Por que não consegue?

— Porque o tempo que passei vampirizando encarnados tornou minhas vibrações ainda mais baixas, sempre que tento me concentrar sou interrompida por algum espírito que vigia nossos passos, não basta rezar repetindo palavras! Precisa ser uma oração que eleve as vibrações! É como enviar um sinal de rádio, ele tem que chegar longe, pelo menos até onde esteja um guardião! Eu não consigo, mas você provavelmente sim! Tente!

— É só rezar?

— É reconhecer seus erros, se arrepender, pedir perdão, e sentir no coração! O apelo precisa ser sincero e com sentimentos, só assim seu chamado alcança longas distâncias!

— Está bem, vou tentar!

— Tente, mas seja rápida, se um desses obsessores te pega fazendo isso, a próxima a ser chicoteada será você!

Mariana fechou os olhos, lembrou de Artur, das filhas, dos momentos de loucura, os pensamentos acelerados lhe traziam a mente várias imagens, ela reviveu o momento do desencarne, o sofrimento no vale dos suicidas e finalmente as agressões e insultos do rei, com as mãos no rosto começou a chorar, tomada por um profundo arrependimento ela se ajoelhou e começou a implorar e chamar por Jesus Cristo.

Diná olhou para Mariana e viu que uma leve luz irradiava de seu corpo, quanto mais ela se arrependia e rezava, mais intensa a luz se tornava.

Não demorou muito, ela percebeu a figura de um homem parado ao lado de Mariana, sorrindo ela falou:

— Mariana, pode parar de rezar, ele já chegou!

Mariana olhou para Diná, sem compreender o comentário, perguntou:

— Quem chegou?

— Olhe para trás! Posso apostar que ele já estava por aqui ouvindo nossa conversa!

Mariana se virou rapidamente, avistou o homem parado em pé, sorrindo ele estendeu a mão e falou:

— Finalmente! Não pode imaginar a quanto tempo aguardávamos essa oração! Vamos embora?

Mariana se levantou, sentindo-se constrangida, e consciente de todos os equívocos que havia cometido, murmurou:

— Sinto muito! Não deveria ter feito tantas bobagens!

— Terá muito tempo para se desculpar! Comece perdoando a si mesma!

Olhando para Diná, Mariana perguntou:

— Você vai continuar aqui?

— Não quero, mas depende de seu amigo, se ele me levar eu vou!

Francisco olhou para Diná e perguntou:

— Diná, você está certa, estava aqui há algum tempo, ouvi tudo que explicou para Mariana, suas elucidações foram de grande auxílio, se deseja de coração se entregar a uma nova caminhada, pegue minha mão, te levarei! Mas sabe que existem regras, e são para todos!

— Conheço as regras, me revoltei porque não suportava trabalhar naqueles hospitais! Queria outra função, será que consigo?

— Se não gostava do trabalho, bastava conversar com alguém, certamente seria transferida para uma função que sentisse afinidade! Não precisava ir embora! Podemos providenciar algo que goste de fazer, quem sabe um trabalho nos grupos de resgate? Pelo que vi você está preparada para ajudar na conscientização dos sofredores.

— Esse trabalho combina mais comigo! Se é assim, eu vou!

A Casa das Loucas, por Lilian Campos

— Então vamos logo antes que percebam minha presença!

Francisco estendeu a mão para Diná, segurando Mariana pela cintura desapareceram do quarto.

## CAPÍTULO V

### Eterna jornada

No plano espiritual, Mariana foi acomodada em uma ala de recuperação, e logo se entregou ao sono profundo, adormecida recebia o tratamento que refazia o corpo espiritual comprometido pelo desencarne e traumas vivenciados na zona umbralina.

Em colônia do plano superior, Artur, mentores e guardiões se reuniam novamente.

Sentados ao redor da grande mesa, Francisco iniciou as explicações:

— Deixei Mariana em um posto de recuperação, ainda vai passar um longo período em tratamento, mas a parte mais difícil foi superada!

Tentando conter a ansiedade, Artur perguntou:

— Posso vê-la?

— Pode, mas ela estará desacordada, estou trabalhando no hospital e cuidando dela pessoalmente.

— Francisco, sou muito grato por tudo! Farei uma visita, sinto saudade de Mariana, Deus sabe minha tristeza enquanto ela ficou naquele vale e sob o domínio do rei!

Cássio respondeu:

— Entendemos suas aflições, mas é importante que compreenda, tudo isso resulta de escolhas feitas por Mariana!

— Eu sei Cássio, mas é minha esposa, me preocupo com ela e as meninas!

— Artur, assim que Mariana se recuperar poderão rever Clarinha e Maria, elas estão bem, foram elucidadas e compreendem a situação em que vivem agora, aguardam a visita de vocês.

— Vai ser uma alegria reunir nossa família! Não vejo a hora de levá-las para casa!

Cássio se remexeu na cadeira, Pedro desviou o olhar, o comentário de Artur causou um tipo de inquietação no grupo, notando que alguma coisa estranha acontecia, ele perguntou:

— Falei alguma coisa errada?

Cássio respondeu:

— Não, mas tem algo que precisa compreender, sua aceitação é importante, pois terá que ajudar Mariana quando ela receber a notícia.

— Fale Cássio, o que é que aconteceu agora?

— Artur, as meninas não poderão viver com vocês!

— Por que não?

— A reencarnação das duas está em andamento!

— Como? Vão mandar minhas filhas para a Terra?

— Artur, elas desencarnaram muito tempo antes do previsto, não viveram as provas que precisavam para seu crescimento, antes de serem suas filhas, são espíritos em processo de evolução, precisam passar por nova experiência em um corpo material!

— Sim entendo, já esperava por isso, só não imaginei que seria tão cedo!

— Para nós parece que vocês chegaram ontem, mas na Terra se passaram quase três anos, levando em conta o tempo que Mariana passará em recuperação, o período preparatório para o reencarne das meninas, terá se passado quase dez anos na terra! É importante que elas voltem na mesma família, a adaptação será mais fácil, são vibrações semelhantes.

— Como voltarão na mesma família? Não tive irmãos, Mariana não tem contato com os pais!

— Sim, mas vocês teve primos, Mariana teve irmãos, sobrinhos, por mais que sejam distantes, ainda são família.

— Entendo, aceito a situação, mas não sei se Mariana compreenderá com tanta facilidade!

Francisco afirmou:

— Ela vai aceitar! Conheço Mariana, ela está muito arrependida, envergonhada, já sabe que foi suicida recorrente, está disposta a reparar seus erros e consciente de que o apego foi um grande problema em suas existências.

— Francisco, peço que me ajude a amparar Mariana, não será fácil para ela deixar as filhas partir!

Capítulo V – Eterna jornada

— Ajudarei, sempre farei o possível para ver vocês bem!

— Agradeço muito! É um grande amigo!

Dando uma pausa, Artur refletiu, e respeitosamente perguntou:

— Você já se apresentou para ela?

— Disse que sou seu guardião, não falei nada além disso!

— Não falará que foram casados em uma existência passada?

— Artur, você foi o último companheiro de jornada de Mariana, é com você que ela carrega laços estreitos nesse momento, não quero que ela se sinta confusa, o melhor é falar que sou um irmão!

— Está bem, como queira, sou grato por tudo!

— Artur, agora estamos no plano espiritual, aqui temos consciência de que ninguém pertence a ninguém, sempre levaremos no coração os sentimentos de amor e carinho por aqueles que viveram ao nosso lado na Terra, mas no final, somos todos irmãos!

Artur sorriu e concordou, o guardião estava correto, ele sabia que Mariana e as filhas eram espíritos que tiveram inúmeras vidas e experiências, a última foi ao seu lado, mas todos precisariam continuar a jornada, e nem sempre estariam juntos na caminhada terrena.

Encerrada a reunião, Artur e Francisco foram até a colônia onde Mariana se recuperava.

Artur se aproximou, acariciou os cabelos da esposa, carinhosamente lhe beijou a testa e falou:

— Se recupere logo, nossas filhas estão aguardando!

Francisco aplicou passes sobre o corpo adormecido e se retirou, Artur sentou-se ao lado da cama e passou longo tempo olhando para Mariana.

Mais tarde retornou para sua colônia onde os trabalhos e estudos o aguardavam.

Passados aproximadamente dez meses, Marina estava totalmente recuperada, sentada na cama, sorria enquanto Francisco lhe entregava uma bandeja com o café da manhã:

— Nossa Francisco, assim vou ficar mal-acostumada! Olhe para essa bandeja! Está linda! Tem tudo que eu mais gosto, até meu chá

preferido! Como sabem exatamente o que gosto de comer no café da manhã?

Francisco sorriu e respondeu:

— Conheço seus hábitos, seus gostos, sei muito mais do que pensa!

— Sim, percebi que me conhece bem, e sei que nos cruzamos em outras existências, não consigo me lembrar como, ou quando, mas sinto!

— Mariana, isso não importa, somos irmãos, temos laços de amor, o que interessa agora é que se recupere, fique bem o quanto antes, Artur e suas filhas estão ansiosos para o reencontro!

— Quando poderei ver Artur?

— Antes do que imagina! Trouxe roupas, para ser mais exato, um vestido igual ao seu preferido na Terra, está na hora de partir para outra colônia e recomeçar uma nova vida!

— Vou embora desse hospital?

— Sim, se quiser pode ir, mas se desejar pode fazer parte da equipe de trabalho, receberá treinamento, é uma escolha sua!

— Vou pensar, o que quero agora é encontrar meu marido!

— Então termine sua refeição e se vista, vou levá-la para outra colônia!

Sem perder tempo, Mariana terminou a refeição, trocou de roupa, e quando estava pronta, Francisco retornou:

— Vejo que foi rápida! Agora olhe para mim!

Mariana parou diante de Francisco, ele a abraçou, em seguida segurou em suas mãos e explicou:

— Minha tarefa era te proteger na Terra, por amor permaneci ao seu lado durante o tempo que ficou nesse hospital, hoje preciso retornar ao meu trabalho na falange de guardiões, mas sempre que precisar, é só fechar os olhos e me chamar!

Mariana sorriu, abraçou novamente o guardião, e perguntou:

— Quem vai me levar até a colônia?

— Olhe para trás, seu condutor chegou!

Mariana se virou, e viu que Artur entrava pela porta.

Colocando as mãos no rosto, não conseguiu conter a emoção, entre lágrimas e sorrisos correu em direção do marido, atirando-se em seus braços, tentando controlar o choro, falou:

— Não consigo acreditar! É você! Quanta saudade, senti tanto sua falta!

Agarrado a esposa, Artur sentiu o coração se encher de felicidade, passou a mão em seus cabelos, deu-lhe um beijo, desejava que aquele momento se eternizasse, segurando Mariana pelos braços, a afastou carinhosamente e falou:

— Mariana, meu amor! Também senti muita saudade! Mas por que fez isso? Por que se entregou dessa maneira? Não tem ideia do trabalho que deu para nossos amigos!

Envergonhada ela abaixou a cabeça, as lágrimas desciam pelo rosto, novamente envolveu o marido com um abraço e suplicou:

— Me perdoe, não consegui enfrentar a vida sem você! Agora entendo que sua partida era minha prova, e novamente sucumbi!

— Não chore, se acalme, não precisa me pedir perdão!

— Tenho medo Artur, eu lembro que já estive nessa colônia antes, lembro dos compromissos que assumi ao reencarnar, e sei que não os cumpri, terei que passar por provas semelhantes até vencer essa tendência!

— Mariana, sabemos que cedo ou tarde teremos que reencarnar, e certamente suas provas serão semelhantes, mas não adianta se torturar com isso! Se concentre nos momentos bons que nos aguardam, vamos visitar nossas filhas!

Francisco se aproximou do casal e informou:

— Mariana, Artur, meus irmãos, me despeço, preciso retomar ao meu posto!

Artur deu um forte abraço em Francisco e agradeceu.

Segurando as mãos de Mariana, Francisco olhou em seus olhos e disse:

— Nunca esqueça, sempre estarei ao seu lado!

Mariana retribuiu com um sorriso e o guardião partiu deixando o casal a sós.

Olhando para Francisco que se distanciava no corredor do hospital, Mariana comentou:

— Não consigo lembrar de onde conheço Francisco, mas sinto que o amo muito!

— Ele também te ama muito, todos temos ligações de amor, laços que nos unem pelo coração, nossos guardiões, mentores foram importantes em alguma de nossas existências, eram nossos pais, mães, irmãos, amigos próximos, ou maridos e esposas! O espírito em evolução experimenta todos os tipos de amor até aprender que o amor divino é único e engloba todas as formas de amar! Agora vamos? Pedro está lá fora nos aguardando!

— Quem é Pedro?

— Foi meu guardião enquanto estava na terra, em outra existência meu irmão!

Mariana sorriu e acompanhou o marido.

Pouco tempo depois os três desciam do transporte, Mariana olhou encantada para o grande portão de grades brancas, enfeitado com flores coloridas.

Quando entraram na colônia, Mariana não conseguia esconder a surpresa, a sua frente se estendia um gigantesco gramado, árvores e arbustos floridos se espalhavam por todos os lados, a sua direita uma grande casa branca, do século XVIII, os dois andares mostravam várias janelas azuis, algumas enfeitadas com jardineiras cobertas por flores, as paredes branquíssimas pareciam irradiar suave luz transmitindo tranquilidade, pelo extenso jardim incontáveis crianças corriam de um lado para o outro, brincavam e riam descontraidamente.

Artur e Mariana ficaram paralisados, de boca aberta admiravam a beleza do lugar, sorrindo Pedro falou:

— Fechem a boca! Sei que é lindo, mas ainda não viram nada! Vamos, as meninas nos aguardam!

Mariana perguntou:

— Pedro, essa casa me lembra uma antiga escola que vi na Terra!

— Na verdade não era uma escola, mas um orfanato, o que viu na Terra é uma réplica, foi construída por uma criança que viveu aqui, reencarnou e quando adulto fez uma construção quase idêntica!

— Mas como se lembrou dessa casa para construir uma igual na Terra?

— Mariana, quando reencarnam muitas memórias se apagam temporariamente, mas outras afloram no momento certo! Querida, tudo que vocês constroem na Terra, antes é projetado e executado aqui! Agora vamos entrar!

Mariana e Artur seguiram Pedro, entraram na casa e atravessaram um grande corredor que dava em um jardim localizado nos fundos da construção, no espaço ainda mais florido se espalhavam brinquedos onde as crianças se divertiam.

Ansiosa Mariana começou a olhar para todas as crianças, procurava o rosto das filhas, segurando a mão de Artur, deu um salto e apontou:

— Artur, olhe no escorregador! É Clarinha!

Quando Mariana apontou, a menina olhou, abrindo um grande sorriso gritou:

— Maria, Maria, corra! Mamãe e papai chegaram!

O coração de Mariana batia aceleradamente, sem segurar a emoção correu em direção das filhas, ajoelhando-se na grama abraçou as meninas, sem parar beijava os rostos de Clarinha e Maria, tomada pela emoção, não conseguia encontrar palavras para aquele momento, logo Artur se aproximou, envolveu a família nos braços e ficaram por um longo tempo envolvidos pela felicidade do reencontro.

Pedro, parado na porta da grande casa assistia a cena, sentia-se comovido e deslumbrado com a bondade divina que sempre permite o reencontro de corações saudosos.

Artur e Mariana foram guiados pelas meninas que mostraram todo o lugar, Maria Eduarda, segurando a mão de Mariana falou:

— Mamãe, nós sabemos que estamos mortas, vovó Glória nos contou e explicou que logo vamos para uma nova família, mas você e papai sempre poderão fazer visitas!

Assustada com a declaração da menina, Mariana perguntou intrigada:

— Quem é vovó Glória?

— É a vovó que cuida da casa, tem outras mulheres que cuidam das crianças!

Clarinha complementou:

— E todas são nossas mães! Aqui tem um montão de mãezinha e vovozinha!

Pedro se aproximou sorrindo e explicou:

— Glória é a responsável pela casa, várias mulheres que durante o tempo na Terra não puderam ter filhos, praticaram abortos, ou perderam suas crianças de forma trágica, trabalham nessa colônia, aqui cuidam das crianças e se preparam para nova reencarnação onde assumirão o compromisso da maternidade.

Mariana olhou para Maria e perguntou:

— Filha, quem disse que terão que voltar para uma nova família?

Artur interrompeu:

— Mariana, vamos aproveitar esse momento abençoado, depois conversamos sobre isso!

Ela olhou para o rosto entristecido de Artur, e compreendeu, as filhas em breve começariam nova jornada no plano terreno.

Caminhando pela colônia Mariana e Artur aproveitavam a companhia das meninas, interrompidos por uma sineta que ecoou pela colônia, o casal percebeu que todas as crianças corriam para dentro da casa, novamente Pedro intercedeu:

— É o momento das crianças se prepararem para o jantar!

Clarinha abraçou a cintura de Mariana e perguntou:

— A senhora vai voltar?

— Claro que sim! Voltarei o mais breve possível!

Maria Eduarda, com olhos lacrimejantes falou:

— Precisamos entrar!

Mariana se agachou, olhou fixamente nos olhos da menina e falou:

— Filha, você pode me perdoar? Prometi que nunca as abandonaria, e não cumpri com minha palavra!

— Sim mamãe, vovó Glória já explicou que precisamos perdoar a todos! Eu te amo mamãe!

Mariana novamente não conseguiu conter o choro, abraçou a filha, desejava nunca mais soltá-la, sentindo que Artur a puxava cuidadosamente, ela acariciou o cabelo da menina, deu um último beijo e se despediu.

Artur abraçou as filhas, e as meninas saíram correndo de mãos dadas, os pais ficaram parados olhando até as pequenas desaparecerem no corredor da casa.

Pedro olhou com seriedade para Mariana e afirmou:

— Mariana, não vai ser fácil, mas elas precisam reencarnar o quanto antes e dar continuidade ao que não terminaram na Terra, isso será uma oportunidade para você trabalhar o desapego!

Mariana balançou a cabeça concordando com a afirmação.

Pedro olhou para Artur e lembrou:

— Não esqueça que Mariana ainda precisa visitar o ministério da consciência, vamos marcar para o quanto antes!

— Sim, na verdade já está tudo acertado, amanhã Jaime irá buscá-la!

— Que bom, isso é muito importante!

Confusa, Mariana franziu a testa, e perguntou:

— Será que podem me dizer para onde vão me levar?

— Meu amor, sempre que retornamos para o plano espiritual somos convidados a rever nossa última existência, imagine que será como ver um filme, toda sua vida está gravada e terá a oportunidade de avaliar erros e acertos.

— Não quero ver a vida que tive! Isso já ficou para trás!

Pedro interrompeu:

— Mariana, não é bem um convite, mas sim uma regra, todos passam por isso, portanto, é melhor que aceite.

Notando que o guardião falava com extrema seriedade, e não dava espaço para argumentações, ela preferiu mudar de assunto:

— E para onde vamos agora?

Pedro respondeu:

— Temos uma reunião com Jaime e Cássio, provavelmente Selma e Rosalina estejam presentes, sabe quem são?

— Sim, Rosalina e Jaime me visitaram algumas vezes no hospital, são meus mentores.

— Cássio e Selma são mentores de Artur. Agora vamos, eles nos aguardam!

Quando Pedro deu o primeiro passo, Artur perguntou:

— Pedro, espere, que reunião é essa? Não estou sabendo de nada, pensei que visitaríamos as meninas e depois iríamos para casa!

— Artur, você e Mariana serão informados na reunião, o que posso adiantar agora, é que Mariana precisa organizar uma bagunça que deixou na Terra!

Artur percebeu que não era o momento de fazer perguntas, pegou a mão de Mariana e seguiu o guardião.

Algum tempo depois os três entravam na sala, os mentores aguardavam, Mariana e Artur se sentaram, e Rosalina esclareceu:

— Mariana, nesse momento não vamos entrar no assunto do seu desencarne, isso faremos em nosso próximo encontro, mas existe um assunto urgente que precisa ser tratado! Após o seu desencarne Euclides colocou a casa de vocês a venda, o imóvel, marcado pela tragédia afastava todos os compradores, contudo, muito tempo se passou, o assunto foi esquecido, e um casal comprou a casa.

Mariana sorriu satisfeita, segurando a mão de Artur comentou:

— Espero que sejam tão felizes como nós fomos!

Jaime olhou seriamente para Mariana, balançou a cabeça negativamente e perguntou:

— Com o rei no domínio do plano extrafísico da casa, você acredita mesmo que alguém poderá ser feliz naquele lugar?

O sorriso de Mariana desapareceu, mostrando constrangimento se calou.

Jaime continuou:

— Mariana, o rei é um velho conhecido seu, e...

Interrompendo o mentor, Mariana levantou-se e afirmou com irritação:

— Não conheço aquele ser demoníaco!

Jaime arqueou a sobrancelha, com autoridade falou:

— Sente-se! Antes de interromper ouça! Para início de conversa, o ser demoníaco também é um irmão, encontra-se perdido em trevas, mas merece respeito! Se hoje ele se diz o dono daquele lugar, é porque alguém deu permissão para que ele entrasse! Você sabe nos dizer quem foi que abriu as portas para ele?

Mariana se sentou, e encolheu-se na cadeira, envergonhada, não conseguiu responder a pergunta, Jaime se levantou, andando de um lado para o outro da sala, continuou:

— Pois bem Mariana, continuando a explicação, aquele espírito trevoso e você, tem laços de outra existência, época em que eram filhos de famílias rivais e aprenderam desde cedo a se odiar, viveram e desencarnaram se perseguindo! Agora isso precisa acabar, você deu passagem para ele, é justo que trabalhe para tirá-lo daquela casa!

— Eu? Mas não sei como fazer isso?

Artur segurou firme na mão da esposa e tentou acalmá-la:

— Nossos amigos sabem como fazer as coisas, vão ajudar!

Dessa vez Cássio se pronunciou:

— Artur poderá te acompanhar, vão receber instruções e serão auxiliados por Pedro e Rita, precisam do amparo de guardiões para essa tarefa, portanto, os guardiões de Artur acompanharão!

Jaime olhou para Mariana e explicou:

— O casal, Lurdes e Cleiton, são pessoas de bom coração, raramente discutem, seguem os ensinamentos do pastor, todas as semanas assistem as pregações, são trabalhadores na congregação que escolheram para seguir os ensinamentos de Cristo, não merecem ser prejudicados por aquele bando de desordeiros que se instalou na casa. Os problemas já começaram a aparecer, a mulher sente a presença dos obsessores, tem se mostrado cada vez mais irritada, inquieta, e deprimida, é uma pessoa sensível ao que se passa no plano extrafísico, precisa ser a primeira a receber auxílio.

Mariana, dessa vez mais calma, mostrando humildade perguntou:

— Jaime, como farei isso?

— Rita te ajudará, não é difícil, Lurdes não vai te ouvir, mas receberá suas sugestões, é aquilo que os encarnados chamam de pressentimento, intuição!

Olhando para Pedro, Jaime pediu:

— Irmão, explique qual é o plano.

— Tudo começou porque os guardiões do casal vieram a nosso encontro, tentaram persuadi-los a não comprar o imóvel, mas não conseguiram, então pediram nossa ajuda, uma vez que éramos responsáveis pelos encarnados que viveram na casa e deixaram a bagunça, temos o dever de ajudar! Os guardiões do casal também ajudarão na captura do rei!

Artur perguntou:

— Pedro, o que eu e Mariana vamos fazer?

— Você vai se acercar do marido, fará o possível para acalmá-lo, Mariana fará o mesmo com a esposa, ajudará a mulher a se manter firme e forte na fé, o mais importante é intui-los para que levem o pastor até a casa, a ajuda dele será de grande influência, não podemos permitir que esse casal seja prejudicado pelos espíritos da casa!

Mais uma vez Artur perguntou:

— E como faremos isso sem chamar a atenção do rei e seus escravos?

— Manterão a calma e pensamentos elevados, assim estarão em outra faixa de vibração, não serão percebidos, o casal receberá nossas intuições, estão mais suscetíveis a nós do que aos obsessores. A intenção é que o pastor vá o quanto antes na casa, assim teremos a ajuda da equipe que o ampara nos trabalhos e pregação, juntos e em maior número conseguiremos capturar todos, inclusive o rei.

Rosalina olhou carinhosamente para Mariana e afirmou:

— É a oportunidade de arrumar sua bagunça, devem seguir agora mesmo para a casa do casal, não podemos perder mais tempo!

Encerrada a reunião, Rita e Pedro, acompanhados por Mariana e Artur seguiram para a casa, ao chegar ao local pararam na rua e observaram a horda de espíritos que entrava e saía.

Elevaram as vibrações e sem serem percebidos entraram na residência, encontraram Lurdes preparando o jantar.

Enquanto ela remexia nas panelas, a sua volta dois espíritos desordeiros gritavam:

— Sua fé não é de nada! Aquele pastor mente! Sua trouxa! Ele mente e você acredita! E aquele seu marido, é um safado, te coloca chifres! É, ele te trai com a mulher do pastor!

A cada sugestão Lurdes estremeceu e falava:

— O sangue de Jesus tem poder! Vá de retro satanás!

Os espíritos se divertiam com as investidas, e quanto mais atacavam Lurdes, maior era sua aflição.

Instruída por Rita, Mariana se aproximou de Lurdes, estendeu as mãos sobre sua cabeça da mulher e falou mentalmente:

— Tenha fé minha irmã! Jesus tem poder! Nunca abandona suas ovelhas! Ore, ore com fé!

Lurdes recebeu a sugestão, deu um leve sorriso, desligou o fogo e correu para o quarto, agarrou a bíblia, e começou a leitura dos Salmos de Davi, logo nas primeiras palavras, as vibrações da mulher começaram a subir, Mariana e Rita se aproximaram, estenderam as mãos sobre sua cabeça, feixes de luz se aglutinavam ao redor da mulher, formando um campo de proteção.

Mariana sentou-se ao seu lado e falou:

— Chame o pastor, peça que faça uma oração poderosa em sua casa!

Lurdes parou a leitura, olhou fixamente para a parede, por breves segundos organizou os pensamentos e concluiu:

— Vou ligar para o pastor Felipe, ele tem poder para mandar esses demônios para o inferno!

Sem perder tempo foi até o telefone e ligou:

— Pastor? É a Lurdes! Desculpe incomodar, mas preciso da sua ajuda!

— Lurdes! Como vai? Fale minha irmã, em que posso ajudar?

— Pastor, quero saber se pode vir até nossa casa, acho que tem coisa errada aqui, vejo demônios correndo por todos os lados!

— Irmã, vocês não iam mudar de casa?

— Sim pastor, nós mudamos, faz pouco mais de um mês que estamos nessa casa! Quando compramos o imóvel não nos contaram que aconteceu uma tragédia aqui, foi uma vizinha quem me contou!

— Que tragédia?

— Ela disse que chamavam o lugar de casa das loucas, pois mãe e filhas pequenas enlouqueceram e se mataram aqui dentro!

— Em nome de Jesus! Pobres crianças! Deveriam estar sob o domínio do demônio! Se acalme irmã, irei essa semana até sua casa, mantenha-se firme em sua fé, não deixe que o mal tome conta dos seus pensamentos!

— Não deixarei! Quando o senhor pode vir?

— Que tal na quinta-feira? Depois das 20 horas, me dê o endereço!

Lurdes deu o endereço, se despediu do pastor e voltou para cozinha, ao seu lado Mariana e Rita conversavam:

— Rita, como ela pode ver esses obsessores, mas não consegue nos ver?

— Às vezes ela vê vultos! Quanto mais esses miseráveis vampirizam encarnados, mais materializados ficam, assim podem ser vistos com mais facilidade, se tornam quase palpáveis! Espíritos na nossa condição usam outras fontes de subsistência, o que ingerimos nas colônias são alimentos plasmados com energia universal, sendo assim nossos corpos são sutis, vibram em outra frequência energética, apenas quem tem a mediunidade mais desenvolvida consegue nos ver.

— Se eles ouvirem ela ligar para o pastor, não vão fugir?

— Não conseguiram ouvir, ela estava com as vibrações mais elevadas, nosso passe criou um campo de proteção ao redor de Lurdes, assim eles não conseguem ouvir o que falam na casa, enquanto o casal mantém essa vibração, fica inacessível aos assédios e investidas. Veja, o marido dela está chegando.

Mariana olhou e notou que o rapaz entrava na cozinha, ao seu lado Pedro e Artur.

Ele abraçou a esposa, e Lurdes comentou:

— Cleiton, acabei de ligar para o pastor Felipe, pedi que venha até nossa casa.

— Continua vendo os demônios?

— Sim, continuam, e tentam me convencer de que o pastor é mentiroso e que você me trai com a pastora!

— Tá amarrado em nome de Jesus! Não acredite nisso mulher! Vamos jantar e depois ler a bíblia, o diabo não fica onde a bíblia está aberta!

O casal compartilhava o jantar, enquanto os guardiões instruíam Mariana e Artur, apontando para o canto da sala Pedro falou:

— Como podem perceber, conseguimos ver dois planos nessa casa, o plano físico onde o casal vive e sente a presença dos invasores, e o plano extrafísico onde o rei domina. Mariana, já conseguiu lembrar do seu passado com esse homem?

— Algumas coisas estão surgindo em minha mente, lembro-me de que nossos pais se mataram por uma disputa de terras, depois os filhos continuaram a briga, no final restou eu, na época um homem com mais de quarenta anos, e o rei, com a mesma idade, passamos anos brigando pelas terras!

Pedro acrescentou:

— Essa briga continuou nas zonas umbralinas, cada membro das famílias que desencarnava, era atraído para um agrégora onde travavam lutas incessantes, um ciclo de morte que nunca acabava, isso acabou quando uma equipe de guardiões interferiu e desmantelou os grupos rivais, alguns se conscientizaram e foram recolhidos, entre eles estava você, os que não aceitaram a ajuda, foram levados para outra zona do umbral, o rei foi um deles, pouco tempo depois se uniu a um grupo de escravizadores e foi conquistando cada vez mais poder.

Artur olhava para o rei, a figura maligna se divertia humilhando e maltratando os escravos, sentado em um trono feito por ossos, e decorado com crânios de animais, segurava um longo chicote que

estalava nas costas daqueles que não cumpriam a tarefa, a cada novo estalo de chibata o algoz dava uma estrondosa e medonha gargalhada.

Percebendo que Artur se revoltava com a atitude do carrasco, e suas vibrações caíam, Rita alertou:

— Artur, não se envolva em baixas vibrações, não sinta raiva desse miserável, são vítimas de sua própria falta de consciência, cedo ou tarde terão que prestar contas dos despautérios que praticam, a colheita será árdua!

— É difícil assistir esse ser se divertindo com a humilhação que impões a esses coitados!

— Esses coitados escolheram caminhos que os trouxeram até aqui, muitos receberam auxílio e o convite para iniciar uma nova caminhada na luz, mas não aceitaram, agora sofrem!

Pedro apontou para um espírito que conversava com um grupo:

— Artur, Mariana, estão vendo aquele espírito usando uma casaca vermelha?

Artur respondeu:

— Sim, o que tem ele? Notei que ele anda de um lado para o outro, entra e sai discretamente.

— Aquele é Cléber, um trabalhador de nossa falange!

— Meu Deus! E o que ele faz trabalhando para o rei?

— Está infiltrado! Nosso trabalho aqui é ajudar o maior número possível de espíritos, muitos estão cansados e prontos para rendição, desejam ser resgatados, mas não conseguem escapar da vigilância do rei. Cléber tenta descobrir quem deseja mudar de rumo e os prepara para nossa investida que acontecerá no dia que o pastor vier!

Impressionada Mariana perguntou:

— E se o rei descobrir que ele é um espião?

— Podem prendê-lo, mas o libertaremos em seguida!

O grupo olhou para Lurdes e Cleiton que iniciavam a leitura do evangelho, se acercaram do casal e logo notaram a chegada de outros irmãos, eram os mentores que se aproximavam, acompanhando a leitura que Lurdes fazia em voz alta, todos se concentraram em orações, um dos mentores, um homem baixo, usando uma túnica branca, estendeu a mão

sobre Lurdes e ela começou a pronunciar palavras incompreensíveis, com fervor orava em voz cada vez mais alta, dizia-se inspirada pelo espírito santo.

Vários espíritos da luz se agrupavam ao redor do casal, a sala se iluminava com a presença dos mentores, no canto da sala, o rei e sua horda sentia-se incomodados, podiam ver o casal sentado à mesa com um livro nas mãos, mas não percebiam os trabalhadores de Cristo que iluminavam o lugar. Desconfiado e falando com raiva o espírito trevoso ordenou:

— Cerquem esses imbecis e façam parar o que estão fazendo!

Os subalternos se atiraram em direção do casal, mas antes que alcançassem Lurdes e Cleiton, chocaram-se contra um escudo invisível que protegia o grupo, arremessados para longe, caíram no chão se contorcendo.

O rei se levantou de seu trono e gritou:

— Malditos! Sei que estão aqui! Sinto a presença nefasta de vocês! Apareçam!

Um dos mentores se mostrou para o rei, cercado por uma forte luz, deu alguns passos em direção do verdugo.

Protegendo os olhos da luz, novamente gritou:

— Não deveriam estar aqui! Esse é meu domínio, eu o conquistei!

O mentor parou, com as mãos cruzadas diante do abdômen, falou calmamente:

— Meu caro irmão, se viemos é porque fomos chamados! Ninguém que faça uma oração com fé é ignorado pelo cordeiro!

— Cordeiro dos infernos! Saiam daqui!

— Enquanto formos chamados, continuaremos a visitar esse casal! E você deve pensar seriamente, está na hora de começar uma nova caminhada, aqui não tem mais lugar para você, quando quiser estamos aqui para ampará-lo!

Recuando e tapando os olhos, o rei olhou ao redor e percebeu que sua horda havia debandado, restava apenas ele, reconhecendo que

não podia lutar contra um mentor, e desconfiando que a casa estava cheia de trabalhadores do cordeiro, decidiu fugir.

Antes de desaparecer, cerrou os punhos, levantou os braços para o alto e gritou com toda a força:

— Nunca me submeterei ao seu Cordeiro! Nunca!

O mentor olhou para os companheiros, e mentalmente lamentou.

Cleiton ofereceu um copo de água para esposa, em seguida fecharam a bíblia com um sorriso de satisfação, sequer imaginavam os acontecimentos que se desenrolavam no plano astral da sua casa, sentindo-se calmos, logo se recolheram.

Os mentores se despediram do casal de guardiões, agradeceram Mariana e Artur e partiram, o espaço extrafísico estava tranquilo, no entanto, todos sabiam que em pouco tempo o rei e seus escravos voltariam, ele não desistiria facilmente.

Nos dias seguintes Mariana e Artur dedicavam-se com carinho na realização da tarefa, Pedro e Rita se revezavam no trabalho de instrução do casal, e nos preparativos para a chegada do pastor Felipe, contando com a ajuda dos guardiões de Lurdes e Cleiton, organizavam uma equipe que atuaria na captura do rei e seus subordinados.

Na quinta-feira, pouco antes das 20 horas, Felipe bateu no portão, logo viu que Lurdes e Cleiton saíam da casa, com um sorriso de alívio, Lurdes o recebeu:

— Pastor, fico aliviada, não via a hora do senhor chegar!

— Irmã Lurdes, irmão Cleiton, como estão?

Cleiton apertou a mão do pastor e respondeu:

— Estamos bem, mas essa casa precisa da sua benção! Vamos entrar!

Enquanto o casal acompanhava Felipe, no plano extrafísico uma equipe preparava a armadilha que prenderia todos os espíritos inferiores na casa.

Sem que o rei e seus lacaios percebessem, mais de cem trabalhadores de Cristo se movimentavam pela casa e região.

Guardiões e outros trabalhadores especializados na tarefa, reuniram-se diante da casa, e mentalizando um campo de energia criaram uma abóboda tecida por finos fios de luz que logo se espalharam e cobriram todo perímetro, essa atuaria como campo de contenção, nenhum espírito com baixas vibrações conseguiria romper a barreira, quem estivesse dentro da casa não sairia sem ajuda ou permissão de um dos trabalhadores do Cordeiro.

Mariana, Artur, mentores, guardiões e vários irmãos da luz aguardavam Felipe começar o trabalho.

Reunidos na sala da casa, Lurdes, Cleiton e Felipe deram-se as mãos, quando o jovem pastor iniciou a oração, uma forte luz se acendeu em seu peito, amparado por seu mentor espiritual, Felipe sentiu-se tomado por intensa fé, falava com fervor e confiança.

Nesse momento o rei sentiu-se abalar pelas vibrações que se espalharam pela casa, olhou ao redor e notou que seus escravos pareciam atordoados, andavam de um lado para o outro sem saber de onde vinha aquela energia tão oposta à deles.

Reconhecendo que algo estranho acontecia, o rei bateu com seu cetro no chão, as cortinas invisíveis que separavam plano físico e astral se abriram, nesse momento ele avistou Felipe com a bíblia aberta em concentrada oração, irritado gritou:

— O que esses malditos pensam que estão fazendo? Se continuarem com essa palhaçada logo atrairão uma quantia enorme daqueles infelizes do Cordeiro! Cerquem-nos! Invistam toda sua força contra eles, duvido que aguentem!

Dezenas de escravos se atiraram na direção do trio, mas antes que alcançassem foram impedidos por uma forte luz que se projetou diante de seus olhos, era Caetano, mentor de Lurdes que se colocava em frente, com a mão estendida na direção do bando, o mentor falou:

— Afastem-se! Não podem fazer nada contra esses irmãos!

No mesmo momento a mesma luz que envolvia o mentor, se espalhou ao redor dos espíritos, alguns caíram subitamente no chão, outros tentaram sair da casa, mas foram surpreendidos pelo escudo de contenção que rodeava o lugar.

O rei levantou-se com fúria, olhando com profundo ódio para o mentor, sentiu-se desafiado.

Olhando com espantosa serenidade, Caetano falou:

— Meu irmão, aceite nossa ajuda! Acredita mesmo que pode lutar contra Cristo? Suas loucuras acabam hoje! Faz muito tempo que tem interferido na vida dos encarnados! A espiritualidade superior deu tempo para que se conscientizasse, mas seu prazo acabou!

— Nunca! Nunca me entregarei! Jamais me submeterei às leis e imposições de um Cristo que nunca vil!

— A escolha é sua, poderá seguir para planos onde terá auxílio e estudo para compreender as Leis que regem nosso Universo, ou será convidado a estagiar em uma zona onde não causará mais problemas!

— Essas ameaças não me assustam! Não sou como esses tolos que me servem, conheço meu livre arbítrio e sei que não poderão me manter preso para sempre!

— Tem toda a razão, não poderemos mantê-lo preso para sempre, mas a eternidade não tem fim, esse tempo pode ser muito maior do que imagina! Existem zonas onde apenas os guardiões conhecem a saída, poderá passar um tempo incomensurável tentando encontrar uma maneira de escapar, enquanto isso dividirá o lugar com espíritos semelhantes a você, alguns ansiosos por sua chegada, pois anseiam a oportunidade de acertar contas do passado!

O rei mirou seu cetro na direção de Caetano e gritou:

— Pois tente seu miserável! Eu sou o rei! Sou o rei!

Disparando uma luz vermelha na direção do mentor, fechou olhos, voltou o rosto para o alto e deu uma estrondosa gargalhada, crente de que seu ataque surtiu efeito, retornou a olhar para Caetano, e para sua surpresa o mentor estava rodeado por guardiões, que se pareciam guerreiros segurando espadas e escudos.

Caetano deu alguns passos na direção do rei e falou:

— Olhe a sua volta, veja seus escravos! Todos eles já se renderam!

Ele olhou, percebeu que seus subordinados estavam caídos pelo chão, alguns presos por algemas energéticas nos tornozelos e punhos, e

no canto da casa, vários espíritos se encolhiam ao lado de Cléber. Olhando fixamente ele entendeu que foi enganado, Cléber agora com outra roupa, usava um uniforme com uma cruz no peito, mostrava sua verdadeira função de trabalhador das falanges de guardiões.

Reconhecendo que não podia vencer a batalha, o rei tentou uma fuga fracassada, quando se precipitou para fora da sala, chocou-se violentamente contra o escudo que impedia a saída de qualquer força negativa, o impacto entre forças opostas fez com que o corpo fosse atirado longe, contorcendo-se no chão ele urrava como um animal ferido.

Enquanto os guardiões imobilizavam o rei, Cléber, Rita, Artur e Mariana acercavam-se dos escravos e averiguavam quais estavam verdadeiramente dispostos e iniciar uma nova jornada, aqueles que se mostravam realmente dispostos eram enviados para uma equipe de socorristas que aguardava do lado de fora da casa.

Caetano olhou para Mariana e mentalmente a chamou:

— Mariana, se aproxime, é o momento de conversar com o rei, filha, faça sua parte e peça perdão dos atos praticados no passado, ignore as ofensas, e ore para que juntos, consigamos conscientizar esse irmão dominado pelas trevas!

Mariana olhou para o mentor, assentiu com a cabeça, e foi em direção do rei, agachando-se ao lado do corpo imobilizado no chão ela falou:

— Alejandro, está na hora de acertarmos nossos erros!

Com os olhos arregalados e tomados pelo ódio, o rei sussurrou com raiva:

— Como se atreve a falar meu nome! Sua vadia!

— Ouça, você tem uma nova oportunidade, poderá sair das trevas em que vive, pare com isso, não deixe que o ódio do passado domine suas escolhas!

— Nunca, nunca, seu pai matou toda minha família, e você, esquece o que fez? Matou meu filho!

— Nossos pais se mataram, e tu meu irmão, também matou um dos meus filhos! Cometemos verdadeiras atrocidades, mas isso pode acabar aqui, pode acabar agora! Chega de sofrimento!

Ele se debateu com toda força, e gritou:

— Tirem essa vadia daqui! Me levem para onde quiserem! Mas tirem ela da minha frente!

Pedro e Rita afastaram Mariana, Caetano olhou com piedade para Alejandro, fez um sinal para os guardiões, no mesmo momento os homens escoltaram Alejandro para uma zona umbralina, um local denso e trevoso onde eram aprisionados espíritos com muito conhecimento, mas pouca elevação moral.



No plano físico, pastor Felipe encerrava a evangelização daquela noite, Lurdes e Cleiton o abraçavam e se despediam, confiantes de que todos os demônios foram afastados.

Enquanto o casal se preparava para se deitar, Mariana olhava ao redor com alegria, sabia que a tarefa foi cumprida, notou que Caetano e os mentores se despediam dos trabalhadores.

Pouco tempo depois o plano extrafísico da casa mostrava-se iluminado por uma suave luz azulada, os espíritos trabalhadores do Cordeiro se dispersaram, os obsessores foram encaminhados para os locais compatíveis com suas intenções, e Lurdes e Cleiton dormiam.

Logo Pedro, Rita e Artur se aproximaram, o guardião respirou fundo, passou a mão na testa e falou sorrindo:

— Tarefa cumprida! Mariana, pode comemorar, deu trabalho, mas conseguimos arrumar sua bagunça!

Mariana abaixou a cabeça, rindo com constrangimento comentou:

— Não podem imaginar quantas vezes quis fugir de vergonha! Quando estamos encarnados caímos nas ilusões do plano físico e esquecemos nosso maior propósito que é evoluir, e isso normalmente acontece por meio das provas, aquelas que tanto me recusei a aceitar!

Pedro respondeu sorrindo:

— Vejo que está expandindo sua consciência!

— Sim Pedro, estive com Jaime no ministério da consciência, assisti meu percurso na terra, agora compreendo a gravidade da situação que criei nessa casa!

— Mas isso agora foi arrumado, você poderá começar seus estudos, ainda terão algum tempo ao lado de Maria Eduarda e Clarinha, terão belos momentos para compartilhar em família!

— Sim meu irmão, mas chegará o momento do retorno, e não nego que isso me assusta!

Rita se aproximou, segurou as mãos de Mariana e alertou:

— Mariana, muitos irmãos do plano espiritual vivem assolados pela culpa, aguardam temerosos e ansiosos a oportunidade de reencarnação, pois não conseguem se libertar das dores e arrependimentos do passado, sabem que ao retornar ao corpo físico terão a benevolência divina do esquecimento! Se pretende continuar na erraticidade e fazer um bom trabalho, precisa deixar tudo no passado e compreender que no momento certo terá a oportunidade de reviver as provas que poderão lapidar essa tendência suicida, mas enquanto o momento não chega, faça seu trabalho, estude, pois isso ajudará na próxima reencarnação!

— Sim, Rita, farei isso, tenho Artur ao meu lado e pretendo ficar com ele um longo tempo!

Novamente Rita alertou:

— Sabe que cedo ou tarde você e Artur terão que se separar, essa será sua primeira provação, ao retornarem para Terra, provavelmente virão em famílias diferentes, serão as encruzilhadas da vida e suas escolhas que determinarão um possível reencontro!

— Eu sei Rita, é por isso que recusei a proposta de uma reencarnação agora, nesse momento não me sinto preparada para me afastar de Artur, em breve as meninas voltarão para um corpo físico, terei que superar isso, enquanto for possível ficarei na erraticidade, farei meu trabalho, de dedicarei aos estudos, e viverei feliz ao lado de Artur, consciente de que chegará o momento da separação temporária.

Dessa vez Artur se pronunciou:

— Minha avó se prepara para reencarnar, ficaremos na casa dela até chegar o nosso momento!

Pedro olhou para Artur e concluiu:

— Artur, você e Mariana viveram um grande amor enquanto estavam na Terra, esse amor foi nutrido por laços do passado, uma existência em que foram casados e felizes, na última vida tiveram a oportunidade de reviver e aprimorar esses sentimentos, contudo, nem sempre seus caminhos se cruzarão, então é importante que aprendam sobre o desapego, e reencarnem preparados para vencer essa tendência. Enquanto aprendem, trabalhem, ajudem outros irmãos, isso acrescentará muito na evolução dos dois!

— Sim Pedro, o desapego certamente será uma grande prova em nossa caminhada, principalmente para Mariana. Clara me incentivou a começar o trabalho no hospital onde fiquei em recuperação, estou animado com a nova tarefa!

Mariana olhou para Pedro, em seguida para Artur, deu um sorriso satisfeito e falou:

— Ainda não contei a novidade, mas começarei o trabalho na equipe de socorristas que atua no vale dos suicidas, será uma experiência incomparável, tenho fé que me ensinará muito sobre o suicídio, e isso será de grande valia em minha próxima reencarnação!

Pedro sorriu, olhou para Mariana e concluiu:

— Mariana, aquele vale te ensinará muitas coisas, terá muitos exemplos e ajudará aqueles infelizes que tiraram a própria vida, é triste ver quantos se suicidam quando a ajuda estava ao lado, ou chegando!

— É verdade, se eu tivesse parado apenas alguns minutos, elevado meus pensamentos a Deus, certamente sentiria a presença de meu guardião, e não teria me entregado daquela maneira! A ajuda esteve do meu lado o tempo todo, mas preferi abraçar a dor e revolta e dar as costas a quem queria me ajudar!

Artur olhou para Mariana e sorriu solidariamente, segurando a mão da esposa perguntou:

— Pedro, para onde vamos agora?

— Voltaremos para nossa colônia, a tarefa aqui acabou! Esse casal está caminhando em passos firmes, estão bem amparados, certamente não precisarão mais de nossa ajuda. Muito trabalho nos aguarda do outro lado! E para vocês, é o começo de uma nova caminhada! A eterna jornada do espírito!

Os casais deram-se as mãos, olharam para o alto, elevaram os pensamentos, e instantaneamente desapareceram do ambiente, deixando um tênue rastro de luz que se dissipou pela casa.

No quarto, Lurdes e Cleiton, dormiam amparados por seus guardiões, foram levados em corpo espiritual para um plano superior, onde receberam os cumprimentos e abraços dos mentores espirituais que os parabenizavam pela fé inabalável.

No dia seguinte acordaram renovados e felizes, assim que abriram os olhos, as lembranças dos momentos vividos no plano superior se dissipariam do consciente, mas continuariam latentes em seus espíritos eternos.



---

## **SOBRE O LIVRO**

Formato: 14 x 21 cm

Tipologia: Garamond/Brush Script 10/11/14/16/26

1ª edição: 2019

---